

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DISSERTAÇÃO

**A FONTE DE TODO MAL: SEXUALIDADE E BRUXARIA NO
MALLEUS MALEFICARUM**

RHAYANA ANTUNES PIMENTEL

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A FONTE DE TODO MAL: SEXUALIDADE E BRUXARIA NO
MALLEUS MALEFICARUM**

RHAYANA ANTUNES PIMENTEL

Sob a Orientação do Professor
Yllan de Mattos Oliveira

e Coorientação da Professora
Carolina Gual da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em História**, no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em Relações de Poder e Cultura.

Seropédica, RJ
Março de 2023.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P644f Pimentel, Rhayana Antunes, 1991-
A Fonte de todo Mal: sexualidade e bruxaria no
Malleus Maleficarum / Rhayana Antunes Pimentel. - Rio
de Janeiro, 2023.
121 f.

Orientador: Yllan de Mattos Oliveira.
Coorientadora: Carolina Gual da Silva.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
História, 2023.

1. Malleus Maleficarum. 2. bruxas. 3. sexualidade.
I. Oliveira, Yllan de Mattos , 1981-, orient. II.
Silva, Carolina Gual da , 1979-, coorient. III
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em História. IV. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 325 / 2023 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.019597/2023-93

Seropédica-RJ, 31 de março de 2023.

RHAYANA ANTUNES PIMENTEL

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRA EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 30 de março de 2023

Dra. CAROLINA COELHO FORTES, UFF Examinadora Externa à Instituição

Dra. CLAUDIA REGINA BOVO, UFTM Examinadora Externa à Instituição

Dra. CAROLINA GUAL DA SILVA, UFRRJ Examinadora Externa ao Programa

(Assinado digitalmente em 02/04/2023 19:45)

CAROLINA GUAL DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptHRI (12.28.01.00.00.00.86)
Matrícula: 1055487

(Assinado digitalmente em 31/03/2023 15:41)

CLAUDIA REGINA BOVO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 279.631.408-13

(Assinado digitalmente em 17/04/2023 11:25)

CAROLINA COELHO FORTES
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 087.849.927-00

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **325**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **31/03/2023** e o código de verificação: **fe91fea6fa**

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Yllan de Mattos Oliveira, que acolheu o projeto em seu início.

À minha querida coorientadora, Profa. Dra. Carolina Gual da Silva, pela generosidade, atenção e paciência. Não teria concluído esse trabalho sem o seu apoio.

À Profa. Dra. Carolina Coelho Fortes e a Profa. Dra. Cláudia Regina Bovo pela disponibilidade em participarem da minha banca.

À minha mãe Josana e minha tia Vera, por todo amor, e por serem minhas maiores incentivadoras.

À minha namorada Rayssa, pelo companheirismo, carinho e compreensão.

À minha prima Paola, pela ajuda e pelos ensinamentos constantes.

Ao meu pai Paulo, meu irmão Paulo José, e minha prima Mariana.

E sobretudo, à Deus por colocar no tempo certo cada coisa no seu devido lugar.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001.

RESUMO

PIMENTEL, Rhayana Antunes. **A Fonte de todo Mal: sexualidade e bruxaria no *Malleus Maleficarum***. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

Publicado no final do século XV, o *Malleus Maleficarum* ficou conhecido por defender métodos atrozos no combate à bruxaria e por acusar as mulheres de serem as principais adeptas das práticas mágicas. Às bruxas foram atribuídas várias características, mas sobretudo a de serem malignas e luxuriosas. A obra teve grande circulação e impacto na percepção sobre o que seria essa bruxaria feminina. Por essa razão, a finalidade dessa pesquisa é compreender como o exercício da sexualidade feminina influenciou na construção das acusações de bruxaria. Através da análise do discurso que Kramer e Sprenger fizeram sobre as diferenças existentes entre os gêneros masculino e feminino, objetiva-se explicar os motivos que fizeram as mulheres serem mais associadas ao sexo do que os homens, de que forma isso ocorreu, e porque as mulheres representavam um enorme perigo na visão deles. É possível afirmar que a sexualidade feminina foi considerada a fonte de todo mal, já que para os autores do *Malleus Maleficarum*, à medida que as bruxas agiam sobretudo através do sexo e contra ele, elas se contaminavam, contaminavam a humanidade, e adiavam o Juízo Final.

Palavras-chave: *Malleus Maleficarum*, bruxas, sexualidade.

ABSTRACT

PIMENTEL, Rhayana Antunes. **The Source of all Evil: sexuality and witchcraft in the *Malleus Maleficarum***. Dissertation (Master in History). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

Published at the end of the 15th century, the *Malleus Maleficarum* became known for defending atrocious methods in the fight against witchcraft, and for accusing women of being the main supporters of magical practices. Several characteristics were attributed to witches, but above all that of being evil and lustful. The work had great circulation and impact on the perception of what this female witchcraft was. For this reason, the purpose of this research is to understand how the exercise of female sexuality influenced the construction of accusations of witchcraft. Through the analysis of the discourse that Kramer and Sprenger made about the existing differences between male and female genders, the objective is to explain the reasons that made women be more associated with sex than men, how this occurred, and why women represented a huge danger in their eyes. It is possible to state that female sexuality was considered the source of all evil, since for the authors of the *Malleus Maleficarum*, as witches acted mainly through sex and against it, they contaminated themselves, contaminated humanity, and postponed the Judgment Final.

Keywords: *Malleus Maleficarum*, witches, sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	15
AS SUPERSTIÇÕES E MAGIAS	15
1.1 - A idolatria	16
1.2 - As adivinhações	18
1.3 - A bruxaria	32
CAPÍTULO II:	37
A CONTAMINAÇÃO DO ATO VENÉREO E DA CONCEPÇÃO	37
2.1 - As contribuições de Eva e Maria	38
2.2 - As jovens	44
2.3 - As matronas	46
2.4 - As velhas	48
2.5 - Os males causados aos homens.....	54
2.6 – O casamento.....	60
2.7 – Os males causados às mulheres.....	73
CAPÍTULO III.....	89
O PACTO COM O DIABO	89
3.2 – O Sabá.....	100
3.3 – A iniciação na bruxaria	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115

INTRODUÇÃO

No início do século IV, o imperador Constantino concedeu liberdade de culto aos cristãos e, alguns anos mais tarde, o imperador Teodósio transformou o Cristianismo em religião oficial do Império Romano. Desde que deixou de ser uma religião marginalizada, o Cristianismo passou a perseguir os pagãos da mesma forma que havia sido perseguido anteriormente por eles. O objetivo de conseguir o controle social através do monopólio da fé se iniciou na Antiguidade, mas se intensificou no discurso eclesiástico produzido ao longo da Idade Média.

De acordo com Jean Testas e Guy Testas, a Inquisição Medieval foi fundada em abril de 1229, sob o pontificado de Gregório IX¹. O perigo imaginado do movimento cátaro exigia que a Igreja tomasse medidas mais enérgicas contra os hereges. Em abril do mesmo ano, Raimundo IV, conde de Toulouse, Branca de Castela, regente do reino da França, e o cardeal Romain de Saint-Ange, legado do papa, assinaram um tratado em Paris. A legislação elaborada estipulava:

- que em cada paróquia, uma comissão composta por um padre e dois ou três laicos de boa reputação, seria encarregada de explorar todos os esconderijos e de dar a conhecer, de assinalar todo o herético, ao bispo e ao senhor do lugar;
- que os senhores deveriam procurar os heréticos; seriam decretadas penas contra os oficiais negligentes, contra qualquer habitante que ajudasse um herético;
- precisou-se que se podia procurar os heréticos onde quer que fosse e que os agentes senhoriais tinham obrigação de se prestarem a este inquérito;
- o concílio ordenou, a fim de que o inocente não fosse punido pelo culpado, que ninguém fosse condenado como herético, salvo se o bispo do lugar ou outra pessoa com poder da Igreja, o tivesse julgado como tal.²

Em fevereiro de 1231, o papa publicou uma constituição, na qual defendeu que apenas a Igreja tinha o direito de condenar os heréticos. “Nesse mês de fevereiro de 1231, o senador de Roma Anibaldo instrui o processo de alguns cátaros e publica, ao mesmo tempo, um *estatuto contra os heréticos*[...]”³.

Ambos documentos foram reunidos e enviados aos bispos, que não procederam com o rigor esperado pelo pontífice. Diante disso, o papa percebeu a necessidade da criação de uma milícia que combatesse os hereges e que respondesse diretamente a ele. Concedeu aos dominicanos a supervisão da Inquisição.

¹ TESTAS, Gui; TESTAS, Jean. **A Inquisição**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968, p.14.

² *Ibidem*, p. 15.

³ *Ibidem*, p. 16.

Os bispos resistiram à implementação da Inquisição, pois sabiam que a perseguição de membros da sua comunidade geraria conflitos e causaria a desestabilização dos vínculos locais que haviam estabelecido. Foram contrários à presença dos inquisidores porque ela rivalizava com a autoridade episcopal. O papa havia tomado para si o controle da atividade inquisitorial, de modo que esta não precisava estar mais sujeita aos interesses dos poderes locais.

Na Alemanha, as perseguições a heresias estavam em curso desde o início do século XII. Alguns heréticos chegaram a ser condenados à morte pelos próprios moradores locais, sem nem mesmo terem sido julgados. Porém um dos nomes mais famosos pelas repressões na Alemanha é o do padre secular Conrado de Marbourg. Ainda que não fosse um inquisidor, Conrado foi responsável por uma onda persecutória implacável que subtraiu a vida de um grande número de pessoas. Após divergências com os bispos, e a tentativa de perseguir nomes importantes, foi assassinado enquanto se deslocava da Mogúncia para Marbourg.

Além dos cátaros, a Inquisição Medieval lutou contra os valdenses, os espirituais, os judeus, os templários e os feiticeiros. Assim como os cátaros, os valdenses eram originários da França, e foram duramente reprimidos pela Igreja. No século XIII, o papa Lúcio III reforçou a condenação ao movimento no IV Concílio de Latrão. Os Espirituais foram uma corrente derivada dos Franciscanos e defendiam um modo de vida pautado na pobreza. O papa João XXII foi o responsável pela condenação do movimento. Mesmo não sendo cristãos, os judeus foram perseguidos pela Inquisição. As conversões de judeus ao cristianismo eram vistas como suspeitas, assim como os judeus que exerciam sua fé no judaísmo. Podemos destacar a condenação do papa Clemente IV no século XIII, aos judeus convertidos, e a do papa Inocêncio VI no século XIV. A perseguição aos Templários partiu do rei da França, Felipe, o Belo. A rivalidade entre ele e os templários, fez com que o papa Clemente V determinasse a abertura de um inquérito no início do século XIV. Ainda no século XIII, o papa Alexandre IV determinou que a feitiçaria devia ser combatida pela Inquisição. Outro nome papal que se preocupou com as práticas de magia foi o do papa João XXII.⁴

A partir do século XIV, os manuais inquisitoriais passaram a ser publicados para auxiliar na conduta com os hereges. Em 1320, Bernard Gui lançou o *Practica Inquisitionis heretice pravitatis*. O inquisidor mostrou-se atuante contra os cátaros, valdenses e exerceu influência também em condenações contra judeus.

⁴ A fim de maior aprofundamento quanto ao modo persecutório dessa sociedade como dinâmica estrutural, ver R.I. Moore **The formation of a persecuting society: Authority and Deviance in Western Europe 950–1250**. 2.ed. Oxford: Blackwell, 2007.

Em 1376 foi a vez do dominicano Nicolau Eymerich publicar o *Directorium inquisitorium*, também conhecido como Manual dos Inquisidores. Segundo Anita Novinsky, “Na época medieval o mais famoso inquisidor foi Nicolau Eymerich, autor de um Manual que foi durante séculos o guia sob o qual se orientavam os inquisidores. Esse Manual criou também as normas do funcionamento da Inquisição Moderna [...]”⁵. Na obra, Eymerich chegou a especificar três categorias de bruxos:

1-Aqueles que prestam aos demônios um culto idolátrico, oferecendo-lhe sacrifícios, prostrando-se diante deles, cantando cânticos, queimando velas ou incensos em sua honra, etc.

2 - Aqueles que se limitam a prestar-lhes um culto de filiação ou hiperdulia, misturando nas suas ladainhas os nomes dos santos e dos demônios e suplicando a estes últimos que sejam seus intercessores diante de Deus, etc.

3 - Aqueles que os invocam com a ajuda de figuras mágicas, colocando uma criança no assunto no interior dum círculo, servindo-se de uma espada, de um espelho, etc.⁶

Já em 1435 e 1437, o teólogo Johannes Nider escreveu a obra *Formicarius*. O autor trabalhou casos de bruxaria, retratando o mundo mágico dos heréticos. As três obras mencionadas são conhecidas pelo combate aos heréticos e, ainda que tratem da feitiçaria, as mulheres não aparecem como as protagonistas da prática, assim como fariam Henrich Kramer e James Sprenger na obra que lançariam anos mais tarde.

Os dois dominicanos foram nomes atuantes na Igreja e no combate das heresias. De 1444 a 1500, Kramer foi nomeado para o cargo de inquisidor em Tirol, Salzburgo, Boêmia e Morávia. Atuou também como diretor espiritual da igreja dominicana, núncio papal e combatente dos heréticos valdenses. Já Sprenger, de 1480 a 1481, foi deão dos professores de teologia da Universidade de Colônia. Exerceu ainda a função de inquisidor em Tréves, Mainz e Colônia, de prior do convento da Ordem em Colônia e de diretor de toda a província germânica da Ordem.

Em 1486, em Colônia, publicaram o *Malleus Maleficarum* para que servisse de manual no processo de identificação, perseguição e condenação das mulheres acusadas de bruxaria. A obra foi pioneira em associar diretamente a bruxaria ao gênero feminino, foi responsável por levar o debate sobre as bruxas para além do campo religioso e teve grande circulação na Europa. Segundo Silvia Regina Liebel o título revela a intenção da obra, já que não foram utilizados os termos “*Maleficarum*” e “*Maleficorum*” para se referirem às bruxas e aos bruxos

⁵ NOVINSKY, Anita. **A Inquisição**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p.20.

⁶ CARO BAROJA, Júlio. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Editora Vega, 1978, p. 130.

respectivamente. O emprego exclusivo de “*Maleficarum*” mostra que o protagonismo foi atribuído às mulheres. Ainda de acordo com a autora, o *Malleus* teve 34 edições em latim entre os séculos XV e o final do século XVII. Nos séculos seguintes, XVIII e XIX as edições foram suspensas, retornando apenas no século XX.⁷

A obra é composta por quatro partes: A bula papal, parte I, parte II e parte III. A bula *Summis desiderante affectibus*, expedida em 1484 pelo papa Inocêncio VII, conferiu legitimidade às atividades de Kramer e Sprenger. Trata-se de um documento que estava direcionado às aldeias e províncias da Alemanha do Norte. Nela, o papa autorizava que os inquisidores atuassem contra as heresias que eram praticadas por homens e mulheres nas regiões especificadas, mas não mencionava ter preocupação específica com alguma prática ou agente, como a bruxaria e as bruxas. Somos levados a crer que o foco dado à perseguição feminina foi iniciativa dos autores do *Malleus*. Percebemos ainda que existiam resistências locais à presença do Santo Ofício. Apesar de ser uma instituição da Igreja, havia oposição contrasua presença nas comunidades, pois, de camponeses às camadas abastadas, todos deviam se submeter ao jugo eclesiástico. Aqueles que se negassem a colaborar, estavam incitando a ira de Deus, pois, ou bem se estava a favor da Igreja, ou contra ela. Eis o conteúdo da bula papal⁸:

Desejando, na mais sincera apreensão, como bem requer o Nosso Apostolado, que a Fé Católica, mormente em Nossos dias, cresça e floresça por todas as partes, e que toda a depravação herética seja varrida de todas as fronteiras e de todos os recantos dos fiéis, é com enorme satisfação que proclamamos e inclusive reafirmamos os meios e métodos particulares pelos quais Nosso desejo piedoso poderá surtir os efeitos almejados, já que quando todos os erros forem erradicados pela Nossa dissuasão diligente, como pela enxada do agricultor previdente, um maior zelo e uma observância mais regular de Nossa Santa Fé venham a ficar mais firmemente impressos no coração dos fiéis. De fato, chegou-nos recentemente aos ouvidos, não sem que nos afligíssemos na mais profunda amargura, que em certas regiões da Alemanha do Norte, e também nas províncias, nas aldeias, nos territórios e nas dioceses de Mainz, de Colônia, de Trêves, de Salzburgo e de Bremen, muitas pessoas de ambos os sexos, ao negligenciar a própria salvação e ao se desgarrarem da Fé Católica, entregaram-se a Demônios, a íncubos e a súcubos, e pelos seus encantamentos, pelos seus malefícios e pelas suas conjurações, e por outros encantos e feitiços amaldiçoados e por outras também amaldiçoadas monstruosidades e ofensas hórridas, têm assassinado crianças ainda no útero da mãe, além de novinhos, e têm arruinado os produtos da terra, as uvas das vinhas, os frutos das árvores e mais ainda: têm destruído homens, mulheres, bestas de carga, rebanhos, animais de outras espécies, parreirais, pomares, prados, pastos, trigo e muitos outros cereais; essas pessoas miseráveis ainda afligem e atormentam homens e mulheres, animais de carga, rebanhos inteiros e muitos outros animais com dores terríveis e lastimáveis e com doenças atrozes, quer internas, quer externas; e impedem os homens de realizarem o ato sexual e as mulheres de conceberem, de tal forma que os maridos não vêm a

⁷ LIEBEL, Silvia Regina. **O cerne das perseguições às bruxas**. Youtube, 10/05/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F0PeUodfYMQ&t=2527s>.

⁸ Devido ao fato da bula papal citar Kramer e Sprenger, optamos por referir a autoria do *Malleus* aos dois autores, ainda que uma parte da historiografia conteste a participação de Sprenger.

conhecer as esposas e as esposas não vêm a conhecer os maridos; porém, acima de tudo isso, renunciam de forma blasfema à fé que lhes pertence pelo Sacramento do batismo, e por instigação do Inimigo da Humanidade não se escusam de cometer e de perpetrar as mais sórdidas abominações e os excessos mais asquerosos para o mortal perigo de suas próprias almas, pelo que ultrajam a Majestade Divina e são causa de escândalo e de perigo para muitos. E não obstante Nossos queridos filhos Henry Kramer e James Sprenger, professores de teologia, da Ordem dos Monges Dominicanos, tenham sido por Cartas Apostólicas delegados como Inquisidores de tais depravações heréticas, e ainda sejam Inquisidores, o primeiro nas regiões da Alemanha do Norte, onde se incluem as mencionadas aldeias, os distritos, as dioceses e outras localidades especificadas, e o segundo em certos territórios que ficam às margens do Reno, não poucos clérigos e leigos das regiões citadas, procurando curiosamente saber mais do que lhes compete – já que as cartas mencionadas não citam nem fazem menção específica de tais províncias, aldeias, dioceses e distritos, e já que os dois delegados e as abominações que devem combater não foram mencionados de forma pormenorizada e particular –, não se acanham em afirmar, na mais despudorada desfaçatez, que tais monstruosidades não são praticadas naquelas regiões, e que, conseqüentemente, os supracitados Inquisidores não têm o direito legal de exercerem os poderes da Inquisição nas províncias, nas aldeias, nas dioceses e nos distritos enumerados, e também que os Inquisidores não podem proceder com a punição, com a prisão e com a penalização dos criminosos culpados das ofensas hediondas e das muitas perversidades que já se acham esclarecidas. Por conseguinte, nas supracitadas províncias, aldeias, dioceses e territórios, as abominações e atrocidades em questão permanecem sem punição, e não sem grave perigo para as almas de muitos e não sem o perigo da danação eterna. Pelo que Nós, no cumprimento de Nossas obrigações, mostrando-Nos absolutamente desejosos de remover todos os empecilhos e obstáculos que tornam morosa e difícil a boa obra dos Inquisidores, e também desejosos de aplicar remédios potentes a fim de prevenir a doença da heresia e de outras torpezas que difundem o seu veneno para a destruição de muitas almas inocentes, já que Nosso zelo pela fé é o que Nos incita especialmente, para que as províncias, as aldeias, as dioceses e os distritos e territórios da Alemanha, que já especificamos, não se vejam privados dos benefícios do Santo Ofício para esse fim firmado, pelo teor das presentes letras, em virtude de Nossa autoridade apostólica, decretamos e estabelecemos que os mencionados Inquisidores têm o poder de proceder, para a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas, sem qualquer impedimento, de todas as formas cabíveis, como se as províncias, as aldeias, as dioceses, os distritos e territórios, e ademais, como se, inclusive, as pessoas e os crimes dessa espécie tivessem sido indicados e especificamente mencionados em Nossas cartas. Além disso, para maior segurança, determinamos que o poder conferido por tais Cartas se estendem a todas as mencionadas províncias, dioceses, aldeias, distritos e territórios, a todas as pessoas e a todos os crimes acima indicados, e damos permissão aos supracitados Inquisidores, a um separadamente ou a ambos, como também a Nosso filho John Gremper, pároco da diocese de Constance, mestre em ciências humanas, a seu notário, ou a qualquer outro notário público, que esteja com eles, ou com um deles, temporariamente designado para aquelas províncias, aldeias, dioceses, distritos e os supracitados territórios, para proceder conforme as normas da Inquisição contra quaisquer pessoas de qualquer classe ou condição social, corrigindo-as, multando-as, prendendo-as, punindo-as, na proporção de seus crimes – e aos que forem considerados culpados que a pena seja proporcional à ofensa. Além disso, gozarão da plena faculdade de expor e de pregar a palavra de Deus aos fiéis, tanto quanto for oportuno e quanto lhes aprouver, em cada uma das paróquias de tais províncias, e haverão de livre e lícitamente realizar quaisquer ritos ou executar quaisquer atos que possam lhes parecer recomendáveis nos casos mencionados. Pela Nossa autoridade suprema, conferimos-lhes poderes plenos e irrestritos. Ao mesmo tempo, pelas Cartas Apostólicas, solicitamos ao Nosso venerável Irmão, o bispo de Estrasburgo, que ele próprio anuncie, ou através de outra ou de outras pessoas faça anunciar, os termos de Nossa Bula, que há de publicar de forma solene quando e sempre que julgar necessário, ou quando assim for solicitado a proceder pelos Inquisidores ou por um deles. Nem haverá ele de padecer em desobediência ao teor da presente por ser molestado ou impedido por qualquer autoridade que seja: haverá

de ameaçar a todos os que vierem a dificultar ou impedir a ação dos Inquisidores, a todos os que se lhes opuserem, a todos os rebeldes, de qualquer categoria, estado, posição, proeminência, dignidade ou de qualquer condição que seja – não importando o privilégio de que disponha – haverá de ameaçá-los com a excomunhão, a suspensão, a interdição e, inclusive, com as mais terríveis penas, as piores censuras e os piores castigos, como bem lhe aprouver, sem qualquer direito de apelação, e se assim o desejar poderá, pela autoridade que lhe concedemos, agravar e renovar tais penas quantas vezes for necessário, recorrendo, se assim convier, ao auxílio do braço secular. *Non obstantibus...* Que ninguém portanto... Mas se alguém assim ousar agir – que Deus o proíba –, saiba que sobre si recairá a ira de Deus Todo-Poderoso e a dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo. Roma, Basílica de São Pedro, 9 de dezembro do Ano da Encarnação de Nosso Senhor de 1484, no primeiro Ano de Nosso Pontificado.⁹

A parte I foi intitulada de: *Das três condições necessárias para a bruxaria: O Diabo, a bruxa e a permissão de Deus Todo-Poderoso*. Nas quatorze questões que compõem a primeira parte, Kramer e Sprenger apontaram basicamente que o objetivo principal da obra era provar que, com a permissão de Deus e com o auxílio do diabo, as bruxas existiam e eram capazes de causar males reais

A parte II foi intitulada de: *Dos métodos pelos quais se infligem os malefícios e de que modo podem ser curados*. A Questão I é formada pelo Capítulo I – Capítulo XVI e a Questão II é formada do Capítulo I – Capítulo VIII. Nessa parte, o leitor compreende melhor quais indivíduos eram mais resistentes à ação das bruxas, como elas firmavam um pacto com o diabo, como se relacionavam sexualmente com homens e demônios, como atacavam o ato sexual e a concepção, e quais remédios deviam ser usados pelos vitimados.

A parte III foi intitulada de: *Que trata das medidas judiciais no Tribunal Eclesiástico e no Civil a serem tomadas contra as bruxas e também contra todos os hereges*. Após as Considerações Gerais, o Primeiro Tópico foi composto da Questão I-V, o Segundo Tópico foi composto da Questão VI – XVI, e o Terceiro Tópico foi composto da Questão XVII – XXXV. Os autores trataram dos métodos que deviam ser empregados na abertura de processo, interrogatório, confissão e condenação das mulheres acusadas de bruxaria. Cabe salientar que não falaremos do processo jurídico imputado as mulheres acusadas de bruxaria, e, portanto, a parte III não será especificamente analisada nesse trabalho.

Os autores expuseram que algumas pessoas defendiam opiniões contrárias àquelas que estavam sendo defendidas no *Malleus*. Dessa forma, entendemos que a oposição ao funcionamento do Santo Ofício também estava relacionada à presença de pensamentos

⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015, pp. 49-52.

heterodoxos, pois nem todos os cristãos acreditavam e tinham a mesma concepção sobre o poder das bruxas.

Kramer e Sprenger buscaram desarticular as opiniões de que as bruxas não existiam ou que não eram poderosas. Alegaram ter vivenciado episódios com elas, assim como tinham conhecimento de que outras tantas testemunhas haviam passado pelo mesmo. O intuito era reforçar a ideia de que a bruxaria não só era real, como ela já havia se alastrado.

Se a bula papal conferiu legitimidade de ação, o arcabouço teórico utilizado conferiu legitimidade à argumentação que construíram contra as bruxas. Para mostrarem que suas inquietações sobre o poder diabólico eram verídicas, os autores se pautaram nas Sagradas Escrituras e nos documentos oficiais da Igreja Católica, como as decretais de Direito Canônico. Autoridades cristãs também foram citadas, como: Alberto Magno, Isidoro de Sevilha, Gregório Magno, Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, entre outros.

Podemos dizer que toda a argumentação do *Malleus* gira em torno de pelo menos quatro discussões principais: a permissão do poder divino, a existência do livre-arbítrio, o entendimento a respeito do *Canon Episcopi* e a crença escatológica.

Era importante esclarecer que o poder divino continuava se sobrepondo ao poder diabólico, apesar da bruxa ser cúmplice do diabo e de ambos orquestrarem a corrupção dos seres humanos. As bruxas eram agentes diabólicas de uma prática nefasta, mas os cristãos não podiam esquecer que elas estavam submetidas ao poder de Deus e que a bruxaria não funcionava de modo independente da permissão divina. Deus autorizava o crescimento dos casos de bruxaria para a exaltação de sua glória, sujeitando o Diabo à condição de seu servo e reafirmando novamente a sua infalibilidade. Segundo o *Malleus*:

Deus, contudo, é o provedor universal do mundo inteiro e é capaz, destarte, de dos males particulares extrair um grande bem; pois que por meio da perseguição dos tiranos surgiu a paciência dos mártires, e pelo intermédio das obras das bruxas surgem a purgação e a provação da fé dos justos, conforme será demonstrado. Não é propósito de Deus, portanto, prevenir todo o mal, para que o mundo assim não careça da causa de tantos bens.¹⁰

A noção de livre-arbítrio tomava como premissa a liberdade na condução das escolhas individuais, dispensando qualquer ser humano da imposição de escolher ou fazer algo. Por essa razão, os autores eram contrários à ideia de destino como uma determinação causada pela ordenação dos astros. O destino só era aceito quando interpretado como Providência Divina, que determinava acontecimentos que manifestavam a vontade de Deus.

¹⁰ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 69.

Aqueles que discordavam da existência das bruxas ignoravam que Deus consentia que o poder diabólico agisse e que os indivíduos fizessem suas próprias escolhas. Parte desse resultado estava relacionado às interpretações feitas sobre o *Canon Episcopi*. O *Canon Episcopi* é um documento canônico do século X, que comprova que a Igreja, até a Alta Idade Média, não acreditava na existência das bruxas, pois considerava a bruxaria apenas como ilusória. No entanto, para Kramer e Sprenger, a bruxaria podia ser ilusória e concreta ao mesmo tempo. O leitor precisava entender a forma com que a bruxaria funcionava, pois se continuasse sendo considerada apenas ilusória ela não seria punida, e a falta de castigo proporcionaria às bruxas se proliferassem ainda. É evidente que, para os autores, a Igreja era sólida e inalterável e por isso não acreditavam que ela tivesse mudado de opinião sobre a bruxaria ao longo dos séculos.

A crença de que as bruxas estavam se proliferando foi associada à ideia de que o mundo estava chegando no seu fim. Observamos no *Malleus* a presença de um discurso pautado na escatologia, ainda que ele não tenha tratado especificamente e aprofundado o debate sobre o assunto. A escatologia exerceu forte influência no pensamento europeu nos séculos XVI-XVII, mas vemos que no final do século XV ela já estava inserida nas discussões.

A partir desse desenvolvimento das práticas de perseguição às heresias e à bruxaria, esta pesquisa objetivou analisar o discurso dos autores sobre a sexualidade feminina, e como ela foi usada para justificar as acusações de bruxaria no *Malleus*. No primeiro capítulo abordamos as superstições e magias condenadas na obra. Através da investigação de cada uma delas, buscou-se apresentar os motivos que fizeram os autores chegarem à conclusão de que a bruxaria era o pior tipo de superstição e que a bruxa era a pior agente mágica.

No segundo capítulo entendemos como se deu a condenação da natureza feminina ao longo do tempo e qual a relação disso com a imagem da bruxa. Procurou-se mostrar ainda como os autores diferenciaram as mulheres entre si e quais justificativas utilizaram para acusarem certas mulheres e não outras pela prática da bruxaria. Além disso, investigamos os meios pelos quais as bruxas atacavam os homens, as mulheres, e os casamentos.

No terceiro capítulo compreendemos como se estabelecia a relação entre os homens e as mulheres praticantes de bruxaria e o diabo. Pretendeu-se tratar do significado e da importância do pacto diabólico e do sabá.

CAPÍTULO I AS SUPERSTIÇÕES E MAGIAS

Kramer e Sprenger denunciaram tanto as práticas mágicas femininas, quanto as masculinas. Se, por um lado, essa constatação transmite erroneamente a ideia de que as práticas eram condenadas de modo equivalente, por outro, demonstra que os autores da obra acreditavam que determinadas práticas eram mais propensas de serem realizadas por determinado gênero do que por outro. Precisamos entender quais diferenças foram detectadas entre as práticas e entre os agentes que as operavam e, ainda, como foram usadas para justificar os discursos distintos em relação a cada um deles.

O *Malleus* ressaltou que:

[...] o escopo da presente investigação só abrange a bruxaria, que difere muitíssimo de todas essas outras artes ocultas. Considerá-las, portanto, seria fora de propósito, já que os que as praticam podem ser chamados com maior exatidão de adivinhos, de vaticinadores ou de profetas, e não de magos ou feiticeiros.¹¹

Afirmar que a obra estava direcionada à investigação da bruxaria não significava dizer que estava limitada a esse assunto. Não era fora de propósito abordar as outras práticas mágicas, mas, sim, considerar que essas, eram semelhantes à bruxaria. Não bastava pontuar que a bruxaria era uma prática diferente das demais. Era necessário ressaltar que as diferenças eram negativas e explicar os porquês. Também era importante garantir que os agentes da bruxaria não fossem confundidos com os agentes das demais práticas mágicas.

O objetivo era provar “[...] a atrocidade dos crimes das bruxas comparando-os com as obras maléficas dos magos e dos adivinhos.”¹² Para isso, classificaram os tipos de superstição e trataram discriminadamente das espécies de magia. Dentre as três superstições estavam: a idolatria, a adivinhação e a observação do tempo e das estações. A adivinhação foi dividida em outras três subcategorias: a invocação explícita dos demônios, a disposição e movimento de certos elementos e o sortilégio. Desses últimos três tipos, derivaram quatorze espécies de magia: a magia prestidigitatória; a oniromancia; a necromancia; a consulta oracular; a geomancia; a hidromancia; a aeromancia; a piromancia e a aruspicação; a astromancia; a horoscopia e a astrologia; a ornitomancia; a onomatomancia; a quiromancia e a espatulamancia e as artes

¹¹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015, p. 62.

¹² *Ibidem*, p.188.

englobadas pela designação de sortilégio. No final da exposição, pretendiam provar que “Os pecados das bruxas vão além dos pecados daqueles que praticam todos esses crimes [...]”¹³. Vejamos com um pouco mais de detalhes como o *Malleus* tratava essas superstições.

1.1 - A idolatria

O conceito de superstição variou com o passar do tempo. Foi na era romana que o conceito foi entendido, pela primeira vez, como oposto à religião. O Cristianismo herdou a ligação com o termo e enfatizou o sentido referente à superstição. Apoiado no texto de Colossenses, o *Malleus* orientou o leitor sobre como identificar o que era lícito e o que era ilícito na religião cristã:

Pois bem: em primeiro lugar, o que é lícito na religião cristã é o que não é supersticioso; e o que é supersticioso é o que está além da forma prescrita de religião. Basta ver o texto escriturístico Colossenses, 11: “Elas podem, sem dúvida, dar a impressão de sabedoria, mas só servem para satisfazer a carne [na superstição].” Sobre o que diz a glosa: “A superstição é a religião sem disciplina, ou seja, a religião observada por intermédio de métodos falhos, em circunstâncias malévolas.”¹⁴

O historiador Jean-Claude Schmitt, analisando o texto, ressaltou como a Epístola de Colossenses condenou a superstição:

Na Epístola aos Colossenses (2,23), São Paulo dirige-se, pelo contrário, a batizados exorta-os a ultrapassar o formalismo das regras alimentares (Não toques, não proves, não manuseies), a seguirem antes a verdadeira sabedoria e a humildade cristãs, a não se enredarem na “afectação de religiosidade” (*in superstitione*). Encontra-se aqui a oposição pauliana do espírito que salva e da letra que mata: ela justificará, em parte, a condenação das “superstições” pela Igreja.¹⁵

Para Kramer e Sprenger a idolatria foi a primeira superstição a surgir no mundo. Sobre o assunto, apontaram que:

Vincent de Beauvais, em seu *Speculum Historiale*, citando muitos autores eruditos, professa ter sido Zoroastro o primeiro a praticar as artes mágicas e a astrologia. Zoroastro, conhecido como Chem ou Cham o filho de Noé. Segundo Santo Agostinho, em sua obra *De Ciuitate Dei*, Cham, ao nascer, riu às gargalhadas, provando assim ser um servo do Diabo, e embora se tenha transformado em grande e poderoso rei, foi destronado por Ninus, o filho de Belus, que construiu Nínive e cujo reinado deu origem ao império da Assíria no tempo de Abraão. Quando seu pai morreu e por causa da adoração insana que por ele cultuava, Ninus mandou construir-lhe uma estátua, e todo criminoso que nela se refugiasse via-se livre de qualquer pena ou castigo que

¹³ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p.189.

¹⁴ *Ibidem*, p.361.

¹⁵ SCHMITT, J.C. **História das superstições**. Lisboa: Europa-América, 1997. p. 17.

tivesse contraído. Desde essa época os homens passaram a adorar ídolos e estátuas como se fossem deuses; mas isso ocorreu já mais tardiamente na história, pois no princípio não havia idolatria: nessa época, os homens ainda guardavam lembrança da criação do mundo, como afirma Santo Tomás, no segundo livro, 95ª questão, quarto artigo. Ou talvez a idolatria se tenha iniciado com Nembroth, que obrigava os homens a cultuar o fogo. Assim, na segunda era da história do mundo é que surgiu a idolatria, primeira de todas as superstições, sendo a segunda a adivinhação, e a observação do tempo e das estações a terceira. A bruxaria se inclui no segundo tipo de superstição – no da adivinhação – porque nela se invoca o Diabo, expressamente. Aí se encontram ainda três outros tipos de superstição: a necromancia, a astrologia (ou astromancia) e a oneiromancia (a observação supersticiosa dos astros).¹⁶

A idolatria foi defendida como a primeira superstição a surgir no mundo com base nos eventos ocorridos posteriormente a Zoroastro que, por sua vez, foi considerado um indivíduo tão próximo e inspirado pelo diabólico, quanto as bruxas. Comprovamos isso à medida que Kramer e Sprenger reproduziram a consideração de Santo Agostinho sobre o nascimento de Zoroastro, e observaram que “Como Zoroastro se dedicava integralmente às artes mágicas, era o Diabo tão somente que o inspirava a estudar e a observar os astros.”¹⁷

Se nos basearmos na ordem cronológica descrita, as artes mágicas deviam aparecer como o primeiro tipo de superstição, e não como o segundo. A bruxaria, por ter sido considerada um tipo de adivinhação, devia ser entendida como uma prática que existia antes da idolatria. Ressaltando que estamos entendendo, como artes mágicas, todas as práticas mágicas que se pautavam na observação dos astros e no auxílio do diabo, ou que só se valessem do poder diabólico.

O entendimento sobre o surgimento das superstições estava relacionado ao protagonismo dos gêneros, pois talvez as artes mágicas só tenham sido consideradas, de fato, supersticiosas quando foram associadas à adesão feminina. Zoroastro iniciou, mas o agravamento ocorreu quando as mulheres, de forma plural, passaram a praticar e a difundir suas crenças. Essa parece ter sido a perspectiva que fez com que as artes mágicas só fossem consideradas supersticiosas após o surgimento da idolatria.

Kramer e Sprenger podiam admitir que, ironicamente, a bruxaria, uma prática considerada majoritariamente feminina, tinha raízes em crenças e ações masculinas. No entanto, admitir que um homem era o responsável pelas artes mágicas serem a primeira superstição do mundo era demais. Um homem até podia ser culpabilizado pelo surgimento da primeira superstição, contanto que não se tratasse das artes mágicas.

¹⁶ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp.75-76.

¹⁷ *Ibidem*, p.76.

A idolatria foi entendida dessa forma, mas a gravidade que foi atribuída a ela foi inferior quando comparada a que foi atribuída às artes mágicas e, conseqüentemente, à bruxaria.

1.2 - As adivinhações

A adivinhação foi a superstição mais comentada no *Malleus*. Os autores da obra demonstraram que, anteriormente, tanto as Sagradas Escrituras, quanto o Direito Canônico e as leis civis já tinham condenado a prática. Sobre a condenação das últimas, destacaram que:

Para Portius Azo, em sua *Summa*, sobre o nono livro do Códice, a rubrica a respeito de feiticeiros – a segunda após a *Lex Cornelia*, que trata de assassinos e de homicidas – estabelece: “Saiba-se que todos os costumeiramente denominados de feiticeiros ou magos, e também os que praticam a arte da adivinhação, ficam sujeitos à pena de morte.” E a mesma pena torna a ser mencionada: “Fica proibido a qualquer homem praticar a adivinhação; se a praticar, há de ter como recompensa a morte pela espada de seu carrasco.”¹⁸

Quanto aos agentes, observamos certas distinções entre os adivinhos e as adivinhas. Os primeiros pareciam estar mais associados à superstição e ao paganismo, já que podemos ressaltar a crença que tinham em encantamentos ilícitos, o culto que os adivinhos matemáticos rendiam à deusa Fortuna; e a confiança que depositavam nos astros e na feitura dos horóscopos.

Os astrólogos também acreditavam no poder dos astros. “Na astrologia não há pacto com o Diabo e, logo, não se invocam Demônios: só por acaso há algum tipo de invocação tácita, já que figuras diabólicas e seus nomes por vezes aparecem em mapas astrológicos.”¹⁹ A astrologia foi uma prática descrita como masculina, já que não foram mencionadas mulheres como astrólogas, mas apenas homens que compartilhavam com os adivinhos o erro herético de cultuar a deusa da Fortuna. Kramer e Sprenger explicaram as críticas que teciam à crença nos astros:

[...] o que professa que tudo provém necessariamente dos astros se exime de todo o mérito e, logo, de toda a culpabilidade – afastando-se também da graça e, portanto, da glória. Pois a probidade do caráter é prejudicada por tal erro, já que a culpa do pecador remonta aos astros, tornando lícito pecar sem culpabilidade, obrigando o homem, portanto, ao culto e à adoração dos astros.²⁰

Voltando aos adivinhos, eles também foram descritos como agentes próximos do diabo. Atuavam como instrumentos diabólicos, uma vez que “[...] os flagelos que não passam de atos

¹⁸ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 61.

¹⁹ *Ibidem*, p. 82.

²⁰ *Ibidem*, p. 105.

nocivos forjados por bruxaria são realizados pelo Demônio, que opera por intermédio de adivinhos e de bruxas.”²¹ Por fim, os adivinhos podiam ser artificiais ou hereges.

Quando o Cânon afirma, como foi mostrado no primeiro argumento, que os Inquisidores de heresia não devem se preocupar com as videntes e com os adivinhos salvo se exibem manifestamente um ressaibo de heresia, entenda-se que essas pessoas são de dois tipos: algumas são artificiais, outras, hereges. Os primeiros são chamados de adivinhos pura e simplesmente, já que operam tão somente pela sua própria habilidade; são mencionados no capítulo *de sortilegiis*, onde está escrito que o presbítero Udalricus foi a um lugar secreto com uma certa pessoa abominável – uma vidente –, não com a intenção de invocar o Diabo, o que teria sido uma heresia, mas com a intenção de apenas consultar o astrolábio, por meio do qual é capaz de descobrir coisas ocultas. A isso designam pura adivinhação ou sortilégio. Mas no segundo tipo temos as videntes hereges, cuja arte envolve alguma forma de adoração ou de sujeição aos Demônios, e que buscam, por adivinhação, predizer o futuro ou algum fenômeno da natureza, que manifestamente guarda o ressaibo de heresia; essas são, como os demais hereges, sujeitas ao Tribunal da Inquisição.²²

Vale destacar qual era a definição de heresia utilizada por Kramer e Sprenger. Informaram que “[...] segundo São Jerônimo, o significado etimológico de heresia é escolha.”²³ Além disso, elencaram as cinco condições que definiam um herege.

Pois para que uma pessoa seja corretamente julgada como herege há de preencher cinco condições. Primeiro, há de estar em erro de julgamento ou de raciocínio. Segundo, o erro há de tratar de assuntos pertinentes à fé, seja contrário ao ensinamento da Igreja como a fé verdadeira, ou contrário à sua moralidade e, portanto, não conduzindo a alma do indivíduo à vida eterna. Terceiro, o erro há de encontrar-se naquele que professou a Fé Católica, caso contrário seria um judeu ou pagão, e não um herege. Quarto, o erro há de ser de tal natureza que aquele que o defenda ainda preserve alguma da verdade no Cristo, no que tange à Sua Majestade ou à Sua Humanidade; porque, se um homem nega inteiramente a fé, é na verdade um apóstata. Quinto, há de ser pertinaz e obstinado na defesa de seu erro.²⁴

Dito isto, ainda que a prática dos adivinhos fosse condenada, o agente em si não necessariamente era considerado diabólico. Entendemos que os adivinhos artificiais eram justamente aqueles que estavam mais associados ao paganismo, e, portanto, foram menos condenados, por estarem distantes do cristianismo. Vemos que a possibilidade de pensar a adivinhação, de forma artificial, apareceu mais de uma vez.

Por conseguinte, essa espécie de adivinhação, usada na elaboração de suas fórmulas mágicas, há de ser considerada o acme da iniquidade criminal, embora haja quem procure considerá-la sob outro ponto de vista. Argumentam essas pessoas que, como nós desconhecemos as forças ocultas da natureza, talvez estejam as bruxas

²¹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 74-75.

²² *Ibidem*, p. 394.

²³ *Ibidem*, p. 404.

²⁴ *Ibidem*, p. 396.

simplesmente empregando ou tentando empregar tais forças: certamente, se estão se utilizando da força natural de elementos naturais a fim de produzir efeitos naturais, o ato é perfeitamente legítimo, por óbvio, de fato. Admitamos, até mesmo, que se utilizem de elementos naturais e que, ao inscreverem caracteres rúnicos ou enigmáticos, na sua superstição, estejam empenhadas em restabelecer a saúde de determinada pessoa, em fomentar a amizade ou em concretizar algum objetivo útil, sem que haja invocação expressa de Demônios: pois mesmo assim não há possibilidade de utilizarem tais fórmulas mágicas sem invocação diabólica tácita. Por isso, somos forçados a considerar todos esses atos de feitiçaria como absolutamente ilegítimos.²⁵

Nessa hipótese cogitada no *Malleus*, a adivinhação foi pensada, estritamente, de forma artificial, ou seja, como uma prática a serviço do paganismo. Aqui a adivinhação chegou a ser considerada estando voltada para fins benéficos, e, portanto, envolvendo apenas pacto tácito²⁶.

É provável que Kramer e Sprenger identificassem mais as adivinhas como hereges, e os adivinhos como artificiais. Sobre as adivinhas, encontramos duas menções. Uma delas foi para descrever a deusa grega Circe. Isso podia nos fazer pensar que a associação do termo adivinha com uma deusa pagã acarretou o mesmo efeito de aproximar a adivinhação do paganismo, mas no caso feminino isso não ocorreu, uma vez que Circe também apareceu no texto como bruxa. A segunda menção, identificou como adivinha uma bruxa que foi procurada para curar uma boa mulher. Ou seja, à medida que identificavam as adivinhas diretamente como bruxas, identificavam que as mulheres eram as agentes que praticavam a adivinhação de maneira herética invocando o diabo.

A prática da adivinhação permanecia sendo ilícita, quer fosse um homem ou uma mulher que estivesse praticando. Porém, é compreensível que o enfrentamento em relação a ela mudasse de acordo com o protagonismo feminino ou masculino. As mulheres eram as principais acusadas de terem um pacto explícito com o diabo – como discutiremos mais adiante -, e isso era o determinante para que os autores do *Malleus* vissem a adivinhação feminina como herética, ao passo que a masculina seria mais ilícita do que herética, pois, ainda que os homens firmassem pactos com o diabo, os casos eram desproporcionais aos femininos.

Cabe destacar que “adivinhos” e “videntes” eram termos utilizados para se referirem aos agentes que previam o futuro. Além disso, o termo “videntes” englobava o gênero masculino e o feminino. Isso quer dizer que, assim como os adivinhos, os videntes podiam ser considerados agentes artificiais ou hereges, e que tais acusações podiam ser direcionadas, tanto para homens, quanto para mulheres. O *Malleus* indicou o significado de “vidente”.

²⁵ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 81-82.

²⁶ Tema que será tratado mais adiante no capítulo III.

[...] Deus proibiu a observância de visões e de augúrios, e ordenou que os homens e as mulheres em quem havia um espírito atrevido fossem levados à morte. E esses são hoje chamados os videntes. Todas essas coisas, por darem margem à suspeita de adultério espiritual, em virtude do ciúme que Deus manifesta para com as almas que desposa, foram por Ele proibidas.²⁷

Parece que o padrão de acusação se repetia em relação às videntes. Ainda que o termo “videntes” servisse para homens e mulheres, no texto, ele apareceu mais atrelado às agentes femininas, mas não só isso. Na citação anterior, foram mencionadas uma vidente artificial mulher e as mulheres videntes hereges. As mulheres videntes hereges pareciam existir numa proporção mais elevada do que aquelas que não tinham ligação com o diabo.

Quando trataram do julgamento de adivinhos e videntes hereges, Kramer e Sprenger defenderam que:

Pois diz o Cânon (*c. accusatus, § sane, lib., VI*): “Decerto aqueles cujo sumo privilégio é o de julgar as questões de fé não devem ser distraídos por outros afazeres; e os Inquisidores designados pela Sé Apostólica para investigar a peste da heresia não devem ter, manifestamente, qualquer outra preocupação com videntes e adivinhos, salvo quando estes forem também hereges, nem há de ser sua tarefa a de puni-los, podendo entregá-los para punição a seus próprios juizes.” Nem parece surgir qualquer dificuldade pelo fato de a heresia das bruxas não ser mencionada no texto canônico. Porque estas estão sujeitas ao mesmo castigo que os outros no tribunal da consciência, como prossegue o Cânon a dizer (*dist. I, pro dilectione*). Se o pecado dos videntes e das bruxas é secreto, se há de lhes impor uma pena de quarenta dias; se for notório, se há de lhes recusar a Eucaristia. E aqueles cuja punição é idêntica devem recebê-la da mesma corte. Assim, uma vez mais, sendo a mesma a culpa de ambos, já que assim como as videntes obtêm seus resultados por meios curiosos, as bruxas os conseguem por meio dos Demônios; tais resultados consistem nos males que causam às criaturas, ilícitamente solicitando das suas criaturas aquilo que só deveria ser procurado em Deus, assim, ambas são culpadas do pecado da idolatria.²⁸

Esse trecho mostra que a discussão se iniciou considerando que os videntes pudessem ser homens e mulheres, mas imediatamente a questão foi centrada na ação feminina. Vemos que as videntes foram acusadas de utilizarem meios curiosos, enquanto as bruxas foram diretamente acusadas de terem relação com o diabólico. Mesmo que essas videntes não tenham sido acusadas, claramente, de serem hereges e não artificiais, elas foram aproximadas das bruxas, já que a lógica punitiva mais grave para o pecado público, e menos rigorosa para um pecado privado foi aplicada a ambas.

Quanto à condenação daqueles que recorriam a videntes ou adivinhos, podemos destacar duas declarações. A primeira, referiu-se àqueles que procuravam videntes:

²⁷ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 385.

²⁸ *Ibidem*, p. 389.

Assim diz Teofrasto: “Quando entregamos a tutela de nossa casa para a mulher, reservando, porém, para nossa própria decisão algum ínfimo pormenor, julga estarmos manifestando para com ela grave falta de consideração e de confiança, julga estarmos incitando briga; a menos que rapidamente nos aconselhemos, resolvendo o problema, ela nos vai preparar veneno, vai consultar videntes e feiticeiros e acabar se transformando numa bruxa.”²⁹

A segunda, condenou os que consultavam os adivinhos:

Santo Agostinho também se refere a essa questão (26, q. 7, *non obseruabitis*): “Quem quer que observe quaisquer adivinhos ou áugures ou os presencia ou consente em observá-los, ou lhes dê crédito, seguindo-lhes as obras, ou vá a suas casas, os traga para a própria casa, ou lhes faça perguntas, que saiba estar pervertendo a Fé Cristã e o batismo e é um pagão, um apóstata e um inimigo de Deus, e corre grave perigo da ira eterna de Deus, salvo se for corrigido por penas eclesiásticas e se reconciliar com Deus.” Portanto, que o juiz cuide para sempre usar de todos os remédios lícitos, conforme indicamos, ao lado das seguintes precauções finais.³⁰

A primeira coisa, à qual somos levados a acreditar, é que o termo “videntes”, da primeira citação, referia-se, exclusivamente, às mulheres. Isso, porque, foi mencionado ao lado do termo feiticeiro. Isso quer dizer que é plausível supor que a mulher foi acusada de se transformar em bruxa, porque consultava uma mulher vidente, que era uma agente feminina associada às bruxas, e porque consultava um feiticeiro, um agente masculino pertencente à bruxaria. Caso o termo “videntes” tivesse sido utilizado se referindo exclusivamente aos homens, ou de forma mista, a homens e mulheres, talvez a mulher não fosse acusada de virar bruxa.

Na segunda citação, as pessoas, tanto homens quanto mulheres, que procuravam pelos adivinhos receberam uma série de acusações, mas não foram acusadas de se transformarem em bruxos ou bruxas. É provável, que isso se deva ao fato de os adivinhos serem agentes masculinos associados mais à prática artificial e pagã.

É preciso, ainda, analisar os tipos de adivinhação e suas derivações. O primeiro tipo de prática divinatória, que consistia na invocação aberta do demônio, deu origem ao primeiro tipo de magia: a magia prestidigitatória. Tratava-se de uma prática que iludia os sentidos humanos da visão e do tato, fazendo com que determinados elementos se mostrassem de uma forma diferente do que realmente eram. A magia prestidigitatória foi referida como uma prática antiga.

²⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p.126.

³⁰ *Ibidem*, p.452.

O *Malleus* contou o que aconteceu com os amigos de Ulisses, e falou de outros episódios envolvendo os gregos.

Pois, entre outras transformações prestidigitatórias, faz menção à famosa bruxa Circe, que transformou em bestas os companheiros de Ulisses, e às esposas dos estalajadeiros, que transformaram seus hóspedes em bestas de carga. Faz menção também aos companheiros de Diomedes, transformados em pássaros e que por muito tempo sobrevoaram o seu templo; e ao pai de Praestantius que, se julgando um burro de carga, passou, com outros animais, a transportar trigo.³¹

Mencionaram o caso ocorrido com Santo Antônio:

Conta-nos também Cassiano, na mesma obra, de duas feiticeiras pagãs que, cada uma à sua maneira, enviaram à cela de Santo Antônio uma sucessão de Demônios, pelo ódio que cultivavam contra ele por ser muito procurado por várias pessoas todo dia. E tais Demônios o assaltaram com o esporão das mais agudas tentações. Mesmo assim o santo homem resistiu-lhes, fazendo o sinal da cruz na testa e no peito e prostrando-se na mais fervorosa das orações.³²

E também o vivenciado por São Macário:

Contamos da menina que fora transformada em égua e de que modo ela e todos os demais foram persuadidos do fenômeno, exceto São Macário. Pois o Diabo é incapaz de iludir os sentidos dos homens santos: quando a menina foi trazida até ele, o santo viu-a como mulher e não em forma de égua, enquanto todos diziam que era com uma égua que ela se parecia. E o santo, através de orações, libertou-a e aos outros daquela ilusão, dizendo que aquilo lhe acontecera porque ela não dera a devida atenção ao sagrado, nem usara como deveria da santa confissão e da eucaristia. Na verdade, fora enfeitada por uma judia, também feiticeira, a pedido de um jovem que lhe fizera uma proposta obscena que recusara. A bruxa, pelos poderes do Diabo, transformou-a em uma égua.³³

Kramer e Sprenger tentaram mostrar que, quando a magia prestidigitatória era praticada por agentes que não estavam vinculados à bruxaria, o resultado da ação era meramente ilusório, já que é isso que demonstra o final de cada um dos três casos citados. No entanto, os mesmos casos abriram brecha para pensar a bruxaria como uma prática ancestral, que empenhava os efeitos da magia prestidigitatória de maneiras diferentes, de acordo com seu objetivo.

O que observamos é que as mulheres apareceram como as principais agentes mágicas, e que elas acabaram sendo associadas à bruxaria. Isso porque vemos que Circe era uma deusa pagã, mas foi lida como bruxa. As mulheres da história de Santo Antônio foram identificadas

³¹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 264-265.

³² *Ibidem*, p. 260.

³³ *Ibidem*, p. 260.

como pagãs, ao mesmo tempo em que foram chamadas de feiticeiras, e por fim, a judia infiel foi igualmente acusada de ser uma bruxa.

Com isso, notamos que as bruxas eram acusadas de causarem ilusões em outros segmentos, menos no da sexualidade³⁴. Nesse, os efeitos da magia prestidigitatória são apontados como ilusórios, mas também reais. Talvez por essa razão, Kramer e Sprenger tenham tratado a magia prestidigitatória como uma prática mágica feminina, e considerado um perigo que as bruxas a praticassem.

O segundo tipo de magia, a oniromancia, consistia na utilização dos sonhos. Eles podiam ser usados pelas bruxas para acessar o oculto, graças ao pacto explícito que tinham firmado com o diabo, ou podiam ser usados pelos indivíduos para predizerem o futuro. Podemos dizer, então, que a oniromancia podia ter inspiração divina ou diabólica.

A oniromancia, como magia diabólica, ficou atrelada ao feminino. As bruxas se valiam dos sonhos para saberem o que se passava com suas companheiras, quando estas estavam distantes, e para acessarem informações ocultas que fossem proveitosas para elas e para as demais.

Já a oniromancia, como meio de revelação divina, ficou vinculada ao masculino e podia ser usado por três tipos de homens: os pecadores, os médicos e os homens mais perfeitos. Kramer e Sprenger afirmaram que pertenciam a categoria dos pecadores, e que por meio da revelação dos anjos, “[...] ao estudarmos por ocasião do alvorecer, adquirimos a compreensão de certos elementos ocultos através da leitura das Escrituras.”³⁵ A meu ver, quando falaram dos pecadores, estavam falando deles, e dos homens de modo geral, com o objetivo de mostrar que o gênero masculino era iluminado pelo divino através da leitura, coisa que provavelmente não se estendia às mulheres da mesma forma, se levamos em consideração que os homens tinham maior acesso à educação do que elas.

Mas o que diferenciava a revelação recebida pelos homens pecadores daquela que era recebida pelas bruxas, já que também eram consideradas pecadoras? Podemos cogitar que o pecado dos religiosos e dos homens não era percebido da mesma forma que o pecado das mulheres. Mesmo com faltas, os homens eram entendidos como mais próximos do sagrado e os religiosos, como Kramer e Sprenger, ainda que se vissem distantes do ideal de santidade, continuavam ocupando um lugar intermediário entre Deus e a humanidade, enquanto as mulheres eram vistas como bem distantes disso.

³⁴ Tema que será tratado mais adiante no capítulo II.

³⁵ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 190.

Se a ajuda que os médicos recebiam dos sonhos não era diabólica, então a inspiração era

divina. A bruxaria foi condenada por fazer uso da oniromancia, mas a medicina não. Lembrando que a bruxaria era vista como uma prática realizada em maior número por mulheres, enquanto a medicina era uma prática desempenhada em maior número por homens. Essa é mais uma prova de que a aceitação da magia passava primeiro pela aceitação do agente que se valia dela.

Porque nos sonhos do espírito a natureza projeta a disposição do coração, pelo que se antecipa ao espírito do homem alguma enfermidade ou algum outro fenômeno que há de lhe acontecer. Pois se um homem sonha com fogo, é sinal de disposição colérica; se sonha com água ou outro líquido, é sinal de disposição fleugmática; e se sonha com assuntos terrenos, é sinal de disposição melancólica. Por isso os médicos, não raro, são ajudados pelos sonhos nos seus diagnósticos (conforme nos diz Aristóteles no mesmo livro).³⁶

Quanto aos homens mais perfeitos, “[...] os anjos são capazes de revelar tais fenômenos ocultos a qualquer hora, estejam despertos ou dormindo.”³⁷ Os homens mais perfeitos, ou eram santos, ou homens próximos do ideal de santidade. Foi justamente essa proximidade que fez com que esses homens fossem considerados agentes dignos de receberem uma revelação de fenômenos ocultos, sem que isso fosse considerado diabólico. Assim como os pecadores, os mais perfeitos eram homens iluminados pelos anjos.

Percebemos que se tratava de uma estrutura pautada na autoridade e na hierarquia. Os homens, e de preferência aqueles que estivessem vinculados à Igreja, eram mais aceitos como agentes capazes de conhecer o oculto, e de professar o futuro. Kramer e Sprenger não mencionaram mulheres como Hildegarda de Bingen, que eram vistas pela Igreja como santas e místicas, e que também tinham visões ou sonhos. No entanto, é provável que casos assim fossem vistos por eles como legítimos, mas exceções. Isso quer dizer, que as mulheres santas e místicas tinham a chance de que seus sonhos e visões fossem aceitos porque elas estavam dentro da Igreja. Já as visões ou sonhos de mulheres laicas não tinham o mesmo crédito, pois se estavam fora da Igreja, maiores as chances de que fossem vistos como resultado de bruxaria.

Os demônios podiam atuar da mesma forma, causando aparições aos homens que estivessem dormindo ou despertos. O *Malleus* informou que:

As aparições que vêm ao homem em sonhos procedem das ideias retidas no repositório da sua mente, através de um movimento local natural causado pelo fluxo de sangue para a sede primordial e mais profunda das suas faculdades perceptivas;

³⁶ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 191.

³⁷ *Ibidem*, p. 190.

falamos assim de um movimento local intrínseco na cabeça e nas células do cérebro. O mesmo pode acontecer através de um movimento local similar criado pelos Demônios. E tais fenômenos podem acontecer não só a quem esteja dormindo, mas também a quem esteja desperto.³⁸

Os homens que não recebiam revelações divinas, mas sim diabólicas, eram homens persuadidos. Isto é, os homens que não eram dignos de receberem revelações divinas, também não eram acusados de praticarem a oniromancia de forma ativa e diabólica como as bruxas, pois eram vistos como agentes passivos e sugestionáveis às maquinações do diabo.

A necromancia era a magia que envolvia “[...] sempre a invocação expressa e particular de Demônios, pois é atividade que implica pacto e contrato expresso com tais criaturas.”³⁹ A prática consistia “[...] na invocação e no diálogo com os mortos, como indica a etimologia do vocábulo: deriva da palavra grega *nekros*, cadáver, e *manteia*, significa adivinhação.”⁴⁰ Kramer e Sprenger acreditavam que os praticantes realizavam malefícios sobre o sangue humano ou animal e que tentavam invocar os mortos do Inferno para poder consultá-los, mas acabavam invocando e se comunicando com demônios que assumiam a forma humana.

As adivinhações por meio da invocação de demônios era um assunto que já havia sido tratado por Santo Agostinho. O *Malleus* mostrou que o autor condenava esse tipo de adivinhação, mas abordava a existência de profecias entre os santos. Sobre as diferenças entre os dois tipos de adivinhação, foi apontado que:

Tais passagens, no entanto, guardam pouca relação com os verdadeiros atos das bruxas, que não conservam em si qualquer vestígio de piedade, o que se depreende facilmente ao apreciarmos suas obras; pois que não cessam de derramar sangue de inocentes, de trazerem coisas ocultas à luz pela orientação dos Demônios e de destruir as almas sem poupar o corpo, nem dos vivos, nem dos mortos.⁴¹

Isso confirma a ideia de que a interpretação sobre a adivinhação variava. A predição do futuro por indivíduos que eram entendidos como próximos do divino ganhou o nome de profecia, enquanto que a predição daqueles que não eram vistos da mesma forma, foi tachada de adivinhação. Predizer o futuro era uma prerrogativa e um exercício de poder, por isso nem todos eram aceitos como agentes autorizados a manipularem essa capacidade.

Além de ressaltarem as diferenças entre a adivinhação da necromancia e a profecia dos santos, exploraram principalmente, as diferenças entre a necromancia e a bruxaria.

³⁸ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 135.

³⁹ *Ibidem*, p. 82.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 189.

⁴¹ *Ibidem*, p. 190.

Nem mesmo os livros proibidos de necromancia nos dão tal conhecimento; porque bruxaria não se ensina em livros, nem é praticada por pessoas instruídas, é ofício tão somente dos iletrados; e tem apenas o fundamento da prática, sem a qual a ninguém será dado atuar como mago ou bruxa.⁴²

As informações sobre a necromancia estavam nos livros, enquanto a bruxaria trabalhava com a transmissão oral. A ideia que se construía a respeito das práticas, revelava o entendimento sobre os integrantes de cada uma delas. Os iletrados e as mulheres assumiram sentido equivalente, indicando que eram os maiores adeptos da bruxaria, ainda que homens, como os magos, tenham sido mencionados. Entendemos que a necromancia era praticada majoritariamente por homens, devido à necessidade de leitura para poder acessar os saberes necromânticos, e que se tratava de uma prática mais acessível à investigação porque estava documentada. Dessa forma, podemos supor que Kramer e Sprenger tinham dificuldades em compreenderem a bruxaria, já que não se tratava de um saber intelectual.

Noutro trecho, voltamos a perceber que a bruxaria era vista como uma prática inacessível.

Não há por que temer a pregação de tais prodígios em público. Embora quem quiser possa invocar o Diabo e achar que procedendo da forma descrita vai obter o mesmo resultado há de ficar muito desapontado. Há necessidade de para tal render homenagem ao Diabo ou de abjurar a fé, dentro da prática da bruxaria. Esclareço esse particular aqui porque alguns acham que o que estou escrevendo não deveria ser usado na pregação aos fiéis, pelo risco de lhes conferir um certo conhecimento maléfico. No entanto, é impossível a qualquer um aprender bruxaria através das palavras de um pregador. Conto aqui tais casos para trazer esse crime à execração pública e para que sejam usados na pregação feita ao púlpito, para que os juízes sejam motivados a punir esse crime horrendo que é o da negação da fé.⁴³

Os ensinamentos da bruxaria não estavam nos livros, mas ainda que estivessem, de nada adiantariam. Nem mesmo a invocação do diabo era suficiente para conferir o status de bruxa ou de bruxo. Se tornar integrante da bruxaria parecia mais complexo do que se associar a qualquer outra prática, pois Kramer e Sprenger dão a entender que era necessário ser convidado para participar de uma prática que era primordialmente coletiva. O conhecimento sobre a bruxaria, a relação com o diabo, e possivelmente outros elementos, só passavam a fazer sentido e a funcionarem, quando o indivíduo os realizava já estando dentro da prática. Era preciso ser iniciado por um integrante que já praticasse a bruxaria.

⁴² KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 215.

⁴³ *Ibidem*, pp. 301-302.

A partir disso, notamos o distanciamento entre a necromancia e a bruxaria. Em compensação, as práticas são vistas como próximas, à medida que ambas desafiavam a autoridade da Igreja. O desenvolvimento de argumentos que pretendiam distinguir o que era supersticioso daquilo que não era, demonstra que o assunto era sensível e caro aos autores do *Malleus*. A quarta norma para atestar se um ato era supersticioso, ou não, determinava que:

A quarta norma é a de zelar para que o que seja feito guarde alguma relação natural com o efeito a ser esperado; pois, caso contrário, é julgada supersticiosa. A esse respeito, caracteres desconhecidos e nomes suspeitos, e as imagens ou os mapas de necromantes e de astrônomos, devem ser, todos, condenados como suspeitos. Mas não havemos de dizer, a esse respeito, que sejam supersticiosas as Santas Relíquias ou a eucaristia como proteção contra as tribulações do Diabo, porque é prática das mais religiosas e salutares, já que naquele Sacramento encontra-se todo o auxílio contra o adversário.⁴⁴

Era preciso ratificar que os demônios só eram expulsos por causa da licitude e da consagração de ervas e objetos usados nos exorcismos. As necromantes erravam em acreditar que eram “[...] capazes de realizar essa espécie de obra mediante as virtudes naturais e desconhecidas desses objetos.”⁴⁵ Os necromantes eram acusados de construírem “[...] imagens, anéis e pedras por meios artificiais; que não possuem qualquer virtude natural para operar os resultados esperados: portanto, o Demônio há de estar envolvido nessas operações.”⁴⁶ O poder de realizar a cura devia passar pelo crivo da Igreja, caso contrário, a iniciativa era vista como provocação.

O termo “necromantes” se aplicava aos homens e às mulheres. No texto, vemos que cerca da metade das menções se reportavam, especificamente, às necromantes, enquanto o restante podia estar se referindo aos agentes masculinos e femininos. Os necromantes foram associados aos magos, embora não possamos afirmar que isso ocorreu na mesma intensidade com que as necromantes foram ligadas às bruxas.

Vemos essa associação quando Kramer e Sprenger discutiram sobre o transporte pelos ares.

E o que dizer daqueles magos, em geral chamados necromantes, que são muitas vezes transportados no ar pelos Demônios por longas distâncias? Às vezes persuadem outros a acompanhá-los num cavalo, que não é de fato um cavalo, mas um Demônio naquela forma, e como eles mesmos contam, recomendam a seus companheiros para não fazerem o sinal da cruz.⁴⁷

⁴⁴ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 381.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 356.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 362.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 234.

As bruxas compartilharam com as necromantes acusações de causarem o amor desregrado.

A Philocaption, ou o amor desmedido de uma pessoa por outra, pode ser causada de três maneiras. Por vezes se deve simplesmente à falta de controle sobre os olhos; outras, se deve à tentação do Demônio; ainda em outras, se deve à magia maléfica de necromantes e de bruxas, ajudadas pelos Demônios.⁴⁸

Os autores do *Malleus* acreditavam que, assim como as bruxas, as necromantes optavam por estar ao lado do diabo, de modo deliberado e consciente.

Mas se agirem pelas razões que apontamos, não por qualquer crença errada a respeito do batismo ou dos demais assuntos mencionados – já que as bruxas e as necromantes sabem que o Demônio é o inimigo da fé e o adversário da salvação, conclui-se que são compelidas a acreditar em seus corações que há grande poder na fé e que não há falsa doutrina cuja origem não esteja consabidamente no pai das mentiras –, embora pequem da forma mais grave, não são, apesar disso, hereges. O motivo é que não abrigam falsas crenças a respeito dos Sacramentos, não obstante utilizem-nos de forma equivocada e sacrílega. Portanto, são meras feiticeiras e não hereges, e classificadas junto às que o Cânon *accusatus* declara não estarem propriamente sujeitas à Corte Inquisitorial, por não manifestarem indícios de heresia; a sua heresiase acha oculta, se é que de fato existe.⁴⁹

Se as ideias da necromancia estavam em livros, e por isso se tratava de uma prática mágica letrada, as integrantes femininas deviam ser cultas e provavelmente compor menor número de adeptos do que os homens. Todavia, se boa parte das menções foram dirigidas, especificamente, às necromantes, e a outra parte podia estar se referindo a homens e mulheres, então, as praticantes femininas da necromancia, na verdade, não eram vistas em menor quantidade do que os praticantes masculinos.

Devido ao fato de as acusações contra a necromancia se confundirem com as acusações contra a bruxaria, suponho que os homens necromantes na maior parte das vezes eram vistos como magos, e que as mulheres necromantes eram vistas sempre como bruxas. É possível considerar também que, apesar de os magos e as bruxas serem vistos como integrantes da bruxaria, a percepção sobre como praticavam suas crenças talvez fosse diferente, já que a partir da análise da necromancia, vemos que os magos eram vistos como homens letrados, e as bruxas não. Isso podia ser fundamental para acreditar que as bruxas estavam mais inseridas nas

⁴⁸ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 344.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 398.

tradições orais de sua prática. Baseado nisso, o discurso de que a bruxaria era pior do que a necromancia não se sustenta, pois no final das contas elas eram vistas como análogas.

A adivinhação praticada pelas pitonisas também foi abordada. Das 14 espécies de magia, “[...] as mais maléficas são as praticadas pelas bruxas e pelas pitonisas[...]”⁵⁰. A magia praticada pelas pitonisas não recebeu um nome específico como as outras que foram abordadas. Identificamos o objetivo de reafirmar que se tratava de uma prática composta apenas por mulheres, que foram chamadas de pitonisas por causa do profeta Píton.

Há pelos menos duas passagens que esclarecem quem eram as pitonisas. “Pitônicas são as pessoas em quem o diabo opera coisas extraordinárias.”⁵¹, e destacaram que “A categoria das bruxas é a das Pitonisas – pessoas em quem e pelas quais o diabo ora fala, ora realiza operações incríveis.”⁵² Posto isto, as pitonisas eram vistas como instrumentos através dos quais o diabo difundia uma mensagem e como uma estrutura física na qual ele imprimia seu poder.

Em outro trecho, Kramer e Sprenger identificam as pitonisas como necromantes. Afirmaram que a necromancia “[...] era a arte da grande pitonisa, mencionada em I de Reis, 28, que evocou Samuel a pedido de Saul.”⁵³ Em seguida, defenderam que:

Mas não se venha pensar que tais práticas sejam lícitas, porque as Escrituras falam da alma do justo profeta, invocado do Hades para dizer a Saul o que fazer em vista do ataque dos filisteus, pela mulher que era, na realidade, uma bruxa. Pois que, diz Santo Agostinho a Simpliciano: “Não é absurdo crer tenha sido permitido, por algum ato da Providência, e não pela força de qualquer arte mágica, mas sim por algum ato da Providência desconhecido à pitonisa ou a Saul, que ao espírito daquele homem justo aparecer perante o rei para transmitir-lhe a sentença divina.” Ou então não foi invocado de fato o espírito de Samuel do seu repouso, mas sim algum outro espectro ilusório e diabólico causado pelas maquinações do Diabo; e a Escritura fala então daquele espectro como se fosse de fato Samuel, assim como as imagens das coisas são chamadas pelos nomes das coisas que representam.⁵⁴

Sendo assim, ao que tudo indica, toda bruxa era uma pitonisa, mas nem toda pitonisa era uma bruxa. Isso porque a relação do diabo com as pitonisas foi entendida de modo diferente da relação dele com as bruxas. Dois tópicos de discussão confirmam isso: o modo de adivinhação e a forma que as pitonisas se transportavam. Sobre o primeiro, alegaram que:

Tal adivinhação não se faz através de sonhos ou da conversa com os mortos, mas por meio de homens vivos, como no caso dos que são incitados a um arrebatamento

⁵⁰ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 239.

⁵¹ *Ibidem*, p. 59.

⁵² *Ibidem*, p. 63.

⁵³ *Ibidem*, p. 189.

⁵⁴ *Ibidem*, pp. 189-190.

frenético pelo Demônio, voluntária ou involuntariamente, só com o fito de predizerem o futuro, e não para a perpetração de quaisquer outras atrocidades.⁵⁵

Kramer e Sprenger expuseram que a prática de adivinhação das pitonisas não era a mesma empregada na oniromancia e nem na necromancia, já que elas eram o próprio canal para predizerem o futuro. Não precisavam acessar sonhos e nem invocar os mortos. A meu ver, esse esclarecimento visava impedir que as pitonisas fossem vistas como mulheres associadas ao diabólico da mesma forma que acontecia com as bruxas. O arrebatamento involuntário certamente foi visto como algo que acontecia apenas com as pitonisas, que não tinham vontade ou intenção de promoverem o diabólico, ainda que seus atos fossem condicionados a isso.

As bruxas pitonisas dominavam tipos de adivinhação, como a oniromancia e a necromancia, e a relação com o diabo jamais ocorria de maneira forçada, nos levando a acreditar que o arrebatamento voluntário com intenção de prejudicar os indivíduos era exclusividade delas.

Sobre o transporte das bruxas e das pitonisas, foi dito que:

Se, através da magia, as bruxas são de fato e materialmente transportadas de um lugar a outro, ou se isso acontece apenas na imaginação – como se dá com todas as pitonisas –, é questão a ser tratada posteriormente nesta obra, onde também se discutirá de que modo são conduzidas.⁵⁶

As bruxas foram acusadas de agirem de maneira ilusória e real, e isso se aplicava também à forma que se transportavam. As pitonisas não foram acusadas de realmente se deslocarem por longas ou pequenas distancias graças ao poder do diabo.

O principal ponto que distanciava as duas agentes, era a ideia implícita de que as pitonisas eram mulheres pagãs. A falta de conhecimento sobre a verdadeira fé fazia com que se oferecessem de forma voluntária para servir ao diabo, e a falta de acesso aos recursos sagrados prescritos pela Igreja, as deixavam vulneráveis para que fossem usadas involuntariamente. É importante ressaltar que, ainda que as pitonisas fossem distinguidas das bruxas, elas e suas formas de adivinhação permaneciam não sendo aceitas. Posteriormente, será demonstrado como se deu a diferenciação entre as bruxas e as mulheres descritas no *Canon Episcopi*, e como essas mulheres eram as chamadas pitonisas.

Quanto aos outros tipos de magia, Kramer e Sprenger não viram necessidade em aprofundarem as discussões sobre elas, mas pelo menos explicaram sobre o que cada uma delas

⁵⁵ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 191.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 64.

se tratava. Sobre a consulta oracular, e a espatulamancia, o texto não forneceu essas informações. Quanto aos tipos de magia que não consideravam principais, elucidaram que:

Logo, por brevidade, não há necessidade de prosseguirmos com este argumento, relacionado às formas menores da arte divinatória, já que está comprovada a sua pouca importância perante as artes divinatórias maiores. E o pregador pode aplicar o mesmo raciocínio às demais artes divinatórias: à geomancia, que se funda na adivinhação a partir de elementos terrosos como o ferro ou as pedras polidas; à hidromancia, que se baseia na adivinhação pelos cristais e pela água; à aeromancia, que se baseia no ar; à piromancia, que consiste na adivinhação pelo fogo; e à aruspicação, que se relaciona à adivinhação pelas entranhas de animais sacrificados em altares para homenagear o Diabo. Pois que, embora todas essas artes sejam feitas pela invocação do Demônio, não podem ser comparadas aos atos das bruxas, já que não são praticadas com o propósito de prejudicar os homens e os animais ou os frutos da terra, mas apenas para o homem conhecer o futuro. Os outros tipos de arte divinatória praticados mediante invocação tácita do Demônio, mas não explícita, são a horoscopia ou astrologia, assim chamada pela necessidade da observação da posição dos astros ao nascimento; ornitomancia ou arte dos águers, em que se utilizam o voo e o canto das aves para prever o futuro; a onomatomancia, em que se utiliza o nome dos homens; e a quiromancia, em que se observam as linhas das mãos ou das patas dos animais para o mesmo fim.⁵⁷

O sortilégio significava a “[...] revelação e a descoberta do que está oculto, pela consideração de objetos para a adivinhação do futuro e pela consideração de desenhos feitos em chumbo derretido.”⁵⁸ Tratava-se de uma prática que supostamente podia ser realizada pelas bruxas e pelos adivinhos e videntes. Provavelmente, os autores do *Malleus* acreditavam que quando ele era praticado pelas bruxas, assumia um teor mais nocivo, quando por exemplo interferia no impedimento do ato carnal. As ações dos homens adivinhos e videntes eram vistas como artificiais e podiam ser lidas como adivinhação ou sortilégio. Quando associadas às mulheres, o sortilégio deixava de ser apenas um ato de adivinhação e se tornava uma ação efetiva.

1.3 - A bruxaria

Cabe analisarmos, agora, o discurso sobre a prática da bruxaria, conhecer seus agentes e as ideias formuladas a respeito deles. Como vimos, existiam diversos tipos de magia e elas podiam ser dominadas por homens e por mulheres. A bruxaria “[...] de todas as superstições, é a mais vil, a mais maléfica, a mais hedionda – seu nome latino, *maleficium*, significa exatamente praticar o mal e blasfemar contra a fé verdadeira. (*Maleficae dictae a Maleficiendo, seu a male*

⁵⁷ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 192.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 189.

de fide sentiendo.”⁵⁹. Os termos “bruxaria” e “feitiçaria” tinham sentido equivalente no texto, e se referiam a um tipo de magia dominada predominantemente por mulheres

Os três agentes masculinos diretamente ligados à bruxaria eram: o mago, o feiticeiro e o bruxo. Existiam os magos, os magos que enfeitiçavam armas e os magos-arqueiros. Todos eram identificados como praticantes da bruxaria. Os principais exemplos de magos foram os do livro bíblico de Êxodo e o personagem de Simão, o Mago do Novo Testamento. Kramer e Sprenger destacaram que “[...] no capítulo 18 do Deuteronômio fica estabelecido que todos os magos e feiticeiros devem ser destruídos.”⁶⁰ Além disso, citaram uma série de obras que condenavam os agentes mágicos.

Podem também ser consultados os textos de muitos doutores a respeito do segundo livro das *Sentenças*, descobrindo-se que todos concordam com a existência de magos e de bruxas que, através dos poderes do Diabo, conseguem efeitos concretos e extraordinários – de modo algum imaginários –, e Deus permite que assim seja. Deixarei de citar muitos outros passos em que Santo Tomás analisa em pormenores operações dessa espécie. Basta mencionar, na *Summa contra Gentiles*, terceiro livro, primeiro e segundo capítulos, primeira parte, 114^a questão, quarto argumento. E na *Secunda Secundae* as 92^a e 94^a questões. Podemos ainda consultar os Comentaristas e Exegetas que escreveram a respeito dos profetas do faraó, Êxodo, 7. Podemos também nos reportar ao que diz Santo Agostinho em *De Ciuitate Dei*, 18^o livro, 17^o capítulo. E ao que declara em seu segundo livro, *De Doctrina Christiana*. Muitos outros doutores defendem a mesma opinião, e seria o cúmulo da estultice a todos contradizê-los: não se conseguiria ficar isento da culpa de heresia.⁶¹

Foram vistos como agentes diferentes dos adivinhos, vaticinadores e profetas. Em primeiro lugar, adivinhos e vaticinadores eram categorias mágicas iguais em sentido e atreladas à adivinhação ilícita, enquanto os profetas representavam o oposto disso. O mago e o feiticeiro não eram vistos da mesma forma que o adivinho, já que o último podia ser visto como um agente praticante de uma ação artificial e, portanto, desvinculado do diabo. Em relação ao profeta, a distância era maior, uma vez que a profecia era um privilégio, assim, o profeta que a realizava era visto como um agente masculino próximo do sagrado.

O intuito era reforçar a proximidade que os magos e os feiticeiros tinham com as bruxas, já que partilhavam da mesma ligação com o diabólico, uma vez que eram acusados de pacto explícito com o diabo. Os falsos milagres dos quais eram incriminados, eram um exemplo do poder que adquiriam com essa relação.

Em contrapartida, notamos que os magos foram comparados a outros agentes mágicos masculinos como os astrólogos. Kramer e Sprenger afirmaram que os demônios se mostravam

⁵⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 84.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 58.

⁶¹ *Ibidem*, p. 59.

“[...] mais dispostos a aparecer quando invocados por magos sob a influência de certos astros.”⁶²

A crença nos astros aproximava os magos dos astrólogos, ao mesmo tempo que distanciava as bruxas.

Já demonstramos antes existirem dois tipos de imagens. As dos astrólogos e dos magos não se destinam à corrupção dos seres, mas à conquista de algum bem em particular. As imagens das bruxas, contudo, são bem diversas: são sempre secretamente colocadas em determinados lugares para que, pelo comando do Diabo, prejudiquem as criaturas; e, conforme nos confessam as próprias bruxas, as pessoas que caminham ou dormem sobre elas são sempre prejudicadas.⁶³

Talvez o principal sinal de que os magos, ora eram aproximados, ora eram distanciados das bruxas, seja a alegação de que a heresia da bruxaria deveria ser chamada de “[...] heresia das bruxas e não a dos magos, dado ser maior o contingente de mulheres que se entregam a essa prática.”⁶⁴ Os autores do *Malleus* alegavam que “[...] o Altíssimo, que até agora tem preservado o sexo masculino de crime tão hediondo: como Ele veio ao mundo e sofreu por nós, deu-nos, a nós homens, esse privilégio.”⁶⁵

O mesmo se aplica aos feiticeiros. Quando Kramer e Sprenger falaram sobre a categoria das bruxas ser a das pitonisas, frisaram que “Já os feiticeiros têm categoria própria, distinta da primeira.”⁶⁶ É importante perceber que se trata de uma citação curta e sem maiores explicações, o que demonstra que não estavam preocupados em tratar das características específicas dos feiticeiros, mas sim, em reforçar que eles deviam ser vistos como agentes diferentes das agentes mágicas femininas.

Os bruxos tinham o mesmo significado que os magos e os feiticeiros. Os bruxos também demonstravam ter poderes bem próximos aos poderes que se acreditavam que as bruxas tinham.

Entretanto, o líder das bruxas deixou um discípulo, chamado Hoppo, que teve por mestre o bruxo Stadlin, de quem falamos no sexto capítulo. Esses dois feiticeiros conseguiam, sempre que quisessem, passar invisivelmente para os seus campos um terço de todo o estrume, de toda a palha ou de todo o trigo de seus vizinhos. Eram, ademais, capazes de provocar as mais violentas tempestades de granizo, de desencadear os mais destrutivos vendavais e de atingir o que bem desejassem com raios de fogo. Mais ainda: eram capazes de jogar na água, à vista dos pais, crianças que caminhavam pelas ribanceiras; de causar a esterilidade em homens e em animais; de revelar segredos a outras pessoas; de prejudicar, das mais variadas formas, os homens nos negócios ou no próprio corpo; de fulminar a quem quisessem com raios e de provocar muitos outros flagelos, quando e onde a justiça divina o permitisse.⁶⁷

⁶² KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 69.

⁶³ *Ibidem*, pp. 115-116.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 129.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 129.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 63.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 307.

Sendo assim, observamos que existiam nuances na afirmação de que a bruxaria era uma prática pior do que as outras, pois o que determinava isso era a interpretação a respeito dos agentes mágicos. Ou seja, quando as ações de uma bruxa eram comparadas às de um adivinho, vidente, ou necromante, por exemplo, a bruxaria era entendida como uma prática pior, mas quando a comparação envolvia as praticantes femininas, como as adivinhas, as videntes e as necromantes, as ações delas se confundiam com as ações da própria bruxa e da bruxaria.

O parâmetro de orientação pautado do gênero também valia para o julgamento dos agentes da mesma prática, no caso, a bruxaria. Os magos, os feiticeiros e os bruxos foram vistos como agentes mágicos pertencentes à bruxaria, e eram considerados agentes masculinos piores do que os agentes masculinos das outras práticas mágicas, no entanto, quando comparados às bruxas, suas comparsas, eles eram vistos como agentes menos nocivos do que elas.

Sobre as bruxas, Kramer e Sprenger, visavam estruturar uma argumentação sólida, a ponto de convencer o leitor de que elas eram perigosas e de que a bruxaria era real. Informaram que as “Bruxas, também chamadas de feiticeiras, são assim denominadas por causa da magnitude de seus atos maléficis.”⁶⁸ Essas mulheres eram investigadas, acusadas e perseguidas.

O *Malleus* defendeu que as bruxas “[...] são as que confundem a mente dos homens, conduzindo-os à descrença em Deus, e que, pela força terrível de suas fórmulas malignas, sem qualquer poção ou veneno, matam seres humanos.”⁶⁹ A etimologia do termo que designava o sexo das bruxas mostrava que Kramer e Sprenger achavam as mulheres inferiores aos homens, “[...] pois *Femina* vem de *Fe* e *Minus*, por ser a mulher sempre mais fraca em manter e preservar a sua fé.”⁷⁰ Quanto ao termo bruxa, concordaram com Isidoro de Sevilha, e denunciaram que ele derivava do “[...] étimo latino *maleficae*, que indicava a atrocidade de seus crimes[.]”⁷¹. Ainda baseados nas palavras de Isidoro, esclareceram o porquê de as bruxas serem assim chamadas.

Bruxas são assim chamadas por causa da atrocidade de seus malefícios; perturbam os elementos e confundem a mente dos homens sem se utilizarem de qualquer poção venenosa, apenas pela força de seus encantamentos – destruindo almas e provocando toda sorte de efeitos que não podem ser causados pela influência dos corpos celestes com a mera intermediação de um homem.⁷²

⁶⁸ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 74.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 74.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 124.

⁷¹ *Ibidem*, p. 179.

⁷² *Ibidem*, p. 103.

Percebemos que, além de serem acusadas de não praticarem devidamente a fé cristã, as mulheres acusadas de bruxaria eram culpadas pela não manutenção da fé alheia. Outro ponto que foi reforçado, é que essas mulheres não precisavam de subterfúgios, tais como venenos, para fazerem o mal, isso porque, apesar do poder da bruxa vir do diabo, graças ao pacto firmado com ele, era necessário entender essa mulher como a fonte de um poder diabólico. Ela poderia, ou não, utilizar outros meios, mas não precisava. A força que emanava dela própria era o suficiente. Era essencial, também, pontuar que a bruxaria não tinha nenhuma relação com os astros. Aproximar a bruxaria dos astros era correr o risco de que os feitos dos seus agentes fossem vistos como predestinados e, por isso, isentos de culpa.

De acordo com Kramer e Sprenger, não havia “[...] a possibilidade, entretanto, de alguém incidir, por influência dos astros, no tipo de erro para o qual as bruxas são atraídas à carnificina, aos roubos, aos assaltos, às piores obscenidades – e isso também vale para outros fenômenos naturais.”⁷³ Insistiram em reforçar a responsabilidade das mulheres acusadas de bruxaria e, de, forma contundente, seu vínculo com a morte, já que afirmaram mais uma vez que “[...] as bruxas cometem assassinato, praticam a fornicação e fazem o sacrifício de crianças e de animais – sendo chamadas bruxas pela natureza maligna de seus atos.”⁷⁴

Essas acusações são uma amostra do que o *Malleus* pensava sobre as bruxas, mas, sobretudo, da ideia que fazia sobre as mulheres. As afirmações de que as bruxas induziam os outros e que tinham uma fé vacilante eram convicções que estiveram na base das acusações e que foram extraídas das acusações lançadas contra Eva, a primeira mulher, e protótipo imperfeito feminino.

⁷³ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 108.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 111.

CAPÍTULO II: A CONTAMINAÇÃO DO ATO VENÉREO E DA CONCEPÇÃO

De acordo com o *Malleus*, as mulheres “[...] por serem mais fracas na mente e no corpo, não surpreende que se entreguem com mais frequência aos atos de bruxaria.”⁷⁵ Os autores da obra defenderam a incapacidade mental das mulheres a partir de autores como Hecira e Lactâncio. Para o primeiro, “As mulheres, intelectualmente, são como crianças.”⁷⁶, e para o segundo, “Nenhuma mulher chegou a compreender a filosofia, exceto Temeste.”⁷⁷ É possível perceber o quanto a obra foi inspirada por uma tradição intelectual masculina, que por ser detentora dos meios de conhecimento, submetia a inteligência feminina aos parâmetros definidos por eles, desconsiderando qualquer tipo de aptidão que não atendesse às exigências postas.

O *Malleus* procurou provar o motivo pelo qual o gênero feminino era mais inclinado à bruxaria. Para isso, ressaltaram uma série de características que visavam fundamentar uma imagem estereotipada e negativa sobre as mulheres. As emoções, assim como seus corpos e características, foram condenados porque podiam ser usados como ferramentas para a perdição dos homens.

Citando Cato de Utica, Kramer e Sprenger apontaram que “Quando uma mulher chora, trabalha para enganar o homem.”⁷⁸. A voz “[...] é como o canto das sereias, que com sua doce melodia seduzem os que lhe aproximam e matam.”⁷⁹ “Consideremos também o andar, a sua postura e o seu hábito, onde reside a vaidade das vaidades.”⁸⁰ Sobre as mulheres, afirmaram ainda que “[...] suas partes inferiores são mais amargas que o absinto.”⁸¹

Os sentimentos foram desprezados e reduzidos a meras artimanhas, à medida que desconsideraram que as mulheres podiam sofrer genuinamente na presença dos homens. Todas as ações femininas, até mesmo as mais básicas, como andar e falar, foram vistas como formas

⁷⁵ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015, p. 123.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 124.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 124.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 124.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 127.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 128.

⁸¹ *Ibidem*, p. 128.

de sedução que representavam uma verdadeira ameaça para a existência masculina. É interessante notar, que as mulheres foram pensadas como criaturas que norteavam suas existências em prol do contato com os homens, uma vez que tudo que faziam, em tese, estava direcionada para eles. Era praticamente inconcebível pensar que podiam se articular de maneira independente e espontânea.

Dentre outras coisas, as mulheres foram acusadas de serem: impressionáveis, crédulas, possuidoras de língua traiçoeira, mentirosas, perversas e vingativas. Além de sentirem: ódio desmedido, ira, impaciência, ciúme e inveja

Os autores do *Malleus*, estavam defendendo que, apesar da natureza feminina ser deficiente e sugestionável em vários aspectos, o mais sensível estava relacionado à sexualidade, pois ela era a principal via de entrada para a bruxaria. Esclareceram que, “Toda bruxaria tem origem na cobiça carnal, insaciável nas mulheres.”⁸² e que “[...] o vocábulo mulher é usado para indicar a lascívia da carne.”⁸³

O corpo era a fonte de um apetite carnal desmedido e as emoções que derivavam da relação feminina com seu próprio desejo sexual, eram descontroladas e perigosas. Essa era a visão a respeito de todas as mulheres, mas o que cada uma fazia com sua própria natureza, era o elemento que as diferenciava. A interpretação que Kramer e Sprenger fizeram sobre o confronto interno feminino, em que as mulheres escolhiam como lidar com suas emoções, ora recorrendo aos ensinamentos da Igreja para dominá-los, ora optando por deixá-los pulsar livremente, nos permite identificar que a narrativa do *Malleus* percebia as mulheres entre extremos, ou eram decentes ou eram promiscuas, não considerando meios-termos. A Idade Média dividiu as mulheres em polos distintos, mas as personagens que influenciaram esse movimento provinham das Sagradas Escrituras.

2.1 - As contribuições de Eva e Maria

O livro de Gênesis narra a história da criação, vida e expulsão de Adão e Eva do Paraíso. Segundo Howard Bloch, há duas versões para a narrativa da criação: a versão sacerdotal e a versão jeovista⁸⁴. Na primeira, Eva está em pé de igualdade com Adão, pois Gênesis, 1:27 diz, “E Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, macho e fêmea os criou.” Na segunda, Eva é uma criação secundária, pois segundo Gênesis 2:22,23 “Depois, do

⁸² KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 129.

⁸³ *Ibidem*, p. 123.

⁸⁴ BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

lado que havia tirado do homem, Javé Deus formou uma mulher, e a levou para o homem. O homem exclamou: ‘Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Por isso, será chamada mulher, porque foi tirada do homem’”.

Os autores do *Malleus*, salientaram que “o Próprio Deus, antes de surgir o pecado no mundo, instituiu a procriação humana; pois criou a mulher da costela do homem para que este tivesse companheira, e lhes disse: ‘Crescei e multiplicai-vos’. (Gênesis, 1, 28).”⁸⁵ Esse apontamento corrobora com as duas versões narrativas. Aproxima-se da sacerdotal porque é um versículo que vem logo após aquele que confirma a posição de igualdade entre o primeiro homem e a primeira mulher, e se identifica com a jovista, já que o versículo reconhece que a primeira mulher se originou da costela do primeiro homem.

A opinião acerca da criação da primeira mulher, tornou-se mais clara quando explicaram que “[...] houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem.”⁸⁶ Comprovamos que Kramer e Sprenger se respaldavam numa interpretação jeovista porque compreendiam que Eva era uma criação posterior e derivada de Adão. A origem da mulher indicava qual era sua essência, e contribuía para que fosse vista como um ser que devia ser submisso ao primeiro homem, visto que tinha surgido por causa dele e para ele. Eva devia ser a companheira de Adão, a reprodutora da espécie humana, e sobretudo obediente a Deus.

No entanto, Eva não guardou os mandamentos divinos e provou do fruto proibido. Segundo Gênesis 3:6, “A mulher viu que a árvore era boa para comer, atraente aos olhos, uma árvore apetitosa para dar sabedoria. Apanhou a fruta e comeu. E a ofereceu ao homem dela a seu lado, que também comeu.” O pecado cometido, deixava explícita a influência que Eva tinha sobre Adão, e o quanto a natureza feminina era fraca diante da tentação diabólica. Gênesis 3:13 diz “Javé Deus disse à mulher: ‘o que foi que você fez?’ A mulher respondeu: ‘A serpente me enganou, e eu comi’”. É importante destacar que, os autores do *Malleus* fizeram uma escolha interpretativa sobre a criação de Eva, e que essa não era uma verdade absoluta entre todos os teólogos do período.

No entanto, desde os primórdios do Cristianismo, autoridades cristãs já debatiam sobre a culpa da primeira mulher. Na obra *Eva e os Padres*, Georges Duby expôs que para Santo Agostinho, Eva teria desobedecido:

⁸⁵ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 85-86.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 124.

[...] de caso pensado, com conhecimento de causa; ela não tem a desculpa de ter esquecido o mandamento de Deus; pois não faz a primeira alusão a ele no diálogo com o tentador? Por que foi levada a transgredir a proibição? Antes de tudo pela cobiça, o amor *proprie potestades*, o amor - isto é, o desejo – de um poder autônomo, depois pela “orgulhosa presunção de si”; o pecado, retoma o mestre, foi determinado pelo orgulho.⁸⁷

O *Malleus* estava em consonância com ideias defendidas há séculos. Conforme esclareceram, “[...] embora o Diabo tenha tentado Eva com o pecado, foi Eva quem seduziu Adão. E como o pecado de Eva não teria trazido a morte para nossa alma e para nosso corpo se não tivesse sido também cometido por Adão, que foi tentado por Eva e não pelo Demônio[...].”⁸⁸.

Na obra os pecados foram inseridos numa escala de classificações, com alguns sendo considerados mais graves que outros. O de Adão não foi considerado tão grave quanto o de Eva. Para os autores da obra:

[...] só por um infeliz acidente é que o pecado de Adão adquiriu maiores proporções. Porque, àquele tempo, a natureza ainda não se corrompera. Logo, ao pecar o primeiro homem, a sua corrupção foi inevitável, e não se deu à revelia da vontade de Adão; portanto, o seu pecado não há de ser maior do que os outros. E, uma vez mais, a humanidade teria cometido o mesmo pecado se tivesse encontrado a natureza no mesmo estado de pureza.⁸⁹

Além disso, “[...] Adão, por intermédio da graça divina, arrependeu-se e, depois, foi salvo pelo sacrifício de Cristo.”⁹⁰ Isso mostra que a reflexão esteve centrada na relativização da gravidade e na inevitabilidade do pecado de Adão. Não identificamos discussões semelhantes a respeito de Eva, o que indica que os autores do *Malleus* se mostravam compreensivos com a falta do primeiro homem, mas não fizeram qualquer esforço para justificar o pecado da primeira mulher.

A tendência de inocentar o homem pela expulsão do Paraíso era algo presente na Idade Média. Duby informa que:

No final das contas, os padres valiam-se das palavras de Eva, de seus gestos, da sentença que a condenou, para transferir o peso do pecado ao feminino a fim de retirar sua carga aos homens. O que os leva naturalmente a denunciar com vigor os defeitos das mulheres. Bastava-lhes lançar os olhos sobre a sociedade de corte para reconhecer no comportamento das esposas as três faltas cometidas pela “associada” de Adão sob

⁸⁷ DUBY, Georges. **Eva e os padres: damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 54.

⁸⁸ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 128.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 195.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 195.

as ramagens da macieira, e que provocaram a Queda. Como Eva, são arrebatadas pelo seu gosto pelo prazer sexual.⁹¹

Eva foi atrelada ao prazer sexual e responsabilizada pelo pecado original que manchou toda a humanidade. “Com efeito, é possível dizer que todo castigo que sofremos decorre de nossos pecados, ou pelo menos do pecado original em que nascemos e que, em si mesmo, é a causa de todas as causas.”⁹² Homens e mulheres foram prejudicados pelo pecado de Eva, mas a herança à inclinação diabólica foi considerada exclusividade feminina.

Dessa forma, podemos dizer que devido aos seus pecados, Eva foi considerada um anti-modelo feminino. Em contrapartida, a partir do século XI, o fortalecimento do culto mariano transformou Maria no modelo ideal feminino que devia ser seguida por todas as mulheres.

O *Malleus* tratou Maria como a mais honrada das mulheres devido a tudo aquilo que havia sido e que representava. A graça de ser eleita por Deus para ser a mãe de Jesus, provava que a fé de Maria se destacava entre a de tantas outras mulheres. A história bíblica da vida de Maria e sua relação com José e Jesus reforçaram elementos como sua obediência as ordens divinas e a permanência do estado virginal mesmo após a concepção de um filho. Com base nessa narrativa, o Cristianismo projetou Maria como uma personagem composta por três facetas fundamentais que se complementavam: a esposa, a mãe e a virgem.

Carolina Silva demonstrou que juristas e teólogos do século XII, como Graciano, se pautaram em Santo Agostinho e no Evangelho de Mateus para construir sua argumentação a respeito da natureza do casamento. Essa discussão dos séculos XI-XII, indica não só o que se esperava de um casamento, mas também o que se acreditava sobre o relacionamento entre Maria, José e Jesus.

O tríptico bem do casamento esteve nos pais de Cristo. Com efeito, todo o bem das núpcias se realizou nos pais de Cristo: a fidelidade, o sacramento, a prole. A prole, nós conhecemos: o próprio Senhor; a fé: pois não houve qualquer adultério; o sacramento: pois não houve qualquer divórcio; apenas não houve aí o consórcio nupcial, pois não se podia realizar na carne do pecado sem a concupiscência pudenda da carne, que surgiu a partir do pecado, sem a qual quis que fosse concebido aquele que se faria sem pecado.⁹³

Maria foi vista como uma esposa exemplar por ter construído os alicerces de seu casamento com José pautados em preceitos que não envolviam os desejos da carne. A

⁹¹ DUBY, Georges, 2001, p. 67.

⁹² KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 187.

⁹³ SILVA, Carolina Gual da. “Até que a morte os separe”: o casamento cristão na Idade Média. São Leopoldo: Oikos, 2019. pp. 47-48.

convivência inabalável de ambos em sagrada continência expressava os verdadeiros valores de uma união matrimonial.

Maria passou a representar o arquétipo de boa mãe devido a sua relação com Jesus. Kramer e Sprenger indicaram as palavras que o juiz devia proferir quando pronunciasse a sentença das mulheres acusadas de bruxaria. Dentre as palavras, o homem devia dizer “[...] Eu te conjuro pelas lágrimas amargas derramadas na cruz por Nosso Salvador, o Senhor Deus Jesus Cristo para a salvação do mundo, e pelas lágrimas ardentes derramadas na hora derradeira sobre as Suas chagas pela gloriosíssima Virgem Maria, Sua Mãe [...]”⁹⁴. Maria foi percebida como uma mãe afetuosa, que esteve ao lado de seu filho desde o nascimento do Salvador, até o momento da sua morte.

Maria tornou-se o referencial materno para os cristãos, que recorriam a ela como filhos aflitos. No *Livro dos exemplos, Santíssima Virgem Maria*, existia o caso de “[...] um homem que o sumo pontífice foi incapaz de livrar dos tormentos diabólicos. Acabou sendo encaminhado a um santo homem que vivia no Oriente e, enfim, com enorme dificuldade, foi libertado daquele laço demoníaco, por intercessão da Gloriosíssima Virgem.”⁹⁵

Embora a fé das mulheres fosse considerada fraca, acreditavam que “[...] a graça e a fé natural nunca tenham faltado à Virgem Santíssima, mesmo por ocasião da Paixão de Cristo, quando carecia a todos os homens.”⁹⁶ Maria era um exemplo de fé não só para as mulheres, mas também para os homens.

A virgindade de Maria foi considerada sublime, e sua pureza foi responsável pela transformação do pecado. De modo semelhante, Maria fez pelas mulheres aquilo que Jesus fez pela humanidade:

[...] Antigo Testamento as Escrituras têm muito a dizer sobre a malevolência das mulheres, e isso em virtude da primeira mulher sedutora, Eva, e de suas imitadoras; depois, contudo, no Novo Testamento, há uma mudança do nome de Eva para Ave (conforme nos diz São Jerônimo), e todo o pecado de Eva é expungido pela bem-aventurança de Maria.⁹⁷

O poder atribuído à Virgem era tamanho que até mesmo o diabo e suas agentes estavam submetidos a sua autoridade. “Pois que o Diabo odeia, acima de tudo, a Virgem Maria, ‘porque esta te ferirá a cabeça’. (Gênesis, 3, 15)”⁹⁸. As bruxas se opunham à mãe de Jesus especialmente

⁹⁴ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 447.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 298.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 124.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 123.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 296.

através do escárnio da sua virgindade. “E há bruxas que, para realizar malefícios, batem e apunhalam o crucifixo e pronunciam as piores palavras contra a pureza da gloriosíssima Virgem Maria, lançando as mais torpes injúrias sobre a natividade de Nosso Salvador em Seu útero inviolado.”⁹⁹

A Virgem adquiriu grande prestígio dentro do Cristianismo ao longo da Idade Média. Rejane Jardim apontou que:

Esposa, mãe, irmã, enfim Maria foi representada de inúmeras maneiras e em algumas delas ela era a própria Igreja, apesar de todo o discurso misógino do clero que acompanha a história da Igreja Cristã, a Virgem serviu de meio de divulgação dos projetos dessa instituição. O discurso religioso a apresentava de distintas maneiras, adaptando o mito de acordo com as necessidades do momento: ora Ela era superior, tal como a Igreja, ora inferior tal como a humanidade.¹⁰⁰

Além de Maria, foram enaltecidas as mulheres “[...] que têm trazido a beatitude aos homens e têm salvado nações, terras e cidades; como claro está no caso de Judite, de Débora e de Ester.”¹⁰¹ Também foram mencionadas as “[...] maravilhas a respeito da conversão dos húngaros por Gisela, a cristã devota, e dos francos por Clotilde, a esposa de Clóvis.”¹⁰² Essas mulheres foram descritas como verdadeiras cristãs, virgens e santas.

Sobre o enaltecimento à figura de Maria na Idade Média, Jean Delumeau apontou que:

O culto mariano e a literatura dos trovadores tiveram prolongamentos importantes e talvez tenham contribuído a longo prazo para a promoção da mulher. Mas a longo prazo apenas. Pois na Idade Média não foram interpretados e utilizados como uma espécie de colocação à parte, fora de alcance, de personagens femininos excepcionais, de modo algum representativos de seu sexo? A exaltação da Virgem Maria teve como contrapartida a desvalorização da sexualidade. Quanto à literatura cortês, não chega, mesmo na Occitanie, sua terra de eleição, a mudar as estruturas sociais.¹⁰³

O culto mariano promoveu a exaltação da virgindade, e, portanto, todas as mulheres deviam prezar por uma reputação ilibada, se vestindo de recato, piedade e castidade. As mulheres com conduta destoante eram julgadas por lidarem de maneira incorreta com sua sexualidade.

⁹⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 292.

¹⁰⁰ JARDIM, Rejane Barreto. **Ave Maria, Ave Senhora de todas as Graças! Um estudo do Feminino na perspectiva das relações de gênero na Castela do Século XIII**. Porto Alegre: PUC, 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 73

¹⁰¹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *Op. cit.*, p. 122.

¹⁰² *Ibidem*, p. 122-123.

¹⁰³ LE ROY-LADURIE, Emmanuel. *Montaillou, village occitan de 1294 à 1324*. Paris : Gallimard, 1975 *apud* DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300 – 1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Maria e sua virgindade se opunham a Eva e a lascívia das mulheres acusadas de bruxaria. Embora as últimas sejam o objeto de discussão do *Malleus*, é importante frisar que os autores da obra identificaram a necessidade de também falarem de mulheres que não eram bruxas.

Vemos a menção às mulheres devotas e santas, ou ambas as coisas como no caso de Maria. Tratar desses exemplos permitia apontar qual era o comportamento feminino adequado, mas também possibilitava que Kramer e Sprenger reafirmassem que estavam de acordo com a Igreja.

Era preciso deixar explícito que o *Malleus* não fazia uma leitura generalizante das mulheres, mas que ao contrário disso reconhecia a existência de mulheres que fugiam à regra por não serem diabólicas. A inexistência desse posicionamento podia levantar dúvidas quanto ao reconhecimento dos autores a respeito da grandeza e santidade das mulheres, principalmente de Maria que era a maior personalidade cristã feminina.

Isso esclarece que durante a Idade Média nem todas as mulheres foram vistas de forma negativa. Existiam homens que “[...] por seus encantamentos, se empenham em levar a vida de criaturas inocentes e que transformam a paixão das mulheres em desejos lascivos de toda sorte, pelo que tais criminosos não de ser atirados às feras.”¹⁰⁴ Logo, o mal estava no feminino, mas não em todas as mulheres, até porque algumas delas podiam ser vítimas de feitiços.

Para darem conta de uma discussão abrangente que denunciasses os pecados femininos e ao mesmo tempo demonstrasse que havia mulheres decentes, foram criadas duas categorias opostas para classificarem as mulheres: mulheres pecaminosas x mulheres virtuosas.

Com o objetivo de aprofundar a investigação sobre aquilo que Kramer e Sprenger pensavam acerca das mulheres, podemos considerar a análise das seguintes subcategorias: a jovem; a matrona; e a velha. Quando dividimos as mulheres por faixa etária, compreendemos melhor a argumentação dos autores da obra a respeito da bruxaria.

2.2 - As jovens

O *Malleus* associou a juventude à virgindade e compreendeu a virgindade como um estado de pureza que funcionava como canal da manifestação do poder divino. Por essa razão, acreditaram que as mulheres jovens e virgens eram capazes de realizarem proezas mais facilmente do que as outras. Pautados na obra *Praeceptorium* de Nider, Kramer e Sprenger afirmaram que quando “[...] uma virgem devota benze uma vaca com o sinal da cruz, rezando

¹⁰⁴ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 61.

um Pai-Nosso e a Saudação Angelical, toda a obra demoníaca que sobre ela se abate é afastada, se tiver sido causada por bruxaria.”¹⁰⁵

Por outro lado, se a virgindade elevava o espírito e permitia uma relação mais próxima com Deus, conseqüentemente ela se tornava alvo dos ataques da bruxaria. O diabo demonstrava predileção pela virgindade, já que tentava “[...] de todas as maneiras seduzir as virgens e as meninas mais puras [...]”¹⁰⁶. Dessa forma, mesmo sendo mais difíceis de serem corrompidas, as mulheres que nunca haviam tido relação sexual eram mais valiosas.

As bruxas tendiam a estimular as virgens a se entregarem a todo tipo de libertinagem. Esse comportamento foi confirmado através da suposta confissão de uma bruxa de Ratisbon.

Existia uma certa virgem devota a quem, por ordem do Diabo, deveria seduzir. Essa virgem era filha de um homem muito rico, embora seja desnecessário mencionar o seu nome, porque hoje está morta, à disposição da misericórdia divina, e também não gostaríamos que seus pensamentos fossem pervertidos pelo mal; e a feiticeira assim, foi instruída para convidá-la à sua casa num dia de festa, para que o próprio Demônio, na forma de um jovem, pudesse falar diretamente com ela. Embora tivesse tentado fazer-lhe o convite diversas vezes, sempre que a ela se dirigia a moça se protegia com o sinal da cruz. E não há dúvida de que assim procedia por inspiração de um santo anjo, para repelir as intenções do Diabo.¹⁰⁷

Noutro caso, em que uma jovem mulher havia se encontrado com uma bruxa.

Num dia de festa, uma jovem, virgem devota, foi chamada por uma bruxa velha a acompanhá-la até sua casa. Num dos quartos do andar de cima estavam reunidos alguns belos jovens. A bruxa insistiu para que ela subisse. A virgem consentiu. E, enquanto subiam as escadas, a velha, que ia à frente, advertiu-lhe para que não fizesse o sinal da cruz. Embora a moça concordasse, benzeu-se sem que a velha visse. Pois que ao entrarem no quarto, ninguém havia: os Demônios que lá se encontravam eram incapazes de se mostrar nas suas formas criaturais. A velha voltou-se então para ela, repreendendo-a: “Vai embora em nome de todos os Demônios! Por que te benzeste?” Este foi o relato que obtive daquela boa e honesta donzela.¹⁰⁸

E no episódio que aconteceu na diocese de Estrasburgo.

Outra virgem, que vivia na diocese de Estrasburgo, confessou a um de nós que num certo domingo, quando se achava sozinha na casa do pai, foi procurada por uma bruxa: “Em meio à sua conversa obscena, a bruxa me propôs que se eu quisesse ela poderia me levar a um lugar onde se encontravam alguns jovens desconhecidos de todos na cidade. Acabei consentindo e a acompanhei até sua casa. Lá chegando a velha mulher me disse: “– Olhe, vamos lá para o quarto de cima onde eles estão, mas preste atenção para não fazeres o sinal da cruz ao entrar. “Prometi-lhe que não o faria. Mas, enquanto ela me conduzia pela escada até o quarto, eu o fiz, secretamente. Ao chegarmos no

¹⁰⁵ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 378.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 218.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 219.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 248.

alto da escada, a velha voltou-se para mim e com a fisionomia transfigurada de ódio, olhando-me bem nos olhos, vociferou: “– Maldita! Por que fizeste o sinal da cruz? Vai-te daqui! Vai embora em nome do Diabo! “E foi assim que consegui voltar para casa sã e salva.”¹⁰⁹

É possível identificar a existência de um padrão que se repete nos três casos mencionados. Todos eles são protagonizados por mulheres que além de virgens, são jovens. A juventude está sempre presente, tanto em relação às mulheres, como também em relação ao diabo e aos demônios. Em momento algum as virgens buscam ter contato com o diabólico. São mulheres que aparecem sempre sendo procuradas por bruxas, que as atraem sempre com a promessa de contato com outros jovens, deixando ora implícito e ora explícito o apelo à prática sexual.

Todas as três fizeram uso do sinal da cruz para repelirem as investidas do diabo. Ao utilizarem um método ortodoxo de proteção, as virgens funcionavam como veículo do poder divino para desarticular as intenções diabólicas. Por fim, em pelo menos dois casos ficou exposto que as virgens foram interceptadas por bruxas velhas.

Além das virgens, durante a Idade Média, outras duas categorias femininas foram valorizadas e consideradas virtuosas. Carla Casagrande aponta que:

No meio do numeroso público feminino, variadamente subdividido em meninas, mães de família, anciãs, rainhas, camponesas, abadessas, noviças, criadas, damas, etc., sobressaem três categorias de mulheres nas quais todas estas figuras femininas se redistribuem como que atraídas por uma força ordenadora. São três categorias femininas antigas e respeitáveis, incessantemente evocadas nos escritos de homens santos e sábios, a começar pelos Padres. São as virgens, as viúvas, e as mulheres casadas.¹¹⁰

2.3 - As matronas

Trataremos das matronas, que podem ser compreendidas como mulheres casadas, de boa reputação, e que se encontravam entre a juventude e a velhice. Kramer e Sprenger citam essas mulheres ao longo do texto sempre com o objetivo de afirmarem sua honestidade. Aparecem geralmente como vítimas das bruxas, a não ser em um caso em que são as protagonistas de uma ação diabólica.

¹⁰⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 219.

¹¹⁰ CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente**. v. 2 A Idade Média. Porto: Afrontamento, 1990. p. 110

A história se passou na cidade de Estrasburgo, e envolveu três mulheres que alegavam terem sido agredidas fisicamente por um homem que negava ter cometido a ação. O juiz do caso questionou ao homem:

- Como te atreves, tu, o mais perverso dos homens, a não reconhecer o teu crime? Em tal dia e a tal hora atacaste e bateste em três matronas respeitadas desta cidade, a tal ponto que hoje se acham acamadas, impossibilitadas de levantar e até mesmo de se mover.¹¹¹

Conforme o acusado permanecia negando a violência, o juiz se mostrava cada vez mais indignado.

– Nunca em toda minha vida ataquei ou bati em uma mulher, e posso provar, com testemunhas de confiança, que àquela hora, no dia a que o juiz se refere, eu estava ocupado cortando lenha. Quando os oficiais de justiça lá chegaram, eu ainda estava ocupado em minha tarefa. O juiz exclamou, furioso: – Vejam como ele tenta ocultar o seu crime! As mulheres lastimam-se dos socos, mostram as marcas e publicamente atestam que foram atacadas.¹¹²

Quando enfim o homem relatou que horas antes, no mesmo dia, havia agredido três gatos após ser duramente atacado por eles, o juiz tomou essa alegação como suficiente para suspender o julgamento contra o homem e entender que ele havia sido vítima de bruxaria. O *Malleus* concluiu que as três mulheres eram bruxas e que haviam tomado a forma de gatos.

Entendemos que as três mulheres eram conhecidas dentro de suas comunidades, e eram vistas como mulheres de boa reputação. A análise de Kramer e Sprenger não considerou que as bruxas haviam tomado a forma de mulheres honestas, mas sim que mulheres que eram respeitadas dentro do seu círculo social haviam se tornado bruxas. Apesar das mulheres terem crédito junto aos moradores locais, e de terem tomado isso como o pilar que impediria que fossem acusadas, essa estratégia foi aniquilada pela mera declaração de um homem, pois ainda que tivessem prestígio social, não era suficiente para fazer frente a credibilidade masculina.

Os métodos empregados pelas bruxas contra as matronas e as jovens eram diferentes. Sobre as matronas, informaram que:

[...] embora pouco dadas aos vícios carnis se acham preocupadas com os vícios mundanos. Por outro lado, contra as jovens, mais chegadas à lascívia e aos prazeres do corpo, seguem método diverso, operando através de seus desejos sexuais e dos prazeres da carne¹¹³.

¹¹¹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 271.

¹¹² *Ibidem*, p. 271.

¹¹³ *Ibidem*, p. 218.

Diferentemente das jovens, o problema das matronas não era o sexo, mas sim outras fraquezas que acabavam cometendo. As matronas falhavam quando eram lesadas materialmente por bruxas e acabavam recorrendo ao auxílio de outras bruxas para resolver a questão. Eis alguns exemplos fornecidos:

Sabemos do caso de um estrangeiro na diocese de Augsburg que antes de completar 44 anos perdeu todos os seus cavalos, sucessivamente, por causa de bruxaria. Sua esposa, fatigada e aflita com o que lhes sucedeu, decidiu consultar-se com certas bruxas e, depois de seguir os seus conselhos, como sempre perniciosos, viu que todos os cavalos desde então adquiridos (seu marido fazia o transporte de cargas) não mais foram molestados pelas bruxarias. E quantas mulheres já vieram a nós se queixar, como Inquisidores, de que, quando suas vacas deixam de dar leite por alguma causa ou mal desconhecido, são obrigadas a consultar mulheres suspeitas, possivelmente bruxas, de quem até chegam a ganhar remédios, e quando lhes indagam o que devem lhes prometer em troca, as bruxas respondem que algo sem muita importância: basta executarem as instruções do mestre com relação a certos momentos durante os Ofícios Sagrados da Igreja ou, então, se mostrarem mais reservadas e guardarem-se de certas confissões aos padres. Convém aqui observar um ponto a que já aludimos: no princípio, essa iniquidade se faz por atitudes esparsas sem maior importância, como, por exemplo, a de, no momento da elevação do Corpo de Cristo, cuspir no chão, fechar os olhos ou balbuciar palavras vãs. Sabemos do caso de uma mulher que ainda está viva, protegida pela lei secular, e que, quando o padre durante a celebração da missa abençoa o povo com o *Dominus vobiscum*, sempre aduz as seguintes palavras em linguagem vulgar: “*Kehr mir die Zung im Arss umb.*” Noutras ocasiões dizem algo semelhante após terem recebido a absolvição, e noutras, ainda, não confessam todos os pecados, sobretudo os mortais. Assim, passo a passo, vão sendo levadas à abnegação total da fé, e à afirmação abominável do sacrilégio.¹¹⁴

2.4 - As velhas

As velhas não receberam o mesmo benefício da dúvida que foi dado às jovens e às matronas, pois normalmente aparecem no texto já sendo identificadas como bruxas. As bruxas velhas foram acusadas de estarem sempre à espreita, esperando a melhor oportunidade para incentivarem as jovens a realizarem a prática sexual.

Foram retratadas como mulheres poderosas por deterem conhecimentos que podiam manipular como bem desejassem. Os autores do *Malleus* sabiam que a sabedoria feminina existia, mas não acreditavam que uma mulher velha pudesse ser poderosa por si só. A fonte do saber tinha que ser diabólica.

Com relação aos demais argumentos que buscam demonstrar que certas mulheres já velhas possuidoras de um certo conhecimento oculto conseguem realizar façanhas extraordinárias e infligir males de fato, sem a ajuda do Diabo, é preciso deixar claro:

¹¹⁴ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 217-218.

chegar a essa conclusão geral, universal, a partir de argumentos particulares, é caminho contrário ao da boa lógica.¹¹⁵

Causavam males por ações e palavras. Os encantamentos, tratados como “mancos” e “burlescos”, por vezes proferiam versos contrários a ordem sagrada estabelecida, como “Santa Maria vai a andar, Sobre o rio Jordão. Ao dar com Estêvão, põe-se a falar...”¹¹⁶.

Eram consideradas mulheres tão poderosas que saíam vitoriosas de ataques proferidos contra os homens de Deus. “Sabemos do caso de uma velha mulher que, segundo o relato dos irmãos de um certo mosteiro, dessa forma não só enfeitiçou sucessivamente três abades como os matou e, da mesma maneira, fez enlouquecer a um quarto.”¹¹⁷ Nesse caso o meio de ataque foi através da fascinação desmedida do amor, mas existiam mais possibilidades. Outra bruxa velha, já perto de sua morte, confessou a um padre que havia lhe feito mal. O homem havia sido enfeitiçado “[...] da cintura para baixo e, desde então, passou a necessitar do apoio de outro homem sempre que desejava ir à Igreja; e nesse estado permaneceu durante três anos, sob os cuidados de sua própria mãe.”¹¹⁸

Da mesma forma que atacavam, podiam auxiliar altos dignatários da Igreja. Foi apresentado um caso interessante sobre o contato de um bispo com uma bruxa velha.

No tempo do papa Nicolas veio a Roma, a negócios, certo bispo da Germânia cujo nome não convém mencionar, embora já tenha pago o seu tributo com a própria vida. Em Roma, apaixonou-se por uma menina e a enviou para a sua diocese por meio de dois de seus servos. Com eles seguiu uma parte de seus bens, na qual se incluíam joias de grande valor. Durante a viagem, a menina, manifestando a cupidez própria das mulheres, começou a pensar consigo mesma que se o bispo morresse por causa de alguma bruxaria ela poderia ficar com os anéis, os colares e os brincos, todos muito valiosos. Pois na noite seguinte o bispo adoeceu. Os médicos e os criados logo suspeitaram de que fora envenenado. Pois que em seu peito ardia um fogo que o obrigava a tomar contínuos goles de água fria para aliviá-lo. No terceiro dia, quando já não mais parecia haver qualquer esperança para o pobre homem, foi ter até ele uma anciã pedindo para vê-lo, pois que ali estava para curá-lo. Deixaram-na entrar e a velha prometeu-lhe que o curaria se ele concordasse com o que ela lhe propusesse. Quando o bispo perguntou-lhe com o que havia de concordar para que tivesse restituída a saúde que tanto desejava, a anciã respondeu-lhe: – Sua doença foi causada por um ato de bruxaria. Vossa Excelência Reverendíssima só será curada por outro ato de bruxaria, que irá transferir a enfermidade para a bruxa que a causou, para que então ela morra. O bispo ficou estarecido. Vendo que não poderia ser curado de outra forma e precisando tomar uma decisão rápida, resolveu consultar o papa. Ora, o sumopontífice tinha-o como dileto irmão, e quando soube que aquela seria a única maneira de o pobre homem ser curado concordou em permitir dos males o menor e deu-lhe o consentimento. Tornaram a chamar a velha bruxa e disseram-lhe que tanto o bispo quanto o papa haviam consentido e concordado com a morte da bruxa, sob a condição de que o bispo haveria de ter a saúde plenamente restituída. A bruxa foi-se embora,

¹¹⁵ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 77.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 362.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 136.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 231.

assegurando-lhe que estaria curado na noite seguinte. Dito e feito. No meio da noite seguinte, vendo-se completamente curado, enviou um mensageiro até a sua terra para saber o que acontecera à menina. O mensageiro, ao retornar, contou-lhe que, no meio daquela noite, a menina caíra doente enquanto dormia ao lado da mãe. Convém entender que exatamente na mesma hora, no mesmo momento, a enfermidade foi transferida do bispo para a menina bruxa, pela mediação de uma velha bruxa; assim o espírito maligno, ao deixar de molestar o bispo, pareceu restaurar-lhe a saúde como que por acaso, embora tenha sido Deus que o permitisse, e foi Deus quem na verdade lhe restituiu a saúde. O Diabo, em vista do pacto com a segunda bruxa, que invejava a fortuna conseguida pela menina, passou a afligir então a amante do bispo. É preciso entender que esses dois males causados por bruxaria não foram determinados por um mesmo Demônio, que serviu a duas pessoas, mas por dois Demônios, que serviram a duas bruxas diversas. Pois que os Demônios não operam contra si próprios, mas trabalham o quanto podem em conjunto para a perdição das almas. Por fim, tomado de compaixão, o bispo foi visitar a menina; mas, ao entrar no recinto em que ela se encontrava, foi recebido com as maiores execrações por parte da menina: – Que tu e aquela que te curou tenham a danação eterna! – Mas o bispo tentou exortá-la à penitência e disse-lhe que a perdoava pelos seus erros. A menina no entanto virou-lhe o rosto e disse: – Não tenho qualquer esperança de perdão. E encomendo minha alma para todos os Demônios no Inferno. – E, assim, morreu miseravelmente. O bispo, porém, retornou para casa cheio de alegria e de gratidão. Cumpre aqui ressaltar que o privilégio recebido por um não constitui precedente para todos, e a decisão do papa, nesse caso, não significa que servirá para todos os casos, tornando-os lícitos.¹¹⁹

O *Malleus* condenava quem recorria ao auxílio da bruxaria e quem a praticava, mas não condenou o bispo que foi ajudado por uma bruxa. Apesar disso, não houve contradição na postura de Kramer e Sprenger, por dois motivos: em primeiro lugar porque defendiam que as ações das bruxas eram reais, portanto, acreditavam que elas tinham a capacidade de causar males, mas também de curá-los. Em segundo, porque concordavam que esse tipo de caso era uma exceção que não se estendia a todos.

A Igreja se reservava a reconhecer somente as capacidades curativas que estavam sob seu controle. Curas realizadas por mulheres que estavam subordinadas aos dogmas da Igreja, podiam ser tomados como milagres, enquanto curas realizadas por mulheres que estavam à margem da comunidade cristã podiam ser encaradas como bruxaria. Essa lógica, no entanto, não impedia que os fiéis e até mesmo membros do corpo eclesiástico acreditassem que as mulheres acusadas de bruxaria podiam de fato curar enfermidades. O efeito da cura era real, mas se a inspiração não era divina, logo, ela só podia ser diabólica e por isso era condenada.

Quando os remédios lícitos da Igreja não funcionassem, o cristão devia aceitar sua condição e não recorrer à bruxaria. A história em questão foi tomada como um caso à parte, que não podia ser condenado também por dois motivos: ele contou com a autorização do papa, e aconteceu com um bispo.

¹¹⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 324-326.

Em outras palavras, estavam defendendo que a Igreja tinha tamanha autoridade, que podia até mesmo decidir quando era conveniente utilizar um meio ilícito de cura. A decisão outorgada pelo papa, confirmava que não se tratava de um caso passível de discussão por parte dos religiosos e muito menos por parte dos leigos. Além disso, os homens autorizados pela Igreja, como o bispo, tinham o preparo indicado para lidarem com esse tipo de situação, já que tinha conhecimento suficiente para saber que quem o curou foi Deus e não a bruxa, opinião que talvez não fosse encontrada em pessoas supersticiosas e com menor nível de preparo espiritual.

É importante notar ainda, que a história não serviu apenas para defender a autoridade da Igreja, mas foi usada também para reafirmar o poder da bruxa velha. Observamos que não houve nenhuma discussão sobre uma hierarquia de poderes entre os dois demônios da história, pois um não foi apontado como mais poderoso que o outro. Em relação às bruxas percebemos a nítida intenção de frisar que uma bruxa velha se sobrepunha a uma jovem. A bruxa jovem foi bem sucedida inicialmente porque através do exercício da sua sexualidade, conseguiu dominar o bispo. Já a bruxa velha utilizou um modo de ação pautado apenas no conhecimento e na experiência, e acabou superando tanto a inexperiência da jovem, quanto os remédios da Igreja. Logo, ainda que a força diabólica fosse o motor, o resultado da ação estava mais atrelado à agente que a realizava, e possivelmente a sua idade, do que propriamente ao demônio.

Kramer e Sprenger trataram ainda das relações sexuais entre as bruxas e o diabo.

[...] cumpre fazer uma distinção provável: ou a bruxa é velha e estéril, ou não o é. Sendo estéril, o Demônio com ela copula sem injetar-lhe o sêmen, pois que não teria qualquer utilidade, e o Diabo evita, ao extremo, a superfluidade nas suas operações. Não sendo estéril, o Demônio dela se aproxima para dar-lhe o prazer carnal que é conseguido pela bruxa. E caso ela esteja em momento propício para engravidar, o Demônio, convenientemente, é capaz de possuir o sêmen extraído de algum homem e, sem demora, o há de injetar para contaminar-lhe a progênie.¹²⁰

O diabo preferia ter relações sexuais com as jovens não só porque eram virgens, mas também porque eram férteis e podiam engravidar. Após ficarem velhas, o vínculo das mulheres com o sexo era percebido de outra maneira, já que passavam a ser preteridas sexualmente pelo diabo, por não terem mais serventia pra ele.

Dito isto, podemos considerar que a idade era o que definia a relação das mulheres com o sexo. Além disso, a proximidade ou distanciamento do sexo determinava as faltas que seriam cometidas. Ao longo dos anos, as mulheres podiam pecar de diversas formas, mas a juventude,

¹²⁰ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 247.

a maturidade e a velhice, eram fases da vida que predispunham as mulheres a determinados desvios.

A juventude foi intensamente associada ao sexo. De forma simultânea, as mulheres jovens normalmente estavam correlacionadas à virgindade e, concomitantemente, ao auge da vida sexual. Nos casos descritos por Kramer e Sprenger, o sexo está sempre rodeando as mulheres jovens, seja para corromper aquelas que ainda eram virgens, ou para atender aos fins diabólicos de reprodução. As virgens aparecem relutantes em relação à luxúria, mas por outro lado os relatos demonstram que aceitavam de pronto o convite de irem até a casa da bruxa, o que podemos interpretar como indício de que essas mulheres eram curiosas em relação àquilo que não conheciam: o sexo. Já as não-virgens aparecem como as mais solicitadas sexualmente pelo diabo. Assim, podemos supor que as mulheres jovens eram vistas como mais sexualmente ativas em relação às outras.

A maturidade foi moderadamente associada ao sexo. As matronas foram associadas à maturidade por se encontrarem numa fase intermediária, que não permitia que fossem vistas como as mulheres jovens e nem como as mulheres velhas. O casamento pode ser percebido como o elemento principal que distinguia essas mulheres das demais.

Kramer e Sprenger chegaram a falar sobre bruxas casadas que tinham relações sexuais com íncubos e súcubos – como discutiremos mais adiante. Logo, ainda que fossem casadas, essas mulheres eram mal vistas, pois acreditavam que elas lidavam da maneira errada com o sexo. Não bastava ser casada, era preciso reafirmar diante da comunidade e da Igreja, que seu comportamento condizia com o que se esperava de uma esposa.

Se o ato sexual ocorresse apenas dentro do casamento, e de acordo com as imposições da Igreja, as matronas ganhavam o verniz da honestidade e conseguiam repelir acusações que girassem em torno do sexo, e conseqüentemente levantavam menos suspeitas de que estivessem envolvidas com a bruxaria.

De acordo com o *Malleus*, a prática da bruxaria estava em plena circulação como um conhecimento não ortodoxo que se opunha aos preceitos cristãos e como uma prática que impactava a economia local. Sendo assim, é provável que as matronas se consultassem com mulheres acusadas de bruxaria, com maior frequência do que foi indicado. Os autores da obra citaram apenas casos em que a subsistência das famílias das matronas estava em risco, dando a entender que enquanto as outras mulheres eram afetadas por problemas de ordem sexual, as casadas só recorriam a bruxaria quando estavam preocupadas com o gerenciamento da produtividade de seus lares.

É possível notar, ainda, a distinção que foi feita entre utilizar a bruxaria e praticar a bruxaria, de modo que a consulta das matronas às bruxas foi insuficiente para que elas também fossem vistas da mesma forma.

A velhice foi diferentemente associada ao sexo. Presume-se que Kramer e Sprenger acreditavam que as velhas continuavam se entregando à prática sexual, só que em menor proporção quando comparadas às jovens. O fato de aparecerem sempre atreladas às virgens, pode sugerir que essas mulheres desempenhavam duas funções fundamentais: a de renovar o quadro de bruxas e a de transmitir os costumes.

Cabia à bruxa velha aliciar moças virgens para que se tornassem bruxas e intermediar a relação sexual entre a novata e o diabo. Certamente o alvo de conversão não se limitava apenas a virgens, mas quando as bruxas se deparavam com essa possibilidade, a experiência da bruxa velha era evidenciada frente à inexperiência da jovem. Isso significa que, diante do desafio de corromper uma virgem, a vivência de uma bruxa mais velha era fundamental.

A bruxa velha era o receptáculo de um conhecimento “oculto”, que embora fosse condenado por contrastar com aquele que era revelado por Deus, era procurado devido à ideia que faziam sobre sua eficácia. Se tratava de um conhecimento robusto, que estava atrelado à idade, e que se renovava à medida que transmitiam os costumes para as novas bruxas que eram integradas ao grupo, ressaltando dessa forma que a bruxaria era uma prática alicerçada na transmissão da cultura oral, passada de geração para geração.

Dessa forma, é possível afirmar que Kramer e Sprenger enxergavam cada categoria de uma forma diferente em relação à bruxaria: as velhas eram as responsáveis por darem continuidade à bruxaria por meio da transmissão do conhecimento, as matronas deviam resistir às tentações diabólicas através do casamento e as jovens eram encarregadas de fazerem a manutenção da bruxaria através da prática sexual.

As mulheres virgens e as mulheres casadas ocupavam posições respeitáveis, mas eram diferenciadas entre si. Tudo indica que o contato com o sexo era o marcador de diferença, pois enquanto as casadas já haviam regrado suas práticas sexuais, as virgens permaneciam diante do desconhecido, de modo que era incerto o que se esperar dos seus comportamentos. Assim, a virgindade era um atributo, mas também um estado que podia gerar desconfiança. Aquelas que não eram mais virgens foram acusadas de realizarem o ato sexual de maneira transgressora e incontrolável. A prática sexual ocorria tanto com o diabo, quanto com homens. Tanto com solteiros, quanto com casados.

É provável que as mulheres jovens e as velhas fossem alvos mais frequentes de acusações por terem sido mais atreladas ao sexo, ainda que de maneiras diferentes. As matronas não estavam imunes às acusações de bruxaria, mas eram tratadas com maior tolerância devido à reputação que sustentavam. Diferenciar as matronas das outras mulheres era importante para reafirmar a funcionalidade do casamento, pois, apesar do casamento não colocar as mulheres em posição de igualdade com os homens, ele possibilitava que as casadas estivessem numa posição hierarquicamente superior às demais mulheres.

Assim, ainda que os autores do *Malleus* compreendessem que havia mulheres mais honradas do que outras, a tentação da bruxaria estava sempre à espreita, sobretudo para as mulheres mais jovens e inexperientes. Com isso, a atenção dispensada a essas mulheres tinha o intuito de zelar por suas integridades, mas acabavam se desdobrando numa tutela que mais estigmatizava do que protegia.

O embate entre Eva e Maria acarretou na visão de que as mulheres eram suas “herdeiras”. As herdeiras de Maria estavam na Igreja e continham sua sexualidade dentro do casamento. As herdeiras de Eva estavam próximas das práticas mágicas, nem sempre casadas e por isso acusadas de lidar com sua sexualidade de maneira inapropriada e de fazerem do sexo o meio pelo qual visavam corromper a humanidade.

Essas, podiam ser acusadas de contaminar o ato venéreo e a concepção. Isso porque, “[...] é mais notória a permissão de Deus para o encantamento do ato venéreo (ou das forças generativas), pela sua maior corruptibilidade, do que dos demais atos humanos.”¹²¹

2.5 - Os males causados aos homens

No *Malleus*, as bruxas foram acusadas de arrancarem, por ilusionismo, os pênis dos homens, solteiros ou casados. A ocultação do pênis afetava o tato e a visão e era um exemplo da aplicação da arte prestidigitatória das bruxas.

De maneira parecida com a distinção que haviam feito entre as mulheres virtuosas e as mulheres pecaminosas, os autores da obra acreditavam que os homens lidavam de formas diferentes com o sexo e que isso determinava quais indivíduos seriam acometidos por esse mal. Os homens em estado de graça eram aqueles que lidavam com o sexo de acordo com os ensinamentos da Igreja e por essa razão, embora “possa ver a perda sofrida por outro, sendo, nessa medida, iludido pelo Demônio, não é capaz de sofrer passivamente tal perda em seu

¹²¹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 143.

próprio corpo, pois que não está sujeito à luxúria”¹²². Por outro lado, “todos que são iludidos por Demônios, para não falar do padecimento de enfermidades físicas, carecem do dom da graça divina”¹²³. Todos os homens “assim iludidos cometem, presumivelmente, um pecado mortal”¹²⁴. Aqueles que tiveram seus pênis ocultados pelas bruxas, haviam burlado as regras eclesiásticas, pois:

[...] os que mais padecem desse sofrimento costumam ser os adúlteros ou os fornicadores. Porque, ao deixarem de responder à demanda de sua amante, ao tentarem abandoná-la, trocando-a por outra mulher, fazem com que ela, por vingança, através de alguma força, remova o seu membro viril.¹²⁵

Notamos que, embora as bruxas fossem consideradas sexualmente ativas com os homens, elas não escapavam de ser acusadas de castração ilusória. Isso, porque esse tipo de encantamento só acontecia quando o homem não tinha mais serventia sexual para elas.

Percebemos ainda que os autores da obra julgaram mulheres e homens de maneiras totalmente diferentes. Vimos que quanto mais as mulheres pecaminosas eram associadas ao sexo fora do casamento, mais elas eram acusadas de bruxaria. No caso dos homens, aqueles que realizavam o ato sexual de forma transgressora não foram acusados de bruxaria e ainda foram entendidos como vítimas.

O estado de pecado no qual esses homens se encontravam, como os adúlteros ou fornicadores, era colocado em segundo plano, frente às tentativas femininas de ocultação de pênis. As mulheres que se relacionavam com os homens, fossem eles casados ou solteiros, apareceram como as agentes responsáveis pela ação ilusória. Eis o exemplo a seguir:

Na cidade de Ratisbon vivia um jovem que, depois de uma briga com uma certa menina, desejando abandoná-la, ficou sem o membro. Foi-lhe, digamos, lançado algum encanto de forma que em seu corpo ele nada via ou tocava – era perfeitamente liso. Preocupado com o que lhe ocorrera, foi a uma taberna beber vinho. Depois de lá sentado por alguns momentos, entabulou conversa com uma das mulheres da taberna e acabou contando-lhe toda a sua tristeza, explicando-lhe tudo, e mostrando a ela como seu corpo ficara. A mulher, astuta, perguntou se ele não suspeitava de ninguém que o tivesse encantado. Ele então falou-lhe da tal menina, revelando à mulher toda a história, ao que ela o aconselhou: – Se não bastar a persuasão, é melhor que uses de alguma violência para fazê-la restaurar a tua saúde. E assim, naquela mesma noite, o jovem ficou a postos no caminho por onde a bruxa costumava passar. Quando ela se aproximou, interpôs-se-lhe no caminho e suplicou-lhe que restituísse a saúde de seu corpo. A moça sustentou que era inocente e que nada sabia a respeito. Ele então jogou-se em cima dela e, enlaçando-a pelo pescoço com uma toalha, avisou: – A menos que me devolvas a minha saúde, há de morrer nas minhas mãos. A bruxa, impossibilitada

¹²² KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 261.

¹²³ *Ibidem*, p. 260.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 260.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 153.

de gritar, e com o rosto já inchado e lívido, balbuciou: – Deixa-me ir que vou te curar. O jovem afrouxou a toalha e a bruxa imediatamente tocou-o com a mão entre as coxas, dizendo: – Agora tens de volta o que desejas. O jovem contou depois que, mesmo antes de olhar ou palpar, sentiu que o membro lhe fora restituído pelo mero toque da bruxa.¹²⁶

Nesse caso, o que chama atenção é a participação da mulher que serve de ouvinte e conselheira do homem vitimado. Kramer e Sprenger parecem ter usado essa história para reforçar duas ideias: a primeira, é que a ocultação de pênis era uma atividade recorrente entre o público feminino, a ponto de identificarem quando um homem estava sendo acometido por esse tipo de ilusão, já que a mulher foi a primeira a sugerir que se tratava de um encantamento. A segunda ideia, é de que as bruxas por serem vingativas, não eram mulheres dispostas a cederem, e que por essa razão, talvez fosse necessário apelar para o uso da violência, como o único meio de conseguir que a bruxa em questão restaurasse a saúde do homem.

Temos ainda mais uma história envolvendo a ocultação de pênis por bruxaria.

Experiência semelhante é narrada por certo padre venerável da Casa Dominicana de Spires, muito conhecido na ordem pela honestidade de sua vida e pela sua instrução. – Certo dia – disse ele –, estava eu no confessionário e aproximei-me um jovem que, em meio à sua confissão, pesarosamente, contou que perdera o membro. Atônito, e não querendo dar-lhe crédito com facilidade, pois que é prova de imprudência, segundo os sábios, acreditarmos em tudo o que ouvimos, pedi-lhe uma prova do que me dizia. O jovem, então, tirou as roupas e pude ver que nada havia em seu corpo. Perguntei-lhe, portanto, se suspeitava de alguém que o tivesse enfeitado; ao que ele respondeu: “Sim. Mas por uma moça que estava ausente e que vivia em Worms.” E eu lhe disse: – Aconselho-o então a procurá-la o mais depressa possível e tentar convencê-la, mesmo com palavras amáveis e com promessas, a desfazer esse canto. E assim ele fez. Depois de alguns dias, retornou e me agradeceu. Estava completamente recuperado. Embora acreditasse em suas palavras, tive a prova, mais uma vez, pelos meus próprios olhos.¹²⁷

A estrutura das duas histórias é bem parecida. Em ambas, os homens supostamente são solteiros e, após se envolverem com mulheres, se veem desprovidos dos seus membros viris. Dividiram suas angústias com terceiros e foram aconselhados a procurarem a suspeita. Na segunda história, o padre não conseguiu enxergar o membro do homem vitimado. Provavelmente, o padre foi considerado um homem em estado de graça e, por isso, não podia ser iludido pelo diabo em seu próprio corpo, mas não estava imune às ilusões criadas nos outros corpos. Na primeira história, a mulher também não conseguiu enxergar o membro da vítima.

Nesse ponto, vemos que as histórias se distanciam, já que existia uma causa para que o padre fosse iludido, mas não para a mulher. Por essa razão, não creio que o *Malleus* tivesse a

¹²⁶ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 257.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 258.

intenção de atestar que homens e mulheres eram atingidos da mesma forma por ilusões causadas nos corpos dos outros.

A ocultação do pênis foi tratada como um revanchismo feminino, uma ação à qual as mulheres recorriam quando eram abandonadas, pois Kramer e Sprenger partiam do pressuposto de que as mulheres pautavam suas existências na busca da aceitação dos homens e que suas vidas se esvaziavam de propósito sempre que eram rejeitadas.

Em vista disso, presumo que a ocultação do pênis, era compreendida como um encantamento que acometia especificamente um gênero. Uma ilusão diabólica planejada por mulheres, que só podia atingir a percepção dos homens e ser experimentada por um corpo masculino.

A primeira história talvez sirva para reforçar uma terceira ideia. A de que as bruxas mentiam e que rivalizavam entre si. Sendo assim, se a mulher da taberna fosse uma bruxa, podia ter mentido que não enxergava o pênis, só para incentivar a procura da outra bruxa que tinha realizado o encantamento. Tudo em prol de vingança, por algum motivo desconhecido e também irrelevante para o assunto debatido.

As Sagradas Escrituras forneceram múltiplos exemplos de rivalidade feminina.

Qual não foi a impaciência e a inveja de Ágar manifestada por Sara quando a primeira concebeu; como enciumada de Leía ficou Raquel porque não tivera filhos (Gênesis, 30); e a inveja de Ana, que era estéril, da fértil Fenena (I Reis, 1); e de como Míriam (Números, 12), por ter falado mal de Moisés, acabou por contrair lepra; e de como Marta tinha ciúmes de Maria Madalena, porque, enquanto trabalhava, Maria ficava sentada (Lucas, 10). Vemos sobre esse ponto o que diz o Eclesiástico, 37: “Não vás consultar uma mulher sobre sua rival.” Querendo com isso dizer ser inútil consultá-la, porque sempre haverá ciúme, ou seja, inveja, na mulher perversa. E se entre si assim se comportam as mulheres, muito pior será com relação aos homens.¹²⁸

Ainda sobre a ocultação do pênis, o *Malleus* tratou de um caso interessante que indica como os membros masculinos ficavam armazenados quando eram tomados de seus donos.

E o que se há de pensar das bruxas que, vez por outra, reúnem membros masculinos em grande número, num total de vinte ou trinta, e os colocam em ninhos de pássaros ou em caixas, onde se movem como se estivessem vivos e comem grãos de aveia e de trigo? Cumpre entender que tudo isso é feito por obra e ilusão do Diabo: o sentido dos que veem tais coisas se acham iludidos na direção que indicamos. Pois um certo homem contou-nos que, quando perdeu o seu membro, aproximou-se de uma conhecida bruxa e pediu-lhe que o restituísse. A mulher disse-lhe então para que subisse numa determinada árvore e que, no ninho que lá se encontrava, escolhesse o membro que mais lhe agradasse dentre os muitos que havia. E quando ele tentou pegar um bem grande, a bruxa disse: – Não debes pegar esse aí, porque era de um pároco. Todas essas coisas são causadas pelos Demônios através de ilusões ou de encantos,

¹²⁸ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 125.

que assim confundem o órgão da visão, transmutando imagens mentais na faculdade imaginativa. E é mister que se diga que tais membros são na verdade Demônios naquela forma, da mesma maneira em que aparecem a bruxas e a homens em substância aeriforme e com eles conversam. Fazem tais prodígios também de uma forma mais simples: retirando certas imagens do repositório da memória e imprimindo-as na imaginação.¹²⁹

Dessa vez, a bruxa não foi retratada como a mulher que era ou que tinha sido amante do homem atingido. Não foram mencionadas relações amorosas ou sexuais entre a bruxa e os homens.

Nesse exemplo, a bruxa apareceu em posse de uma diversidade de membros masculinos, mostrando que detinha um grande poder de sequestro do ato sexual. A indicação de que a bruxa alimentava o membro como se ele fosse um pássaro, pode sugerir que ela não pretendia se livrar do mesmo. Ela suspendia temporariamente a capacidade sexual masculina, mas era importante para o diabo e para as próprias bruxas, que o sexo continuasse tendo meios de ser praticado.

O tamanho do membro, aparentemente já era algo significativo para o gênero masculino, já que o homem escolheu de imediato “um bem grande”, enquanto para a bruxa parecia ser indiferente qual dos membros seria escolhido, com exceção do que pertencia ao pároco. A história destacou que a bruxa não permitiu que o membro do pároco fosse escolhido, possivelmente para afirmar que uma figura masculina e religiosa podia inspirar temor até mesmo nas bruxas, ainda mais se elas permitissem que um membro casto fosse desviado para atender a fins sexuais.

Se a escolha do maior membro indicava a predileção masculina, o que pode sugerir o membro de um pároco ser retratado como tal? A meu ver, era uma forma de afirmar que os homens em estado de graça, ainda que tivessem um membro propício e chamativo ao ato sexual, optavam por desprezar a luxúria.

Contudo, se o pároco era um homem em estado de graça, ele não podia ter sofrido a perda do seu próprio membro. O que justificaria a afirmativa da bruxa? Talvez fosse para mostrar que havia uma disputa de autoridade. As bruxas mentiam e podiam aproveitar uma inverdade, para exporem que tinham poder de sequestro também sobre religiosos.

As discussões sobre a ocultação do pênis, serviram ainda para Kramer e Sprenger demarcarem a conduta sexual ideal dos homens. Os homens precisavam ser encaminhados para os ensinamentos cristãos e, a princípio, o melhor meio de garantir que isso acontecesse era expondo as ameaças que um caminho desviante representava para aquilo que era indispensável para eles: a funcionalidade do pênis.

¹²⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 261.

A instabilidade emocional feminina era um risco à masculinidade. As bruxas humilhando os homens que viam sua virilidade ficar vulnerável e o exercício da sua sexualidade ser prejudicada. A ocultação de pênis era um dos problemas que atingiam os homens, mas tinham outros dois tão graves quanto o primeiro.

A impotência sexual e a infertilidade masculina, eram as outras formas das bruxas atacarem a força da procriação através dos corpos dos homens.

[...] tal neutralização se dá de forma ora intrínseca, ora extrínseca. São dois os modos de causá-la de forma intrínseca. Primeiro, quando as bruxas impedem, diretamente, a ereção do membro próprio à frutificação. E tal não há de parecer impossível, quando considerarmos que elas são capazes de viciar e de perverter o uso natural de qualquer membro. Segundo, quando impedem o fluxo das essências vitais aos órgãos onde reside a força motriz, ocluindo os ductos seminais de sorte a não se comunicarem com os vasos procriadores, ora impossibilitando a ejaculação, ora a tornando infrutífera.¹³⁰

O *Malleus* é permeado pelo debate de que a bruxaria, embora fosse ilusória, também devia ser encarada como real. Vemos que esse princípio foi reproduzido, sobretudo, quando os autores da obra trataram da sexualidade masculina, pois, apesar da bruxa não lesionar o pênis e só ocultá-lo por meio de ilusão, pensavam que ela tinha a capacidade de causar efeitos reais e contrários à força da procriação.

Kramer e Sprenger admitiram que as bruxas nem sempre eram as responsáveis por causarem a impotência sexual masculina, já que “quando o membro não fica ereto de forma alguma, e nunca é capaz de realizar o coito, tem-se então o sinal de impotência natural; todavia, quando se excita e fica ereto, mas, mesmo assim, não consegue realiza-lo, tem se então o sinal da impotência por bruxaria”¹³¹. Vale frisar, que a impotência sexual masculina repelia determinadas mulheres, enquanto com outras o membro funcionava perfeitamente. Ou seja, a impotência sexual masculina por bruxaria era uma limitação seletiva, que permitia ao homem selecionar sua parceira sexual sem que precisasse tomar para si a responsabilidade da sua escolha.

Podemos refletir ainda sobre a importância que foi dada ao sêmen humano. De nada adiantava que o membro viril de um homem ficasse ereto, mas não ejaculasse, e nada adiantava ejacular se o sêmen não fosse fecundo. Assim, a impotência sexual era um grande problema para os homens, mas, quando essa condição estava associada à infertilidade, o quadro tornava-

¹³⁰ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 255.

¹³¹ *Ibidem*, p. 145.

se ainda pior. A impotência sexual e a ausência de sêmen ou a presença de um sêmen infrutífero, causados por bruxaria, eram problemas preocupantes que interferiam até nos casamentos.

2.6 – O casamento

Kramer e Sprenger estavam preocupados com a prática inapropriada da sexualidade masculina e principalmente da feminina. Existiam dois caminhos para lidar corretamente com a sexualidade: ou o indivíduo se devotava a uma vida religiosa e casta, abdicando do exercício da sua sexualidade, ou ele devia se casar.

Assim como a virgindade feminina, a castidade dos homens foi louvada e tratada como um meio de resistir às tentações carnis. Podemos destacar pelo menos quatro exemplos de homens respeitados por controlarem o ímpeto da luxúria. Um deles, foi o São Sereno:

Transcrevemos a seguir o caso do abade São Sereno, contado por Cassiano na primeira das suas Assembleias dos padres. São Sereno muito lutou para conquistar a castidade interior, do coração e da alma, pelas orações durante a noite e durante o dia, pelo jejum e pela vigília. Por fim percebeu que, pela graça divina, conseguira extinguir todos os surtos da concupiscência carnal. Finalmente, movido pelo zelo ainda maior da castidade, lançou mão de todos os recursos sagrados para rogar ao Todo-Poderoso que lhe permitisse que a castidade que sentia em seu coração fosse também visivelmente concedida ao corpo. Dirigiu-se então a ele um anjo do Senhor numa visão durante a noite e pareceu abrir-lhe o ventre e retirar de suas entranhas um tumor ardente de carne, repondo-lhe depois os intestinos; e disse: “Vê! Foi extirpada a provocação da tua carne. Contas doravante com a pureza perpétua em teu corpo, de acordo com as tuas preces: nunca mais serás aguilhoado pelo desejo natural que é até mesmo despertado em crianças de peito.”¹³²

Assim como o abade São Equício:

De forma análoga, São Gregório, no primeiro livro dos seus Diálogos, conta-nos o caso do abade São Equício. Esse homem, durante a sua juventude, fora muito atormentado pelas tentações da carne; mas foi o sofrimento causado pelas tentações que o fez se aplicar ainda mais às suas orações. E enquanto rogava a Deus por um remédio contra aquela aflição, apareceu-lhe um anjo durante a noite que o tornou eunuco e, na sua visão, pareceu-lhe que extraiu todo o desejo de seus órgãos genitais; e desde então viu-se tão alheio às tentações que era como se não houvesse o sexo em seu corpo. Reparai no benefício advindo dessa purificação; pois que o abade viu-se tão pleno de virtude que, assim como antes gozava de preeminência entre os homens, passou a gozar dessa mesma preeminência entre as mulheres.¹³³

O monge Elias:

¹³² KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 212.

¹³³ *Ibidem*, pp. 212-213.

Na Vida dos padres, obra compilada por São Heráclides, conta-nos esse autor, no livro intitulado Paraíso, do caso de um santo monge chamado Helias. Esse homem, movido pela piedade, reuniu sob seu comando trinta mulheres em um mosteiro e começou a governá-las. Mas depois de dois anos, quando contava 30 anos, viu-se forçado a renunciar à tentação da carne refugiando-se num eremitério. Depois de jejuar por dois dias, rogou a Deus: “Ó, Senhor Deus, matai-me ou livrai-me dessa tentação.” E ao anoitecer teve um sonho no qual três anjos dele se aproximavam e lhe perguntaram por que fugira do mosteiro das virgens. Mas como não se atrevesse a responder, por vergonha, os anjos disseram: “Se fores liberto da tentação da carne, voltarás a cuidar daquelas mulheres?” Respondeu-lhes Helias que era esse o seu desejo. Fizeram-no então jurar que cumpriria o prometido e o tornaram eunuco. Pois que, enquanto um parecia segurar-lhe as mãos e o outro, os pés, o terceiro arrancou-lhe os testículos com uma faca; não obstante, tal não se deu na realidade, mas tão só na aparência. Perguntaram-lhe então se ele se sentia curado, ao que respondeu: “Estou completamente livre da tentação.” E assim, ao quinto dia, retornou ao convívio das aflitas mulheres, com quem passou os quarenta anos restantes de sua vida, sem nunca mais ter sentido um resquício que fosse da primeira tentação.¹³⁴

E também Santo Tomás:

Bênção não menos importante foi concedida a Santo Tomás, doutor da nossa ordem, à qual ingressou à revelia da família. Para impedi-lo, seus irmãos chegaram a confiná-lo em cárcere. E, ademais, desejando tentá-lo, levaram até ele uma prostituta sedutora, suntuosamente vestida. Mas quando Tomás a viu, pegou de uma tocha acesa e com o fogo material expulsou de sua cela o instrumento do fogo da luxúria; e prostrando-se então em oração de graças pelo dom da castidade, acabou adormecendo. Em sonho, apareceram-lhe dois anjos do Senhor, dizendo: “Atentai! Por ordem do Senhor Deus vamos cingi-lo com o cinturão da castidade, e nenhuma outra tentação há de desprendê-lo; pois que não pode ser adquirido pelos méritos da virtude humana, porque é dado como dom pelo Senhor Deus tão somente.” E assim sentiu-se Tomás protegido, e percebendo que usava um cinto, acordou com um grito. E foi-lhe concedido um dom de castidade de tal magnitude que passou, desde então, a abominar todos os prazeres da carne, que passou a só falar com alguma mulher sob coerção, mostrando-se forte na sua castidade perfeita.¹³⁵

Os relatos caracterizaram os religiosos como homens que buscavam incansavelmente pela castidade e que enfrentavam a árdua tentação da luxúria através das orações e do sacrifício do corpo, representado pelo jejum e pela vigília. Quando identificaram a fragilidade humana em lidar com os desejos carnis, recorreram a Deus para que pudessem ser fortalecidos e saíram exitosos. A experiência que todos tiveram com o divino, ao serem visitados por anjos que os libertaram da sujeição ao prazer, era a comprovação de que se tratavam de homens abençoados e firmes em sua fé.

Embora tenhamos visto que a virgindade feminina foi exaltada, ela não parecia representar para as religiosas um trunfo contra as tentações carnis, da mesma forma que a castidade servia para os homens. Kramer e Sprenger mencionaram histórias em que freiras

¹³⁴ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 213.

¹³⁵ *Ibidem*, pp. 213-214.

foram vítimas dos íncubos, os demônios sexuais. O episódio a seguir foi retirado pelos autores do *Malleus*, da obra *Sobre as abelhas* de Tomás de Barbante. No primeiro caso, o autor se referiu a uma freira cujo nome não foi informado.

Vi e ouvi, conta ele, “a confissão de uma virgem que vestia hábito religioso, em que me disse que nunca consentira em fornicção, mas ao mesmo tempo deu-me a entender que a conhecia de certa forma. Não pude acreditar de que modo conhecia a fornicção se dela nunca participara. Assim, exortei-a a contar-me a verdade com as mais solenes adjurações, tendo em vista o risco que corria em sua alma. Por fim, chorando amargamente, contou-me que fora corrompida mais na mente que no corpo; e que embora se entristecesse e se mortificasse com isso, e se confessasse quase que diariamente às lágrimas, mesmo assim, não havia meio ou recurso ou arte que a livrasse de um íncubo, nem pelo sinal da cruz, nem por água benta, que é especialmente recomendada para a expulsão de Demônios, nem mesmo pelo Sacramento do Corpo de Nosso Senhor, que até mesmo os anjos temem. Só ao cabo de muitos anos de oração e de jejum foi que ela se viu livre do íncubo.”¹³⁶

No segundo caso, falou de uma freira chamada Christina, e sua ligação com a primeira freira.

Uma freira devota, chamada Christina, no País Baixo do ducado de Brabante, contou a seguinte história a respeito dessa mesma mulher: na vigília de Pentecostes, a pobre mulher queixou a ela de que não ousaria receber o Sacramento por causa da importuna molestação do Demônio. Christina, compadecida, lhe disse: – Vai-te e descansa tranquila, pois que amanhã hás de receber o Corpo do Senhor; eu mesma hei de receber em teu lugar o castigo. Assim a mulher afastou-se mais aliviada e, depois de rezar aquela noite, conseguiu dormir em paz. Pela manhã, levantou-se e comungou, com a alma tranquila. Christina, porém, sem pensar no castigo que tomara para si, ao chegar a noite, recolheu-se; ao deitar, viu-se, por assim dizer, violentamente atacada; e, agarrando fosse o que aquilo fosse pela garganta, tentou se desvencilhar. Tornou a se deitar, mas foi molestada novamente, e levantou-se aterrorizada; e o fenômeno repetiu-se várias vezes, fazendo com que toda a palha do colchão de seu catre fosse revirada, ficando espalhada por todo o quarto. Ao cabo, ela percebeu que estava sendo perseguida pela malícia do Diabo. Finalmente, decidiu sair do catre e passou a noite inteira sem dormir. E sempre que desejava rezar era tão atormentada pelo Demônio que disse nunca ter sofrido tanto antes. Na manhã seguinte, aproximou-se da outra freira e disse: – Renuncio ao teu castigo, mal estou viva para poder renunciar a ele.¹³⁷

São Cesário também falou sobre:

[...] uma freira enclausurada, contemplativa, cujo íncubo não deixava em paz apesar das orações, da confissão e de outros exercícios religiosos. Ele insistia em procurá-la na cama. Porém, seguindo o conselho de um homem muito religioso, viu-se completamente livre do Demônio ao pronunciar a palavra *Benedicite*.¹³⁸

Em outro exemplo, São Cesário falou sobre uma concubina que entrou para o convento.

¹³⁶ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 334-335.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 335.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 336.

Pois São Cesário afirma em seu *Dialogus* que, depois de um certo sacerdote ter-se enforcado, a sua concubina entrou para um convento, onde foi carnalmente solicitada por um íncubo. Afastou-o com o sinal da cruz e com água benta, embora ele retornasse imediatamente. Ela então recitou a Saudação Angelical e ele desapareceu como a flecha disparada de um arco; mas voltou, embora não ousasse aproximar-se dela, por causa daquela Ave-Maria.¹³⁹

As informações contidas em cada um dos casos permitem que façamos uma análise sobre a relação das mulheres com os íncubos e, posteriormente, sobre as diferentes interpretações sobre a virgindade feminina e a castidade masculina frente às tentações carnisais.

Podemos pressupor que houve uma divergência interpretativa a respeito dos íncubos, entre os homens que narraram as histórias e as mulheres que as protagonizaram. Enquanto os homens pareciam realmente acreditar que os casos envolviam a participação de um demônio, as mulheres talvez estivessem utilizando o termo íncubo para se referirem a outras coisas, que não fossem apenas um demônio. O íncubo podia representar a presença masculina ou a existência conflitante do desejo sexual em mulheres que deviam reprimi-lo.

A meu ver, o primeiro caso talvez seja o que mais dê indícios de que o íncubo de quem a freira falava se tratava na realidade de um homem. Tomás de Barbante estava convicto que se tratava de uma freira virgem, já que ela havia afirmado que nunca tinha consentido em fornicção. Não ter consentido, era diferente de não ter acontecido. É possível que a freira conhecesse a fornicção porque, apesar de não ter consentido, o ato sexual foi forçado por algum homem que, desde então, lhe assediava, apesar do amparo que buscava nos remédios lícitos da Igreja.

Os demais casos parecem ter uma ambiguidade maior quando se referem ao íncubo. O demônio podia ser a personificação do desejo sexual, que tomava as freiras de sobressalto durante a noite e em suas camas. Não necessariamente um desejo compartilhado com outrem, mas experimentado de forma individual.

São casos que nos fazem considerar a existência de abusos sexuais nos conventos e nos permitem pensar que a forma que as freiras tinham de externar esses episódios, era denunciando a presença de íncubos nos claustros. Outra possibilidade, que não exclui a anterior, é cogitar que as freiras, mulheres que deviam ser virgens, tinham curiosidade em relação ao sexo e que se culpabilizavam por não saberem lidar com a exacerbação do desejo sexual. Acabavam acreditando que por sentirem algo indevido, abriam brechas para os ataques diabólicos que as torturavam cada vez mais.

¹³⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 336.

No entanto, quando Kramer e Sprenger trataram dos casos sobre as freiras, pareciam estar convictos de que essas mulheres tinham sido atormentadas por demônios sexuais e, portanto, estavam interessados em discutir sobre os remédios prescritos pela Igreja contra os íncubos e súcubos. Era importante frisar que “[...] o que cura uma pessoa não necessariamente cura a outra e vice-versa.”¹⁴⁰ Não importava o tempo que levasse, a libertação de um indivíduo devia acontecer pelos meios que eram recomendados pela Igreja.

O jejum foi um dos remédios utilizados pelos religiosos contra as tentações sexuais e pelas religiosas contra o ataque dos íncubos. O desejo sexual era o inimigo em comum de ambos, estivesse ele na forma de demônios ou não. Ainda assim, homens e mulheres parecem ter sido percebidos de formas distintas.

As religiosas tinham vidas voltadas para as orações e orientadas para a abstenção sexual, de modo semelhante à vida dos religiosos, mas não tinham com o divino a mesma relação que os monges e abades. As visitas que os religiosos receberam dos anjos, eram o ápice de cada história, pois consagravam esses homens como indivíduos libertos definitivamente de qualquer influência da luxúria.

Nesse contexto, as freiras pareciam ser alvos mais fáceis de serem atingidas pelas investidas diabólicas, devido à insistência com que eram requisitadas por íncubos e ao fato de que permaneceriam sendo tentadas, ainda que recorressem a todos os métodos sagrados que foram explicitados nos casos.

Notamos que a virgindade era uma característica que diferenciava as mulheres entre si, mas que, não necessariamente, fazia com que as mulheres virgens fossem vistas do mesmo modo que os homens castos.

Apesar do modo que trataram a natureza feminina, e a construção de uma narrativa favorável à abstenção sexual, os autores do *Malleus* reconheciam que existia outro meio de promover a regulação da sexualidade: o casamento.

Durante parte da Idade Média, o casamento era laico e tinha as funções de firmar vínculos entre as famílias nobres e garantir que suas linhagens fossem preservadas. A união de duas famílias de prestígio era o melhor meio de se construir alianças sociais, políticas e econômicas. A partir do século XI-XII, com o movimento de reafirmação do poder da Igreja e de expansão do seu controle, o casamento se tornou uma instituição cristã, regido por princípios de conduta que moldaram os comportamentos dos cônjuges.

¹⁴⁰ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 336.

De acordo com Silva, “[...] a Igreja estabeleceu o casamento como um elemento caracterizador do mundo secular em oposição ao mundo sagrado dos clérigos.”¹⁴¹ e converteu o casamento em dos sacramentos divinos após o Concílio de Latrão II, ocorrido em 1139:

No cânone 23 do Concílio de Latrão II foram chamados de heréticos e expulsos da Igreja todos que “simulando um tipo de religiosidade” (*religiositatis speciem simulantes*), condenavam o sacramento do corpo e do sangue de Cristo, o batismo de crianças, o sacerdócio e outras ordens religiosas e os casamentos legítimos (*legitimarum damnant foedera nuptiarum*). Logo, percebemos que o casamento foi colocado no mesmo plano do batismo, da eucaristia e das ordens religiosas, ou seja, como um dos sacramentos.¹⁴²

Kramer e Sprenger afirmaram que “[...] conforme é mostrado, depois o matrimônio, embora seja obra de Deus, por ter sido por Ele instituído, é, por vezes, arruinado pelo Diabo[...].”¹⁴³ Logo, ainda que fosse um dos sacramentos divinos, o casamento não estava imune aos ataques diabólicos.

A melhor forma de resguardar um casamento era fazendo com que ele fosse harmonioso. A divisão entre mulheres pecaminosas e virtuosas, e as características de ambas, ajuda a compreender a crença de que o casamento podia ser extremamente afetado pela natureza feminina. Por isso, cabia ao homem escolher adequadamente sua esposa, já que as mulheres normalmente eram quem dava o tom da relação. Foram destacados alguns exemplos sobre os tormentos que os homens podiam experimentar, como aqueles descritos no livro de Eclesiástico:

Da perversidade das mulheres fala-se no Eclesiástico, 25: “Não há veneno pior que o das serpentes; não há cólera que vença a da mulher. É melhor viver com um leão e um dragão que morar com uma mulher maldosa.” E entre o muito que, nessa passagem escriturística, se diz da malícia da mulher, há uma conclusão: “Toda malícia é leve, comparada com a malícia de uma mulher.”¹⁴⁴

Nos escritos de São Jerônimo:

São Jerônimo, escrevendo sobre Daniel, conta-nos a história de Laodiceia, esposa de Antióquio, rei da Síria: enciumada, e para que seu esposo não amasse Berenice, sua outra mulher, mais do que a si mesma, fez com que, primeiro, ele, Antióquio, assassinasse Berenice e sua filha para, depois, se envenenar. E por quê? Porque, não conseguindo refrear-se, acabou cedendo a seus próprios impulsos.¹⁴⁵

¹⁴¹ SILVA, Carolina Gual da, 2019, p. 58.

¹⁴² *Ibidem*, p. 57.

¹⁴³ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 130.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 122.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 126.

Na obra de Cícero:

Mas, quanto ao domínio exercido pelas mulheres, ouçamos o que nos diz Cícero nos *Paradoxos*. Pode ser chamado de homem livre aquela cuja a esposa o governa, cuja a esposa lhe impõe leis, lhe ordena e o proíbe de fazer o que deseja, de sorte a não poder negar qualquer coisa que ela lhe peça? Eu o chamaria não apenas de escravo, mas de o mais desprezível dos escravos, mesmo quando descendente de família nobre.¹⁴⁶

Assim como outras histórias que expunham o quanto o casamento podia ser exaustivo.

Valério Máximo conta-nos que quando Forônio, o rei dos gregos, estava à morte, disse a seu irmão Leôncio que nada lhe faltava para completar-lhe a felicidade, pois que nunca tivera esposa. E quando Leôncio perguntou-lhe de que modo poderia uma mulher obstar o caminho da felicidade, respondeu-lhe Forônio que todos os homens casados sabiam perfeitamente a resposta. E quando perguntaram ao filósofo Sócrates se ele se casaria, respondeu: “Se não nos casamos, tornamo-nos solitários, extinguimos nossa família, e nossa herança vai para a mão de um estranho; quando nos casamos, porém, padecemos de perpétua ansiedade, de queixas lamuriosas, da censura do cônjuge, do intenso desprazer nas relações, da garrulice da sogra, da infidelidade e da incerteza da vinda de um herdeiro.” E fez essa declaração porque bem conhecia o problema. Pois como nos conta São Jerônimo em seu *Contra Iovinianum*: “Este Sócrates teve duas esposas, e embora as suportasse com muita paciência, não conseguia livrar-se de suas contumélias e de suas vituperações clamorosas. Assim, certo dia, quando ambas dele se aproximaram a queixarem-se, saiu e sentou-se diante da casa para escapar daquela amolação; mas as mulheres acabaram jogando-lhe por cima água suja. O filósofo, contudo, não se deixou abalar, dizendo: ‘Eu sabia que depois do trovão viria a tempestade.’” Há também a história de um homem que, tendo a esposa afogada num rio, começou a procurar pelo corpo para retirá-lo da água, caminhando, porém, em sentido contrário ao da correnteza. E quando indagado por que assim procedia, já que os corpos pesados sempre são arrastados pela correnteza, respondeu: “Quando viva, essa mulher, por palavras e por atos, sempre foi contrária às minhas ordens. Portanto, procuro-a na direção contrária porque, mesmo morta, talvez ainda conserve aquela disposição contrária à minha.” “¹⁴⁷

Eclesiástico apontou como as mulheres são dadas às emoções negativas e o quanto elas podem ser desproporcionais. A convivência com a mulher errada podia ser extremamente turbulenta. Laodiceia foi retratada como uma mulher egoísta, manipuladora, homicida e impulsiva. O fato de ser esposa de um rei era a prova de que posição econômica não interferia na personalidade feminina e que a esposa precisava ser controlada fosse ela rica ou pobre.

Cícero estava incomodado justamente com a ausência de controle masculino. Estava condenando a inversão das posições, já que as esposas deixavam de ser dominadas por seus maridos e passavam a dominá-los. Forônio estava à beira da morte, mas ainda assim feliz,

¹⁴⁶ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 126.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 125.

porque nunca havia se casado. Isso certamente lhe rendeu uma vida plena. Esse exemplo podia mais uma vez confundir o leitor sobre as opiniões de Kramer e Sprenger a respeito do casamento, mas o caso a seguir se encarregou de esclarecer a intenção dos autores do *Malleus*. Ainda que o casamento pudesse ser desagradável, ele era necessário e o exemplo de Sócrates demonstrava exatamente isso. Sócrates casou-se por necessidade e sofreu com a vida conjugal por escolher uma esposa que mais lhe trouxe problemas do que satisfações. Por fim, no último caso, foi evidenciada a insubordinação da esposa às ordens do marido

São histórias que apresentaram as mulheres como esposas que provocavam desarmonia em seus lares por aquilo que falavam, faziam ou pensavam. Aparentemente, esses textos foram usados com a intenção de criticar o comportamento inadequado das esposas. Além disso, é possível presumir que Kramer e Sprenger pretendiam demonstrar que as autoridades laicas e religiosas concordavam sobre o lugar das mulheres dentro do casamento.

A reprovação a determinadas atitudes femininas, indica que a esposa devia ter um comportamento submisso e subserviente. As mulheres que agiam assim, provavelmente, eram vistas como esposas capazes de edificarem seus casamentos e abençoarem seus maridos. Encontramos no *Malleus*, pelo menos duas passagens sobre boas esposas. Uma referência ao texto de I Coríntios e Eclesiástico.

Ver também I Coríntios, 7: “Se uma mulher desposou um marido pagão e este consente em coabitar com ela, que não o repudie. Porque o marido que não tem a fé é santificado por sua mulher.” E no Eclesiástico, 26: “Abençoado o homem que tem uma boa mulher, pois se duplicará o número de seus anos.”¹⁴⁸

Graças ao comportamento indevido dos homens, as boas esposas acabavam se tornando vítimas das bruxas. Para Kramer e Sprenger, existia:

[...] um grande número de cavaleiros e seus homens de confiança que tem tempo para o vício e que seduz mulheres e depois as repudiam para casar com mulheres honestas. E tais mulheres, vendo-se rejeitadas, persistem em atormentar não tanto os homens, mas as suas esposas, na esperança de que, morrendo estas, eles retornem às antigas amantes.¹⁴⁹

O desespero que sentiam após serem desprezadas pelos homens, levava as jovens a se tornarem bruxas.

¹⁴⁸ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 122.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 291.

Depois de as moças serem corrompidas e abandonadas pelos amantes – tendo com eles ousadamente copulado depois de acreditarem nas promessas de casamento –, e vendo-se na mais completa desesperança, desprezadas por todos, voltam-se para os Demônios, em busca de auxílio e proteção. Veem-se, então, forçadas ora a enfeitiçar os amantes ou as mulheres com quem se casaram, ora a se entregar a toda sorte de libidinagem.¹⁵⁰

Pelo menos dois casos mostram como as esposas eram vitimadas pela bruxaria. Uma teve seus quatro membros inutilizados:

Há um lugarejo na diocese de Brixen onde um jovem deu o seguinte depoimento a respeito do feitiço que se abateu sobre sua mulher. “Quando eu ainda era bem jovem, tive um caso de amor com uma certa moça. Vivia insistindo para que me casasse com ela. Mas recusei e acabei me casando com uma jovem de outro país. No entanto, em consideração à amizade que restou entre nós, convidei-a para a cerimônia de nosso casamento. Ela assegurou-me que viria. Contudo, durante a cerimônia, enquanto as outras mulheres honestas nos desejavam felicidades e nos davam presentes, ela ergueu a mão em direção à minha noiva e, ali mesmo, diante de todos os convidados, avisou: “– De hoje em diante terás poucos dias ainda com saúde. “Minha noiva ficou muito assustada, pois não a conhecia (como disse, era de outro país). Perguntou aos circunstantes quem era a mulher que a ameaçara. Informaram-lhe tratar-se de uma vadia, de uma mulher promíscua. Pois bem, aconteceu exatamente o que a mulher vaticinara. Alguns dias depois, minha esposa viu-se inutilizada nos quatro membros e mesmo hoje, dez anos depois, os efeitos da bruxaria ainda são vistos em seu corpo.”¹⁵¹

A outra acabou sendo morta:

Houve o caso de um cozinheiro do arquiduque que desposou uma jovem honesta de um país distante. A mulher que fora sua amante, contudo, conhecida bruxa, encontrou-os certa vez na estrada e estendendo a mão em direção à jovem, vaticinou-lhe a morte: – Não te hás de regozijar ao lado de teu marido por muito tempo! – disse, à frente de várias pessoas honestas que por ali passavam. No dia seguinte, a jovem caiu de cama e, dias depois, pagou o seu tributo à natureza, exclamando enquanto expirava: – Vejam, estou morrendo porque aquela mulher, com a permissão de Deus, matou-me com a sua bruxaria. Mas logo, logo vou para outro e melhor casamento: vou me casar com Deus.¹⁵²

As mulheres acusadas de bruxaria, apareceram como praticantes da fornicção, já que foram amantes de homens com quem não se casaram. As acusações de “vadia” e “mulher promíscua” denunciam a proximidade que a jovem do primeiro caso tinha com o sexo. É provável que a prática sexual antes do casamento tenha conferido a essas mulheres a visão de que eram inferiores moralmente em relação àquelas que eram virgens e foram escolhidas como esposas.

¹⁵⁰ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 220.

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 220.

¹⁵² *Ibidem*, pp. 291-292.

Observamos ainda um contraste nítido entre as ex-amantes e os homens. Os homens não estavam ressentidos porque não haviam perdido nada abdicando da companhia de mulheres promíscuas e optando por se casarem com mulheres honestas. Já as ex-amantes, por terem perdido a possibilidade de se casarem, e por estarem desmoralizadas, invejavam a esposa e se ressentiam da posição que ela ocupava.

Por mais que as esposas fossem vitimadas, a posição hierárquica ocupada por elas se mantinha. Suas reputações permaneciam intactas e, por vezes, os ataques das bruxas, acarretavam em condições ainda mais favoráveis a elas. No segundo caso, a bruxa tirou a vida da mulher, mas no fim das contas, ela saiu vitoriosa por saber que estaria na presença de Deus. Segundo Kramer e Sprenger “A causa mais poderosa a contribuir para o crescimento da bruxaria reside na rivalidade deplorável entre pessoas casadas e homens e mulheres solteiros.”¹⁵³ Entendemos que a maioria das mulheres acusadas de bruxaria, eram solteiras usadas por homens que visavam apenas satisfazer seu apetite sexual. O destaque dado à existência do livre-arbítrio, contribuía para esclarecer que partia das mulheres a escolha de se entregarem a homens com que não estavam casadas.

Os homens pareciam fazer uma distinção pragmática entre amor e sexo, pois se divertiam com as mulheres que julgavam inadequadas, e se casavam com aquelas que desempenhariam satisfatoriamente a função de esposas. Sendo assim, o casamento era atacado pelas bruxas porque representava aquilo que lhes era negado

A rejeição que as mulheres sofriam era sanada pelo diabo. Ou seja, as mulheres precisavam de proteção masculina, fosse ela humana ou não. Isso porque se referiram ao diabo ao longo de toda a obra apenas no masculino.

As bruxas afrontavam “[...] mulheres casadas, aproveitando-se de todas as oportunidades para o adultério, quando então o homem passa a ser capaz de copular com outras mulheres, mas não com a sua própria; de forma semelhante as mulheres passam a procurar outros amantes.”¹⁵⁴ Prova disso, era a quantidade de adúlteros que “[...] repeliram a mais linda das esposas para se entregarem lascivamente à mais perversa das mulheres!”¹⁵⁵.

O ataque das bruxas não afetava só as esposas. As bruxas foram vistas como agentes que manipulavam os sentimentos alheios, pois despertavam o ódio nos cônjuges e faziam com que sofressem de amor desmedido por parceiros ilícitos. O adultério era uma armadilha na qual

¹⁵³ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 125.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 144.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 136.

homens e mulheres estavam sujeitos a cair. No entanto, observamos que a ênfase recaiu no sofrimento que as esposas enfrentavam por conta das bruxas, e não nas suas traições.

O *Malleus* chegou a mencionar a existência de relações sexuais entre esposas e demônios sexuais, mas esses episódios não podiam ser lidos como casos de traição. As esposas honestas eram consideradas vítimas dos abusos demoníacos.

Certo é que têm acontecido também outros fatos. Alguns maridos têm visto íncubos copulando com suas esposas, embora por vezes julguem não ser íncubos e sim homens. Mas, ao apanharem suas armas para expulsá-los, os Demônios repentinamente desaparecem, como que se tornando invisíveis. E depois as mulheres vêm se jogar em seus braços, por vezes machucadas. Algumas, no entanto, reclamam, escarnecendo-lhes e perguntando se por acaso não enxergam ou se estão possuídos por algum Demônio.¹⁵⁶

Sendo assim, o adultério era uma possibilidade, mas que, na visão de Kramer e Sprenger, não havia sido abraçada pelas esposas da mesma forma que foi pelos maridos.

A explicação para essa desproporção é óbvia. Os homens cometiam mais adultério porque eram mais assediados pelas bruxas. Uma vez que as mulheres acusadas de bruxaria eram vistas como promíscuas e inimigas do casamento, elas próprias assumiam o papel das amantes que eram procuradas pelos maridos. As bruxas instigavam o adultério, e participavam da sua efetivação.

A relação entre os cônjuges também era afetada pela impotência sexual e pela infertilidade masculina, pois “[...] pela bruxaria se desperta o ódio nas pessoas unidas pelo Sacramento do matrimônio e se esfriam as forças generativas, deixando os homens impossibilitados de consumir o ato para geração da prole.”¹⁵⁷ Acreditar que esses males só acometiam solteiros era um erro.

Quando se objeta que tais fenômenos não acontecem às pessoas unidas pelo matrimônio, cumpre atentar que, mesmo que se não tenha esclarecido plenamente a verdade nessa questão, tais fatos realmente ocorrem – tanto com pessoas casadas quanto com pessoas solteiras. E o leitor prudente, com biblioteca farta, há de consultar os teólogos e os doutores em Direito Canônico nos textos em que abordam o problema da impotência e da bruxaria. Verá que estão acordes ao condenarem dois erros; sobretudo o das pessoas casadas que julgam estarem imunes a esse encantamento por causa do laço do matrimônio, alegando que os Demônios não são capazes de destruir as obras de Deus.¹⁵⁸

¹⁵⁶ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 249.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 130.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 146.

O impacto da impotência sexual masculina no casamento, causada por bruxaria, e derivada do pecado cometido por um dos cônjuges, foi mencionada no caso do conde de Westerich.

Um certo conde bem-nascido, do distrito de Westerich, da diocese de Estrasburgo, casou-se com uma nobre moça, de família igualmente rica; mas, logo depois de celebrado o matrimônio, viu-se o conde impossibilitado de conhecê-la carnalmente, e nessa condição ficou durante três anos. Provou-se depois tratar-se de um malefício que sobre ele recaíra. Muito ansioso, sem saber o que fazer, apelou esse homem em voz alta aos santos do Senhor. Aconteceu, então, de ir a negócios ao estado de Metz; numa das cidades de Metz, enquanto passeava pelas ruas e praças, acompanhado da criadagem, por acaso deu com uma mulher que, em tempos já remotos, fora sua amante. Ao vê-la, absolutamente esquecido do mal que lhe vinha acontecendo, cumprimentou-a com delicadeza, em consideração à velha amizade. Perguntou-lhe como passava. Ao vê-lo tão cordial, a mulher indagou-lhe muito particularmente como ele ia de saúde e de negócios. Ao que o conde não hesitou: tudo prosperava, tudo ia muito bem. A mulher, atônita, permaneceu calada por alguns instantes. O conde, ao perceber sua perplexidade, resolveu manter a cordialidade e a conversa. A mulher tornou a insistir: – E como tem passado sua esposa? – Melhor impossível – assegurou-lhe o conde. – Vocês têm filhos? – Temos. A cada ano de casados tivemos um. Mas por que, minha cara, me fazes todas essas perguntas? Estou certo de que te congratulas com a minha felicidade. – Decerto que me congratulo – confirmou a mulher –, mas maldita seja aquela velha que me disse que não serias capaz de ter relações com a tua mulher! Coloquei um pote com certos objetos enfeitiçados naquele poço bem no meio do teu quintal. Lá o coloquei para que, enquanto lá permanecesse, não te fosse possível manter relações com ela. Mas vê só! Foi tudo em vão, e fico muito feliz com isso... Ao voltar para casa, o conde ordenou sem demora que drenassem o poço e, encontrando o pote, queimou-o, junto com o que havia dentro dele. E assim recuperou imediatamente a virilidade perdida. Depois disso, tornou a convidar toda a nobreza para nova celebração do casamento, já que a condessa era agora de fato a senhora daquele castelo e daquele estado, depois de ter permanecido virgem por tanto tempo.¹⁵⁹

Vemos a reprodução do mesmo padrão encontrado nos casos sobre as esposas. O homem sempre cordial, enquanto a ex-amante é vingativa e dissimulada. O caso mostra que a impotência era lançada sobre os homens, mas prejudicava o casal, já que as mulheres permaneciam em estado virginal.

A impotência sexual masculina podia ser temporária ou permanente, dependendo do tempo que ela durasse.

[...] cabe fazer distinção entre a impotência temporária e a permanente. Em sendo apenas temporária, não anula o contrato matrimonial. É considerada temporária quando, no prazo de três anos, mediante todos os expedientes possíveis dos Sacramentos da Igreja e mediante outros remédios, se consegue a cura. Se, no entanto, transcorrido esse tempo, a cura não for conseguida, presume-se que seja permanente. Ora, essa incapacidade pode ser precedente ao contrato e à consumação do matrimônio – caso em que impossibilita o contrato –, ou pode ser ulterior ao contrat matrimonial, mas lhe precedendo a consumação – caso em que o anula. [...] E nessa

¹⁵⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 221-222.

eventualidade, segundo a opinião de muitos, o matrimônio já contraído é anulado, salvo quando, a exemplo da Virgem Santíssima e de São José, os cônjuges se mostrem dispostos a conviver em sagrada continência. Tal opinião é corroborada pelo texto canônico (23, q. 1), onde se diz ser o matrimônio confirmado pelo ato carnal. Em passagem mais à frente é declarado que a impotência antes da confirmação dissolve os laços matrimoniais. Ou, então, a incapacidade se segue à consumação do matrimônio, caso em que não lhe dissolve os laços. A esse respeito muito mais falam os doutores da Igreja nos vários textos em que tratam da obstrução matrimonial por bruxaria; como, porém, tais observações não são precisamente relevantes à nossa exposição, serão aqui omitidas.¹⁶⁰

O entendimento sobre cada tipo de impotência, determinava os procedimentos que os casais deviam adotar em relação ao casamento. Através dos parâmetros utilizados por Kramer e Sprenger, constatamos que, no caso do conde, já mencionado anteriormente, tratava-se de uma impotência temporária e por isso o casamento não foi anulado. No entanto, o casamento também não devia ser anulado em casos de impotência permanente. Não importava a satisfação sexual dos cônjuges, mas sim a manutenção das determinações acerca do casamento.

De acordo com o *Malleus*, “[...] quando um casal é afligido por esse mal, um dos cônjuges, ou ambos, não devem estar vivendo em estado de graça; opinião, aliás, consubstanciada nas Escrituras pela autoridade e pela razão.”¹⁶¹ Era sabida a possibilidade de o casal ser tentado pelas bruxas, mas quando eram de fato acometidos pela presença da impotência ou infertilidade, significava que a união conjugal havia sido contaminada pelos pecados.

Aqueles que se questionavam de qual espécie seriam esses pecados, deviam recorrer aos escritos de São Jerônimo, que afirmava “[...] que mesmo dentro do estado matrimonial é possível cometer o pecado da incontinência, de várias maneiras. Vide o texto: ‘O que ama em excesso a sua esposa é adúltero.’”¹⁶² Os autores do *Malleus* condenavam a incontinência dentro do casamento, apoiados nas Escrituras.

Pois que o anjo disse a Tobias: “Ouve-me, e eu te mostrarei sobre quem o Demônio tem poder: são os que se casam, banindo Deus de seu coração e de seu pensamento, se entregam à sua paixão...” O que foi provado pelo assassinio dos sete maridos da virgem Sara. [...] E a enfermidade que estamos considerando só pode ser atribuída ao pecado da incontinência. Porque, como dissemos, Deus concede mais poderes ao Diabo sobre esse ato humano, o venéreo, do que sobre quaisquer outros, em virtude de sua obscenidade inerente e de ter sido através dele que se transmitiu o pecado original à posteridade.¹⁶³

¹⁶⁰ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 342.

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 341.

¹⁶² *Ibidem*, p. 342.

¹⁶³ *Ibidem*, pp. 341-342.

As discussões sobre a incontinência dentro do casamento, indicavam o real objetivo da união conjugal. Homem e mulher não deviam se unir carnalmente em busca do prazer, mas sim com o objetivo de reprodução. As bruxas, no entanto, visavam os homens e agiam para que fossem incapazes de cumprirem suas obrigações sexuais com as esposas e suas obrigações de reprodutores. O mesmo faziam com as esposas, que apesar de não se tornarem impotentes, eram atacadas de tal forma que também não conseguiam se reproduzir.

2.7 – Os males causados às mulheres

Durante a Idade Média, era comum que as mulheres praticassem abortos e utilizassem métodos contraceptivos como estratégias para não engravidarem. Jeffrey Richards aponta que, entre os contraceptivos, estavam as poções destiladas a partir de diversas plantas, exercícios de ginástica realizados após a relação, unguentos aplicados sobre os órgãos genitais masculinos, líquidos introduzidos no útero antes ou depois da relação, pessários. Além disso, havia amuletos mágicos para evitar a concepção e a prática do *coitus interruptus*. Já o aborto era praticado através de exercícios de ginástica, do carregamento de fardos pesados, de banhos quentes, de líquidos introduzidos no útero, de poções e de outros abortíferos do gênero.¹⁶⁴ Ainda que se tratassem de artifícios usados corriqueiramente, isso não impedia que fossem duramente punidos. Os penitenciais da Alta Idade Média, como o de Burcardo de Worms previam penas severas com duração de até dez anos para esses casos.

Para Kramer e Sprenger, existiam dois tipos de aborto: os provocados por causa natural e os provocados por bruxaria. Reconheciam que, às vezes, o uso de contraceptivos sequer estava vinculado à bruxaria, e podia ter relação com a fornicação e com o adultério. Nesses casos, “tais penitentes devem ser punidos como homicidas”¹⁶⁵.

Notar também que o Cânon se refere ademais aos imorais que, para poupar a sua amante da vergonha, usam de contraceptivos – ou seja, de poções ou de ervas que violam a natureza, e isso sem qualquer auxílio dos Demônios. E tais penitentes devem ser punidos como homicidas.¹⁶⁶

Apesar disso, o foco da preocupação não era o aborto natural e, portanto, suas perspectivas de análise diferiram, em parte, daquelas utilizadas pelos autores dos penitenciais.

¹⁶⁴ RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação**. Trad. Marco Antônio Esteves da Rocha & Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p. 23

¹⁶⁵ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 146.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 146.

John Noonan identificou uma mudança de paradigma entre o início da Idade Média, e suas fases subsequentes. Se antes os penitenciais enfatizavam a preocupação das poções e práticas mágicas atuarem como contraceptivos, posteriormente, o foco foi direcionado à prática do *coitus interruptus*.¹⁶⁷

Ainda que se trate de uma obra do final da Idade Média, o *Malleus* não é resultado da dinâmica apontada por Noonan, já que a obra priorizou o papel das práticas mágicas nos abortos, ao invés de centralizar a discussão no *coitus interruptus*. O *Malleus* divergiu da perspectiva de análise dos penitenciais por dois motivos: o primeiro está relacionado à transformação que ocorreu sobre o entendimento das práticas mágicas e o segundo diz respeito à finalidade da criação da obra.

No início da Idade Média a ideia de bruxaria diabólica ainda não havia surgido, isto é, havia preocupação com a utilização das poções e das práticas mágicas, mas as mulheres que as realizavam não eram vistas necessariamente como bruxas diabólicas.

No final da Idade Média, a preocupação principal dos penitenciais foi alterada. Devido às inúmeras vidas dizimadas pela Peste Negra, a Europa precisava que sua taxa de natalidade crescesse, e por isso foram condenados todos os métodos que impedissem a reprodução. O foco no coito interrompido não estava direcionado à prática em si, mas para o descarte indevido do sêmen.

Quando Kramer e Sprenger publicaram sua obra o contexto era outro. As práticas mágicas já haviam sido demonizadas e as bruxas já eram consideradas criaturas reais e não meramente imaginativas. O *Malleus* tinha o objetivo específico de discutir o perigo que àquela altura as práticas mágicas já representavam. Isso não significa que os autores da obra não compartilhassem da preocupação relativa ao descarte do sêmen. Como vimos, essa questão foi abordada.

Além disso, parece que os eclesiásticos do início da Idade Média condenavam a iniciativa pessoal da gestante em praticar um aborto. O raciocínio de Kramer e Sprenger apontava no sentido contrário, uma vez que denunciavam o aborto que as bruxas causavam nas gestantes contra a vontade delas e as tentativas de causarem mal a bebês e crianças. Então, se no primeiro caso foi considerada a iniciativa individual contrária ao nascimento, no segundo, o que estava em pauta era a atividade coletiva contrária à vida e em prol do mal.

¹⁶⁷NOONAN, Jr., John T. **Contraception**. Massachusetts, 1965 *apud* RICHARDS, Jeffrey. *Op. cit.*, p. 23.

As bruxas que impedissem as mulheres de procriar ou conceber “são pela lei passíveis de penalidade máxima”.¹⁶⁸ Na bula papal adicionada ao *Malleus*, o aborto apareceu como um dos métodos usados por elas para contaminar o ato venéreo e a concepção.

Devido ao auxílio que as mulheres prestavam aos demônios nos crimes hediondos contra as crianças pequenas, “[...] essa espécie de homicídio acha-se mais vinculada ao sexo feminino que ao masculino.”¹⁶⁹ A simples possibilidade de um aborto ser causado por bruxas era o suficiente para transformar as mulheres em suspeitas, principalmente a mãe e a parteira.

O aborto também podia ser provocado por homens. “[...] muitos adivinhos têm matado crianças para que disponham de suas almas como colaboradoras[...].”¹⁷⁰ Para eles, essa convicção estava totalmente equivocada e derivava da crença que alguns filósofos tinham sobre a possibilidade das almas dos homens se tornarem demônios quando se desprendiam do corpo. Os magos também foram acusados. O exemplo a seguir foi retirado da obra *Formicarius*.

[...] Nider conta-nos de Stadlin, o mago que foi preso na diocese de Lausanne e que fez a seguinte confissão. Na casa onde moravam um homem e sua esposa, ele matara sucessivamente, através de bruxaria, sete crianças ainda no útero da mãe, de forma que durante vários anos a mulher sempre abortara.¹⁷¹

Ainda assim, a maior parte dos relatos ressaltaram a predominância da participação feminina nos episódios de aborto.

Outro caso aconteceu há cerca de uns quatro anos, em Reichshofen. Lá existiu uma bruxa das mais notáveis: por um simples toque ela enfeitiçava as mulheres e causava-lhes aborto. Ora, sucedeu de a esposa de um certo nobre do lugar ficar grávida. Para dela cuidar foi contratada uma parteira. A mulher foi então aconselhada pela parteira a não mais se afastar do castelo e, acima de tudo, não entabular conversa alguma com a afamada bruxa. Depois de algumas semanas, esquecida do aviso da parteira, numa ocasião festiva, a mulher resolveu ir ao encontro de algumas amigas. No caminho, resolveu sentar-se um pouco para descansar. Dela aproximou-se então a tal bruxa, e, como que com o propósito de cumprimentá-la, colocou ambas as mãos em seu estômago. Repentinamente, ela sentiu a criança mover-se em dores. Assustada, voltou para o castelo e contou à parteira o que acontecera. Ao que a parteira exclamou: – Ai de ti! Pois já perdestes o teu filho. E assim aconteceu. Ao chegar a sua hora, deu à luz não uma criança morta e inteira. Mas uma criança que saiu aos pedaços: primeiro a cabeça, depois os pés, depois as mãos.¹⁷²

Os abortos eram provocados pelo poder diabólico intrínseco às bruxas. Contudo, algumas mulheres frustravam as intenções das bruxas, porque conseguiam se livrar dos feitiços

¹⁶⁸ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 146.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 163.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 147.

¹⁷¹ *Ibidem*, pp. 255-256.

¹⁷² *Ibidem*, p. 256.

que haviam sido lançados sobre elas quando estavam grávidas. Foi mencionado um caso que ocorreu na diocese de Estrasburgo e na cidade de Zabern, no qual foi relatado o encontro de uma gestante com uma bruxa e o meio utilizado pela primeira para neutralizar o poder da segunda. A história se encarregou de ressaltar a boa moral da gestante e de frisar a desavença entre as duas mulheres.

[...] uma boa mulher, muito devota da Abençoada Virgem Maria, que conta a todos os que frequentam a sua taverna – conhecida pelo sinal da Águia Negra – o caso que lhe sucedeu. “Estava grávida – conta ela – de meu marido legítimo, hoje falecido, e, ao chegar a minha hora, fui procurada insistentemente por uma parteira que queria me ajudar no parto. Eu conhecia sua má reputação, e, embora já tivesse decidido contratar outra parteira, fingi concordar com o seu pedido. Mas quando as dores começaram recorri à parteira que de fato iria me ajudar. A primeira, vendo ao chegar que eu já estava sendo atendida por outra, saiu dali profundamente irritada. Uma semana depois veio ao meu quarto, à noite, acompanhada de outras duas mulheres. Aproximaram-se as três de minha cama e quando tentei me levantar e chamar por meu marido, que dormia em outro quarto, percebi que não conseguia mover nem minha língua nem meu corpo: não conseguia mover um músculo sequer, só via e ouvia o que falavam. A bruxa, então, de pé entre as outras duas, disse: “– Vejam! Já que esta vil mulher não me quis como parteira, não há de ficar sem castigo. – As outras duas então tentaram me defender. “– Pois ela nunca nos fez qualquer mal. “– Mas a mim ofendeu – disse a bruxa parteira —, e por isso vou colocar uma coisa nas suas entranhas. Contudo, em consideração ao seu pedido, ela não há de sentir qualquer dor durante seis meses. Só a partir de então será torturada o suficiente. “Aproximou-se de mim, a seguir, e tocou em meu ventre com as duas mãos. Pareceu-me que ela arrancara as minhas entranhas e nelas colocara alguma coisa que não consegui ver o que era. No que as bruxas se foram, recuperei a força da minha voz e chamei logo por meu marido. Contei-lhe o que se passara, mas ele atribuiu tudo à gravidez recente: “– Ora, as mulheres grávidas! Estão sempre sofrendo de fantasias e ilusões – disse-me, sem acreditar na verdade do que eu lhe contara. E retruquei: “– Pois bem, me foi dada a graça de seis meses. Se, depois desse tempo, não me acontecer nenhum tormento, hei de acreditar em ti. “Naquele mesmo dia fui visitada por meu outro filho, um clérigo que se encontrava então na arquidiocese do distrito, a quem tudo contei também. E o que aconteceu? Passados exatamente seis meses fui acometida repentinamente por dores excruciantes na barriga que me faziam gritar e atormentar os vizinhos dia e noite. Mas, como sou devota da Virgem Santíssima, a Rainha da Misericórdia, pedi a ela que intercedesse em meu favor, e passei todo sábado a jejuar só a pão e água. Certo dia, ao fazer minhas necessidades, vi todas aquelas coisas impuras saírem do meu corpo. Chamei logo meu marido e meu filho e lhes disse: “– São essas as minhas fantasias? Ou alguém aqui já me viu comer espinhos, ossos e até pedaços de madeira? – Pois ali se encontravam sarças com um palmo de comprimento e uma série de outros objetos.”¹⁷³

Apesar de não sabermos as causas, são escassos os casos que trataram especificamente da morte de crianças ainda no útero. Percebemos que Kramer e Sprenger preferiram dissertar mais sobre as horas e dias subsequentes ao parto. O nascimento estava longe de ser uma fase segura para o recém-nascido, pois o pós-parto permanecia representando perigo à vida da criança.

¹⁷³ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 293-294.

As parteiras foram identificadas como as bruxas assassinas de crianças. Afirmaram que, “[...] são elas as que mais ofendem a fé na sua heresia diabólica.”¹⁷⁴ Eram as maiores responsáveis pelos abortos causados e os homicídios pós-parto. O *Malleus* apresentou situações nas quais crianças foram mortas depois de terem sido paridas, como o caso em que “[...] uma bruxa que confessou ter matado mais de quarenta crianças enfiando uma agulha em seu cérebro pelo alto de suas cabeças ao saírem do útero, durante o parto.”¹⁷⁵ As bruxas eram acusadas de terem por hábito também a prática de devorarem crianças. O canibalismo das bruxas “[...] vai contra o instinto da natureza humana, e até mesmo contra o instinto da natureza de todas as feras, com a possível exceção dos lobos, de devorarem, como canibais, os recém-nascidos.”¹⁷⁶ Segundo o *Malleus*, as bruxas que devoravam seus próprios filhos tornavam-se capazes de ficarem em silêncio quando eram interrogadas.

Isso é exemplificado por certos acontecimentos que ocorreram há cerca de três anos, nas dioceses de Estrasburgo e de Constância, e nas cidades de Hagenau e de Ratisbon. Na cidade de Hagenau, uma bruxa se enforcou com a própria roupa de tecido bem fino. Uma outra, chamada Walpurgis, era notável por sua capacidade de permanecer em silêncio e ensinava as outras mulheres de que modo obter aquela resistência: bastava para tal cozinhar o próprio primogênito num forno. Temos à mão muitos desses exemplos, dos quais alguns serão relatados.¹⁷⁷

No entanto, nem todas as bruxas devoravam crianças. As canibais eram aquelas que “[...] não renasceram pelo batismo na pia batismal: as batizadas são incapazes de devorar crianças sem a permissão de Deus.”¹⁷⁸ No geral, os casos selecionados pareciam ter a finalidade de salientar os altos números de homicídios infantis e os métodos cruéis empregados no processo.

[...] uma outra mulher da diocese de Estrasburgo o confessou que já perdera a conta de quantas crianças matara. Foi ela capturada da seguinte forma. Chamada por uma mulher de outra cidade para atuar como parteira, decidiu acudir ao pedido. Depois de praticar o crime, retornou para casa. Mas ao atravessar o portão da cidade, o braço do recém-nascido caiu do manto que ela usava para ocultá-lo. Os que se achavam sentados junto ao portão viram o que acontecera e, no que a mulher se afastou, foram até lá para pegar o que julgaram ser um pedaço de carne. Mas ao reconhecerem pelos dedos que era o braço de uma criança, foram correndo avisar as autoridades. Verificou-se então que uma criança sem um braço morrera antes do batismo. Logo a bruxa foi capturada e interrogada, confessando o crime, e numerosos outros semelhantes, dos quais já perdera a conta.¹⁷⁹

¹⁷⁴ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 294.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 294.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 163.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 229.

¹⁷⁸ *Ibidem*, pp. 222-223.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 294-295.

Dentre as ações diabólicas das bruxas estava o oferecimento de crianças ao diabo. Uma criança podia ser oferecida ao diabo logo após o parto, pois dessa maneira, os demônios “[...] aumentam seu orgulho.”¹⁸⁰ “Pois que os Demônios tentam, ao extremo, harmonizar-se com os ritos e cerimônias divinos.”¹⁸¹ Portanto, “[...] sob a máscara de uma ação aparentemente piedosa, lhes é mais fácil enganar os homens.”¹⁸² As crianças oferecidas ao diabo através da bruxaria estavam, a partir de então, impedidas de viverem uma “[...] vida fora do pecado, com dedicação católica, a serviço de Deus para o benefício de si própria e dos outros.”¹⁸³

Nos casos de oferecimento ao diabo, tanto a mãe quanto a parteira eram alvos de acusações. Kramer e Sprenger denunciaram que “[...] a parteira, quando a mãe não é ela própria uma bruxa, pega a criança e, sob o pretexto de aquecê-la, leva-a até junto ao fogo da cozinha. Lá então, erguendo-a nos braços, oferece-a a Lúcifer, o Príncipe dos Demônios, e a todos os outros Demônios[...].”¹⁸⁴ Pontuaram ainda que “Algumas crianças inocentes são oferecidas aos Demônios não pelas suas mães, mas pelas parteiras, que secretamente as tiram do abraço materno, depois de as haverem retirado do útero da mãe honesta.”¹⁸⁵ Nesta circunstância, havia esperança, pois, “Tais crianças não são por completo afastadas da graça e talvez nem venham a ter propensão para tais crimes.”¹⁸⁶ Em certas circunstâncias, as próprias mães eram acusadas de oferecerem seus filhos ao diabo. As mães “[...] por causa de algum distúrbio passional ou mental[...].”¹⁸⁷ podiam oferecer os filhos, “[...] que só com extrema dificuldade é que conseguem livrar-se daquele elo, depois de já terem chegado à maturidade[...].”¹⁸⁸ Noutros casos, as mães ofereciam os filhos após o nascimento de livre e espontânea vontade.

Contou-nos um homem a seguinte história. Quando se aproximou a hora de sua mulher dar à luz, ele percebeu que ela não deixou nenhuma outra mulher se aproximada cama, exceto a própria filha, que atuaria como parteira. Por ser atitude contrária aocostume habitual das mulheres na hora do parto, resolveu descobrir por si mesmo qualo motivo. Ficou assim escondido na casa e teve a oportunidade de ver com os própriosolhos toda a cerimônia sacrílega, tal como a descrevemos. Mas viu também que, semqualquer apoio de outro ser humano, só pela força do Diabo, o recém-nascido conseguiu subir pelos ferros que sustentavam as panelas da cozinha. Em grande consternação, não só pelas palavras terríveis usadas para invocar os Demônios, mas também pelas cerimônias iníquas, insistiu o homem em que a criança fosse batizada imediatamente. A igreja mais próxima ficava num vilarejo vizinho. Para lá chegar,

¹⁸⁰ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 296.

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 296.

¹⁸² *Ibidem*, p. 296.

¹⁸³ *Ibidem*, p. 297.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 295.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 298.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 298.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 298.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 298.

porém, tinham de atravessar uma ponte. Quando nela chegaram, o homem sacou de sua espada e voltando-se para a filha, que carregava a criança, lhe disse, na frente de outras pessoas que os acompanhavam: – Tu não vais atravessar a ponte com a criança no colo. Ou a deixas atravessar esta ponte sozinha ou te afogo no rio. – Ficastes louco, meu pai? – perguntou-lhe a filha, aterrorizada, mas o homem retorquiu: – Criatura miserável! Com a tua magia fizeste a criança galgar os suportes de ferro da cozinha. Pois agora trata de fazer com que ela atravesse esta ponte sem a ajuda de ninguém ou eu te afogo neste rio! Restou à moça obedecer à ordem. Colocou a criança sobre a ponte e, num rito mágico, invocou os Demônios. Subitamente, a criança já era vista do outro lado da ponte. Depois de batizada, retornaram à casa. Embora o homem não pudesse provar o primeiro crime de adoração ao Diabo, pois que fora a única testemunha do ritual sacrílego, conseguiu, com o auxílio das duas testemunhas que o acompanharam, acusar a mãe e a filha de bruxaria perante o juiz, após o seu período de purgação. Foram, depois, ambas queimadas. E assim descobriu-se o crime sacrílego das parteiras: o de oferenda de recém-nascidos ao Diabo.¹⁸⁹

As crianças eram seres sensíveis e, portanto, a infância podia ser afetada pelas bruxas de outras maneiras. Kramer e Sprenger enfatizaram a necessidade de levar em consideração o efeito da bruxaria frente aos distúrbios infantis. Sobre isso, defenderam que “[...] não é válido objetar que o encantamento, às vezes, seja provocado por mau-olhado de mulheres velhas sobre crianças, enfeitiçando-as e transmutando-as.”¹⁹⁰ As bruxas podiam lançar maus-olhados, que podiam “[...] deixar profunda marca na memória e na imaginação de uma criança[...].”¹⁹¹ sendo capazes de levar a criança a “[...] perder o apetite, tornar-se incapaz de se alimentar e acabar adoecendo gravemente.”¹⁹² Um dos meios das mães protegerem seus filhos, era através do exorcismo.

No mesmo ano em que começávamos a escrever este livro, aconteceu na cidade de Spires de uma devota ter entabulado conversa com uma suposta bruxa. E, como sói acontecer às mulheres, acabaram por trocar insultos entre si. À noite, quando a devota ia colocar o seu filhinho pequeno no berço para dormir, lembrou-se do encontro que tivera com a suposta bruxa. Temendo que algum mal se abatesse sobre a criança, colocou ervas consagradas sob o berço do menino, espargiu-lhe água benta, colocou sal consagrado em seus lábios, fazendo nestes o sinal da cruz, e prendeu diligentemente o bercinho. Mais ou menos no meio da noite, ouviu o choro de seu filho e, como fazem as mulheres, resolveu trazer o filhinho nos braços, para que dormisse consigo, em sua cama. Mas ao suspender o berço viu que seu filhinho não se encontrava lá. Aterrorizada, a pobre mulher, chorando amarguradamente pela perda do filho, acendeu então uma vela. E encontrou seu filhinho em um canto, debaixo de uma cadeira, chorando, mas são e salvo.¹⁹³

As bruxas foram igualmente acusadas de substituírem as crianças. Kramer e Sprenger consultaram a obra *De Universo*, na qual Guilherme de Paris afirmou basicamente que o diabo

¹⁸⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 295-296.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 113.

¹⁹¹ *Ibidem*, p. 80.

¹⁹² *Ibidem*, p. 80.

¹⁹³ *Ibidem*, p. 209.

substituíam uma criança saudável por outra com deficiências. Crianças que, apesar de serem amamentadas “[...] nunca engordam, apesar de serem mais pesadas que as crianças comuns.”¹⁹⁴ Segundo o autor, “Isso, no entanto, nunca há de ser afirmado ou negado às mulheres, por nelas poder incutir muito medo. Devem ser instruídas a consultar a opinião de homens instruídos.”¹⁹⁵

As crianças que substituíam os filhos legítimos dos casais, foram chamadas de *Wechselkinder*, e divididas em três tipos:

Algumas estão sempre doentes e choram muito, sendo que até mesmo o leite de quatro mulheres não é suficiente para satisfazê-las. Outras são geradas pela operação de Demônios incubos[...] Há, ainda, um outro tipo, quando os Demônios se mostram às vezes na forma de crianças pequenas e se apegam à ama de leite. Mas os três tipos de criança apresentam um traço em comum: embora sejam muito pesadas, estão sempre adoentadas e não crescem, não há leite suficiente que as satisfaça, e muitas vezes desaparecem de fato.¹⁹⁶

Por vezes, os males que atingiam as crianças durante a infância tinham relação com as faltas dos pais. A ansiedade com que os pais aguardavam a chegada dos filhos e a idolatria com que os tratavam, motivava a substituição das crianças. Kramer e Sprenger acreditavam “[...] serem as mulheres a que tais coisas acontecem muito supersticiosas e assim são em muitos outros aspectos seduzidas pelos Demônios.”¹⁹⁷ A conduta dos pais despertava o ciúme e o castigo divino.

Deus, porém, é verdadeiramente ciumento no exato sentido da palavra, que significa forte amor pela própria esposa. E como um marido ciumento não suportará a ameaça ou a suspeita de adultério, Deus, ciumento da mesma maneira, só que com relação à alma, que foi comprada através de seu Precioso Sangue e desposada na fé, não suporta que se aproxime, ou que se converta ou que tenha relações com o Diabo, o inimigo e adversário da salvação. E se um marido ciumento não suporte nem mesmo a suspeita de adultério, muito mais será perturbado quando o adultério for de fato cometido! Portanto, não é de causar espécie se os seus próprios filhos forem levados e trocados por crianças geradas no adultério.¹⁹⁸

A ideia de que Deus punia os filhos pelos erros dos pais remontava ao texto bíblico, mais especificamente à passagem que dizia ““Eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus zeloso que vingo a iniquidade dos pais nos filhos, nos netos e nos bisnetos daqueles que me odeiam.””¹⁹⁹

¹⁹⁴ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 233.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 233.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p. 383.

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 383.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p. 383.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 186.

Outros autores cristãos como Graciano e Tomás de Aquino já haviam reafirmado essa ideia. Graciano defendeu que “[...] Deus permite o castigo de um homem, não pelos seus próprios pecados – que tenha cometido ou que venha a cometer (sendo, neste último caso, impedido pelo castigo de cometê-lo) – mas sim pelo pecado de outros.”²⁰⁰ Tomás afirmou que “[...] do prisma corpóreo, são os filhos parte das posses dos pais, assim como os servos e os animais pertencem a seus amos e donos; portanto, quando um homem é punido em todos os seus bens, sói acontecer que, não raro, os filhos também sofram pelos pais.”²⁰¹

Em relação às bruxas e aos seus filhos, essa lógica punitiva não se aplicava exatamente da mesma maneira. De acordo com o *Malleus*, as filhas das bruxas agiam “[...] como imitadoras dos crimes de suas mães[...]²⁰², e eram a prova de que “[...] toda a prole de uma bruxa já é contaminada[...]²⁰³ No ducado da Suábia, um agricultor se surpreendeu com os poderes da sua filha de apenas oito anos de idade. Após o pai se lamentar pela seca que atingia as plantações, a filha se prontificou a ajudar.

– Pai, se quiseres eu posso fazer chover agora mesmo. – Que dizes? Sabes como fazer chover? – Não só fazer chover. Sei causar chuvas de granizo e tempestades. – E quem te ensinou isso, minha filha? – Minha mãe me ensinou, mas me disse para não contar a ninguém. – Mas de que modo ela te ensinou? – insistiu o pai. – Ela me levou a um mestre que é capaz de fazer tudo o que eu quiser na hora em que eu pedir. – Tu já o viste, filha? – Bom, de vez em quando eu vejo homens que vêm até minha mãe e depois vão embora. Quando eu lhe perguntei quem eram, ela me disse que eram os mestres a quem ela me dera. Disse que eram patrões poderosos e ricos. O pai, aterrado com o que ouvira, pediu à filha para causar uma chuva de granizo, se pudesse, ao que a filha respondeu: – Posso meu pai, mas preciso de um pouco d’água. Levou-a então, pela mão, até um córrego próximo e disse: – Faça chover agora, filhinha, mas só na nossa terra. E então a menina colocou a mão dentro d’água e, invocando o nome de seu mestre, começou a revolvê-la, da forma como a mãe a ensinara. E para espanto do pobre homem desabou uma chuva de granizo só nas suas terras. Ainda não totalmente convencido, pediu à filha que fizesse então chover só num de seus campos. E a menina o fez. Diante das evidências, viu-se o homem obrigado a levar sua mulher perante o juiz, sob a acusação de bruxaria. A mulher foi presa, condenada e queimada na fogueira. A filha, porém, foi absolvida e, em solene cerimônia, oferecida a Deus. Desde então nunca mais foi capaz de operar prodígios e de fazer bruxarias.²⁰⁴

Isso levou Kramer e Sprenger a acreditarem que crianças entre oito e dez anos com capacidades extraordinárias só podiam ser filhas das bruxas, que por terem firmado um pacto com o Diabo, “[...] sempre têm elas que deixar atrás de si um sobrevivente, que será

²⁰⁰ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 297.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 299.

²⁰² *Ibidem*, p. 299.

²⁰³ *Ibidem*, p. 299.

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 300.

devidamente instruído para que preencha as condições impostas pelo seu voto de que farão tudo o que estiver ao seu alcance para aumentar o número de bruxas.²⁰⁵

Percebe-se que o *Malleus* definiu não só o homicídio infantil, mas todo atentado contra a vida de uma criança como um delito predominantemente feminino e que, para chegarem a esse resultado, os autores da obra devem ter se baseado nos parâmetros de frequência e motivação. As mulheres estavam envolvidas por motivo torpe e era alta a frequência com que participavam dessas ações. Os homens estavam envolvidos por motivos equivocados ou torpes, mas sempre era baixa a frequência com que participavam.

Começamos pelos casos masculinos. Os magos e adivinhos apareceram parcamente nos registros como acusados de homicídio infantil. No caso dos adivinhos, não sabemos sequer se esses homens estavam sendo acusados especificamente de matarem crianças ainda no útero, ou de atentarem contra suas vidas após o parto.

A escassez de informações a respeito da participação masculina em homicídios infantis nos leva a crer que Kramer e Sprenger acreditavam que a participação masculina era esporádica em casos dessa espécie. Se com as matronas os autores mascararam a possível diversidade de acusações que podiam ser levantadas contra elas, no caso dos magos e adivinhos acredito que realmente estavam convictos disso devido ao fato de a gravidez, o parto e o pós-parto serem etapas mais familiares às mulheres do que aos homens. Era necessário falar da participação masculina pra mostrar como a bruxaria era plural e bem sucedida em captar adeptos, mas expor poucos casos dava a impressão de que as acusações direcionadas aos homens não passavam de meras exceções.

À medida que aprofundamos a análise, compreendemos que a condescendência com que trataram os homens não se pautava simplesmente na ideia de que eles praticavam menos delitos contra a gravidez e a infância por não estarem familiarizados com o nascimento e primeiro desenvolvimento das crianças. Observamos que além de ressaltarem a eventualidade com que os homens realizavam ações contra recém-nascidos e crianças, também buscaram demonstrar que os homens às vezes estavam apenas equivocados por terem sido ludibriados por falsos ensinamentos que influenciavam na prática desses delitos.

No caso da acusação contra os adivinhos, vemos que houve a associação do homicídio de crianças à filosofia. Em determinada altura do texto, quando tratavam da realidade do poder diabólico, Kramer e Sprenger citaram passagens de Tomás de Aquino e Agostinho nas quais os autores criticavam a incredulidade dos filósofos e o equívoco de suas crenças. Tomás ressaltou

²⁰⁵ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p 299.

que “Cumprer considerar que os peripatéticos, os seguidores de Aristóteles, sustentavam que os Demônios não existem realmente; diziam que os fenômenos atribuídos aos Demônios decorrem da força natural dos astros e de outras forças naturais”²⁰⁶. Agostinho falou sobre outro filósofo, Porfírio, que estava errado por acreditar que “os homens conseguissem fabricar, na terra, alguns poderes e forças correspondentes aos vários efeitos dos astros; como se os efeitos da magia proviessem da força das estrelas”²⁰⁷.

Os autores do *Malleus* estavam demonstrando, num recorte temporal que ia desde o século IV a.C. até o século III d.C, que os filósofos cometeram um grande erro ao desconsiderarem a existência do poder diabólico. Esse quadro havia mudado em algum momento e alguns filósofos haviam passado a reconhecer a existência do diabo. Embora Kramer e Sprenger tenham detectado essa mudança, acreditavam que os filósofos permaneciam equivocados, pois apesar de passarem a acreditar, não compreendiam os limites do poder diabólico, uma vez que acreditavam que era possível almas humanas se transformarem em demônios.

Nesse caso, parece que a problemática estava na filosofia ser um saber alicerçado em bases pagãs. A concepção errônea que motivara alguns adivinhos a matarem crianças procedia do erro de alguns filósofos, que erraram e permaneceram errando por causa da proximidade que tinham com o paganismo. Assim, esses adivinhos eram homens que haviam sido enganados e influenciados por crenças divergentes do cristianismo, mas não necessariamente crenças rivais como as da bruxaria.

Concluimos que todos os casos de homicídio infantil eram reprovados. No entanto, quando eram protagonizados por homens que não eram entendidos como adeptos da prática da bruxaria, o ato era condenado, mas era levado em conta muito mais a ignorância, a ilusão e a falta de conhecimento cristão que motivou o ato. Nos casos que o homem era entendido como agente da bruxaria, como o mago, ainda assim a condenação não era equivalente a que era dispensada às mulheres acusadas do mesmo delito, pois continuavam sendo vistos como casos ocasionais.

Diferentemente dos homens, as mulheres não estavam equivocadas e cometiam os delitos contra os recém-nascidos e as crianças de forma deliberada. Atuavam de forma contínua devido à facilidade de se aproximarem de outras mulheres, com quem compartilhavam o conhecimento sobre a estrutura e funcionamento de seus corpos. Em linhas gerais, as mulheres

²⁰⁶ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 146-147.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 375.

estavam motivadas a cometerem homicídios infantis e atentarem contra a vida das crianças em prol de satisfazerem os anseios diabólicos.

Dentre as mulheres, as acusações estavam voltadas às parteiras e para as mães. A princípio, as mães não apareceram como acusadas nos casos de aborto e de homicídio pós-parto. A culpa só recaiu sobre elas nos casos que envolveram o oferecimento de recém-nascidos ao diabo. Cabe entendermos o porquê dessa variação.

As parteiras foram apresentadas como as mulheres mais suspeitas de praticarem homicídios infantis e realizarem ações contrárias às crianças. O homicídio infantil estava relacionado tanto à morte de um bebê ainda no útero, quanto à morte pós-parto de um recém-nascido. Possivelmente Kramer e Sprenger acreditavam que desde o momento da concepção já era possível que a mulher carregasse um ser humano em seu ventre e que, portanto, não havia diferença entre as operações. Num sentido mais amplo, o homicídio antes ou depois do nascimento, fosse ele realizado através do toque, com agulhas ou através do canibalismo da carne dos recém-nascidos, ou o oferecimento da criança ao diabo, eram ações vistas como diabólicas e que se encontravam num mesmo patamar de condenação.

Apesar disso, não existia uma regra contrária a todas as parteiras, visto que os relatos comprovam que nem todas as parteiras eram vistas como bruxas, pois algumas eram contratadas para auxiliarem mulheres grávidas. Tudo indica que as parteiras desempenhavam um ofício necessário, requisitado e disputado entre elas.

A rivalidade entre as parteiras ficou demonstrada à medida que vemos em um dos casos, uma grávida ser alertada pela parteira que havia contratado sobre não estabelecer contato com uma “afamada bruxa”. Apesar de ter sido apresentada dessa forma, podemos deduzir que se tratava de outra parteira, pois ela acabou sendo acusada de provocar o aborto da grávida, e para o *Malleus* as mulheres que provocavam abortos eram as bruxas parteiras. Noutro caso, uma grávida quase sofreu um aborto após a bruxa parteira perceber que outra parteira já havia sido contratada antes dela.

Além desses relatos mostrarem que existia competição entre essas mulheres, eles também apontam que existiam visões diferentes sobre elas, pois existiam as parteiras boas e as parteiras diabólicas. Possivelmente, todas eram vistas como suspeitas por deterem um conhecimento sobre o nascimento e por terem, pelo menos por alguns instantes, o poder de decidirem quem vivia e quem morria.

Vemos a manifestação dessa disputa de saberes quando Kramer e Sprenger afirmaram a necessidade de as mulheres consultarem “homens instruídos” diante de determinados assuntos. Não chegaram a especificar a ocupação desses homens, se deviam ser médicos ou religiosos,

por exemplo. No entanto, ficou demonstrado que, para os autores do *Malleus*, as mulheres não tinham capacidade de resolverem certas questões e nesses casos podemos supor que o saber masculino não só era entendido como necessário, mas também como superior ao conhecimento feminino. Logo, o domínio que as mulheres tinham sobre o funcionamento do corpo feminino e sobre o parto, certamente incomodava porque competia com a erudição dos homens dedicados ao estudo da medicina.

Kramer e Sprenger não abordaram as técnicas que as parteiras usavam para realizarem os partos, mas algumas delas possivelmente priorizavam a vida da mãe em relação a do filho. Dentre as acusações de homicídio, chama atenção o caso em que a mãe deu à luz um bebê em pedaços, e o relato de que uma bruxa teria matado e arrancado o braço de um recém-nascido logo após o seu nascimento. Diante disso, é possível supor que em alguns casos em que a vida das mães estava ameaçada, as parteiras de fato matassem o feto ainda no útero. Acredito que, por vezes, isso era feito com o consentimento da grávida, que optava por resguardar sua própria vida. Partindo dessa premissa, presumo que para não serem responsabilizadas por suas escolhas, as matronas direcionavam as acusações às parteiras que seriam alvos mais fáceis de serem culpabilizados.

É preciso ter em mente que numa sociedade cristã, as determinações advêm de Deus, de modo que não cabe aos seres humanos tomar decisões sobre a vida ou sobre a morte, se isso se aplicava aos homens, muito mais servia para as mulheres.

Mas então o que as distinguiu? Talvez fosse a reputação. As parteiras que não nutriam boas relações em suas comunidades, eram as mulheres que deixavam de ser suspeitas e passavam a ser acusadas.

A partir disso, não excludo a possibilidade de que mulheres de todas as faixas etárias fossem identificadas como bruxas parteiras, mas presumo que as acusações eram direcionadas, predominantemente, às mulheres mais velhas que, de acordo com a lógica, detinham um conhecimento maior do que as jovens, e às mulheres solteiras que se viam numa posição desvantajosa em relação às mulheres que estavam casadas.

Kramer e Sprenger selecionaram casos em que as bruxas parteiras escolheram um alvo específico: as matronas. As mulheres casadas e que eram mães não surgiram nos relatos sendo acusadas de abortarem por iniciativa própria, pelo contrário, elas eram sempre as vítimas de bruxas que faziam o possível para que elas perdessem seus filhos.

Dentre as matronas, tinham aquelas que tiveram sua prole vitimada, e outras que conseguiram se livrar dos ataques das bruxas. As mulheres que eram devotas, além de serem

esposas e mães, foram as mais bem sucedidas contra os ataques diabólicos. Os relatos que mencionaram os pedidos de intercessão da Virgem Maria, demonstraram a ligação entre essas mães e a mãe de Jesus.

O *Malleus*, não apenas desconfiavam menos das matronas como também levavam mais em consideração os seus testemunhos. Após relatarem o episódio em que uma mulher sentiu-se ameaçada após discutir com uma suposta bruxa, os autores da obra salientaram que a troca de insultos era uma coisa natural entre as mulheres. Se pensavam dessa maneira, o que justificava terem dado atenção à versão contada pela mulher? Podemos presumir que a depoente era uma matrona, e este já era o primeiro motivo para considerar seu depoimento, uma vez que o casamento conferia status social e religioso. Além disso era mãe e devota, e, portanto, a maternidade era vista como um estado que elevava as mulheres a uma posição mais próxima do sagrado por estar correlacionada a maternidade de Maria. Esses motivos fazem com que o depoimento da mulher fosse considerado confiável, pelo menos dentro daquilo que se esperava de uma mulher.

Além disso, podemos pontuar que se tratava de uma matrona que possivelmente estava denunciando uma mulher que fosse seu oposto moral. Logo, também porque era conveniente para os autores darem atenção ao testemunho de uma mulher que validava a perseguição que eles realizavam contra um determinado tipo feminino.

Enquanto as matronas sofriam por terem seus filhos abortados e mortos após o parto, as bruxas foram acusadas de matarem e devorarem sua própria prole. Essa oposição não foi feita por mero acaso. Kramer e Sprenger estavam definindo um modelo de maternidade e demonstrando que as bruxas não se enquadravam no mesmo.

As matronas foram analisadas como mães que padeciam por estarem cercadas de bruxas que visavam atingir a prole de famílias abençoadas. O objetivo era mostrar de forma didática que, quanto mais devota fosse uma mãe, mais chances ela tinha de frustrar as investidas diabólicas das bruxas, através dos remédios e ritos aconselhados pela Igreja.

Além disso, é importante salientar que os abortos e homicídios infantis não eram apenas um ataque das bruxas contra mulheres que eram seus opostos. Tratava-se, sobretudo, de um ataque ao matrimônio, já que as bruxas atuavam através de meios que interferiam na capacidade reprodutiva da mulher e, conseqüentemente, do casal.

Deve-se salientar que apenas a maternidade das matronas era benquista. Kramer e Sprenger demonstraram que haviam tipos diferentes de mães e que nem todas elas estavam próximas do sagrado e do poder divino. Ao contrário das matronas honestas, havia mães que além de matarem, também ofereciam seus filhos ao diabo.

Tanto as parteiras, quanto as mães, foram acusadas de oferecerem recém-nascidos ao diabo. O oferecimento ao diabo nada mais era que uma espécie de batismo não cristão, que sujeitava a criança a viver uma vida dentro do pecado.

Quando o oferecimento de uma criança era feito pela parteira contra a vontade da mãe, havia chances de reverter a ação, pois a criança não havia sido afastada totalmente de Deus. Quando a ação partia da própria mãe, mas ela estava com a razão comprometida por algum motivo, também era possível reverter a situação quando a criança chegava à maturidade. Porém, quando as mães ofereciam seus filhos por iniciativa própria essas crianças estavam realmente comprometidas com o diabo e a bruxaria.

Ainda que o comportamento dos pais interferisse no desenvolvimento dos filhos, vemos que a cobrança recaía especificamente sobre as mães que, sob o argumento de serem mais dadas a credices e ao maldizer, eram as principais responsabilizadas pelo impacto que suas atitudes causavam na vida de seus filhos. Assim, os filhos das matronas tinham mais chances de serem salvos da influência do mal, enquanto os filhos de mulheres que tinham o comportamento desviante dos ensinamentos cristãos estavam propensos a serem atingidos pela ação das bruxas.

Podemos presumir que, na realidade, para Kramer e Sprenger a única ação que as bruxas realizavam contra seus filhos, era oferecê-los ao diabo e que as acusações de que as bruxas matavam e devoravam seus filhos eram tentativas de imprimir que mulheres de má reputação não eram boas mães. Isso porque não era vantajoso que as bruxas exterminassem sua própria prole.

Os filhos das bruxas foram julgados de maneira distinta das outras crianças. Os filhos eram vítimas que acabavam sendo punidas pelas faltas de seus pais, mas os filhos das bruxas já nasciam sendo vistos como diabólicos por causa dos íncubos. Íncubos e Súcubos eram os demônios sexuais que foram tratados pelos antigos pagãos como deuses.

De modo semelhante, São Isidoro, no último capítulo de seu oitavo livro, afirma: “Os sátiros são chamados de pãs pelos gregos e de íncubos pelos latinos. E são chamados de íncubos por se deitarem sobre algo – a entregarem-se a orgias. Pois, não raro, anseiam lubricamente pelas mulheres e com elas copulam; e os gauleses chamam-nos de dúsios, por serem diligentes nessas bestialidades. O Demônio, porém, que a gente comum chama de íncubos, denominavam-no os romanos de fauno das figueiras, de quem nos fala Horácio: “Ó fauno, amante das ninfas fugidias, caminha suavemente pelas minhas terras e pelos meus campos ensolarados.”²⁰⁸

Tratava-se de demônios que tinham a função de corromperem o ato sexual e a concepção.

²⁰⁸ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 90-91.

Eis como se dá tal processo, sucessivamente. Um súcubo recolhe o sêmen de um homem perverso e, se for ele o Demônio próprio daquele homem e não desejar transformar-se em íncubo para uma bruxa, passa o sêmen para outro Demônio delegado a uma mulher ou bruxa; este, então, sob os auspícios de uma constelação que favoreça os seus propósitos – de gerar um homem ou uma mulher vigorosos na prática da bruxaria –, transforma-se no íncubo para uma outra bruxa.²⁰⁹

Caso a bruxa engravidasse, entendiam que a criança era filha do homem perverso e não do demônio. Íncubos e súcubos não tinham o poder de conceber a vida a nenhum corpo material, portanto, ainda que o íncubo fertilizasse a bruxa no momento em que tivessem relação sexual, o filho não era dele. Até mesmo “[...] no caso da bruxa casada e engravidada pelo marido, o Demônio é capaz, pela mistura de outro sêmen, de contaminar o conceito.”²¹⁰

Vale ressaltar que Kramer e Sprenger não acreditavam que íncubos e súcubos sentissem prazer na relação sexual. Os demônios faziam com o único objetivo de perverter as almas, enquanto as bruxas eram acusadas de se deleitarem principalmente nos dias “[...] mais sagrados do ano: o Natal, a Páscoa, o dia de Pentecostes e outros dias santos.”²¹¹

Percebemos que foi feita uma divisão entre mulheres e bruxas. Como já vimos anteriormente, acreditavam que não só as bruxas tinham relações sexuais com íncubos. Entretanto, se o ato sexual envolvia a presença de sêmen, então é lógico pensar que as mulheres que não eram bruxas, além de copularem com demônios, também corriam o risco de engravidarem deles.

O *Malleus* optou por explorar o nascimento de crianças que resultavam da relação sexual entre a bruxa e o íncubo. O filho de uma bruxa era diabólico porque, apesar de ser resultado do material genético de dois humanos, sua concepção tinha influência diabólica.

É provável que os autores da obra considerassem que mulheres honestas podiam ser atacadas por demônios sexuais, justamente por serem íntegras, mas não pareciam acreditar que filhos pudessem decorrer da atividade diabólica.

Kramer e Sprenger entenderam que o mal era hereditário, e por isso não condenaram só as mulheres que acreditavam ser bruxas, mas também toda a sua prole. Quem melhor que o próprio filho para dar continuidade ao trabalho da mãe? Os filhos das bruxas já estavam de certa forma envolvidos com o diabólico e para se tornarem bruxos ou bruxas que permaneceriam comprometidos em renovar os integrantes da bruxaria faltava só uma coisa: o pacto com o diabo.

²⁰⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 246.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 247.

²¹¹ *Ibidem*, p. 247.

CAPÍTULO III O PACTO COM O DIABO

Cristianismo lidou com a personagem do diabo de diferentes formas ao longo do tempo. O diabo dos primeiros séculos do Cristianismo era o responsável pelas tentações que afligiam os cristãos e estava por detrás da permanência dos cultos pagãos que insistiam em rivalizar com a chamada verdadeira religião. Ainda assim, o corpo de fiéis da Igreja não se sentia derrotado, pois sabiam que as tentações diabólicas eram permitidas por Deus, com o objetivo de dar aos cristãos a possibilidade de exercitarem sua fé e se aproximarem ainda mais do divino.

Porém, segundo Carlos Nogueira, “[...] a Igreja deixou de sustentar que ele estava totalmente vencido. Se assim fosse, não haveria razão para a continuada existência da Igreja. Aos olhos dos cristãos, surgia a aterrorizante certeza da existência de uma conspiração sobrenatural contra o triunfo do Salvador.”²¹² Aos poucos, o diabo foi conquistando espaços cada vez maiores na mentalidade dos homens. Vemos que histórias sobre o pacto diabólico, como o caso de Teófilo, já estavam presentes desde o século IX.

A história de Teófilo é muito antiga. Uma de suas versões encontra-se na vida de são Basílio, escrita em grego por Anfíloquio, traduzida para o latim pelo subdiácono Urso no século IX. Outra versão, escrita em grego por Eutiquiano (século VI), foi adaptada no século IX por Paulo Diácono, depois por Rosvita (século X), Fulberto de Chartres, Pedro Damiano (século XI) e outros, antes de passar aos legendários universais e à literatura vernacular, pela pena de Gautier de Coinci e Rutebeuf. O tema é simples: Teófilo, vigário do bispo da Cilícia, perde seu ofício por causa da chegada de um novo prelado. Muito amargurado, vai consultar um mago. Este lhe propõe apresentá-lo ao diabo. Teófilo abjura a religião cristã, adora o diabo e lhe escreve uma carta de fidelidade; em troca, o demônio transforma sua condição terrestre e Teófilo retoma seu posto. Mas, logo após o retorno ao cargo, ele pede ajuda à Virgem, faz penitência e obtém dela a restituição da carta. Publicamente, ele confessa seu pecado diante do bispo e lhe entrega a carta para que a queime.²¹³

²¹² NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru: EDUSC, 2000, p. 41

²¹³ BOUREAU, Alain. **Satã Herético: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 90

Na Alta Idade Média, já havia a presença de um confronto mais dramático entre espiritualidade e forças diabólicas, mas o diabo ainda não era um ser que incutia pavor. Robert Muchembled expôs o relato do monge beneditino Raul Glaber sobre seu encontro com o diabo no século XI:

Na época em que eu vivia no mosteiro do beato mártir Léger, denominado Champeaux, uma noite, antes do ofício de matinas, ergue-se diante de mim, ao pé de meu leito, uma espécie de anão, de horrível aspecto. Era, pelo que pude perceber, de estatura medíocre, com o pescoço marcado de cicatrizes, uma fisionomia emaciada, olhos muito negros, a fronte rugosa e crispada, as narinas afiladas, a boca proeminente, os lábios polpudos, o queixo fugidio e em ponta, o corpo ereto, uma barba de bode, as orelhas peludas e afiladas, os cabelos em pé, dentes de cão, o crânio em ponta, o peito estufado, as costas corcundas, as nádegas frementes, vestimentas sórdidas, agitado pelo esforço, todo o corpo inclinado para frente. Agarrou a extremidade da cama em que eu repousava, deu ao leito sacudidelas terríveis, e enfim disse: “Você, você, não vai mais ficar mais muito tempo neste lugar.” E eu, assombrado, levanto-me em sobressalto e o vejo, tal como acabo de descrevê-lo.²

Na obra *Satã Herético: O Nascimento da Demonologia na Europa Medieval* (1280-1330), Alain Boureau defendeu que, a partir do século XIII, entre os anos em destaque, as discussões sobre o poder do diabo ganharam maior atenção, caracterizando uma virada demoníaca.²¹⁵

Ainda de acordo com o autor, a importância que a escolástica passou a dar ao assunto estava relacionada a três motivos. As heresias dualistas podem ter acarretado a necessidade de a Igreja reafirmar a posição do diabo e dos demônios como governantes do mundo. O segundo motivo diz respeito à “[...] assimilação dos demônios aos *daimones* antigos, as forças naturais e supra-humanas, que não tinham parte ligada com Satã, era induzida ao mesmo tempo, pela descoberta de saberes pagãos antigos e pelo prestígio novo de correntes neoplatônicas antigas ou árabes[...].”²¹⁶ E por fim, o interesse pelos demônios estava associado à escatologia.

Além disso, a nova atualidade da questão dos demônios no século XIII tinha um papel que eles podiam desempenhar na grande cenografia histórica construída pela escatologia dos espirituais franciscanos a partir das intuições de Joaquim de Fiore. Próximo estava o tempo em que o diabo suscitaria novo auxiliar, o Anticristo, que se apoiaria sobre a corte reorganizada dos demônios, libertos de suas prisões pelo Cristo durante o breve período precedente ao estabelecimento do reino de Deus, no fim dos tempos, segundo os anúncios do Apocalipse de João. Os demônios eram assim arrancados de sua morna atemporalidade e tornaram-se ativos participantes da história da salvação.²¹⁷

² DUBY, Georges. *L'an Mille*. Paris: Julliard, 1967, p. 138 *apud* MUCHEMBLED, Robert. **Uma história do diabo: séculos XIII-XX**. Rio de Janeiro: Bom texto, 2001, p. 22.

²¹⁵ BOUREAU, Alain, 2016.

²¹⁶ *Ibidem*, pp. 118-119.

²¹⁷ *Ibidem*, p. 120.

Um dos principais expoentes da Escolástica, Tomás de Aquino foi uma autoridade significativa nas discussões sobre o poder diabólico. Ele foi responsável por fazer desaparecer as nuances sobre o assunto, que até então existiam, em parte pela dificuldade de conciliar uma série de interpretações sobre o diabo que existiam numa Europa ainda fragmentada. Temas como a existência de íncubos e súcubos foram tratados pelo autor, que defendeu que os demônios sexuais assumiam formas masculinas e femininas para atacarem os humanos. A discussão sobre os íncubos e súcubos é um exemplo das ideias tomistas que foram incorporadas pelo *Malleus*.

A Legenda Áurea, conjunto de textos do século XIII, contém outro caso de pacto diabólico. O Capítulo 26 da obra, que fala sobre a vida de São Basílio, menciona a existência de um homem chamado Herádio que desejava que a sua única filha seguisse a vida religiosa. Por causa disso, o diabo fez com que um rapaz, que era escravo desse homem, se apaixonasse pela jovem. Sabendo da impossibilidade da relação entre eles, o rapaz recorreu à ajuda de um feiticeiro, que se ofereceu para intermediar o seu contato com o diabo. O feiticeiro então escreveu uma carta que devia ser entregue ao diabo, assim que o rapaz chegasse ao local indicado e invocasse a presença dos demônios. Quando o diabo se apresentou, exigiu que o próprio rapaz escrevesse uma carta renegando Cristo, o batismo e a fé cristã, concordando em ser seu escravo e aceitando a condenação do Juízo. Após receber o que solicitou, o diabo cumpriu a sua parte do acordo e fez com que a jovem passasse a desejar o rapaz. O pai concordou com a união após muita insistência da filha. Após certo tempo, o comportamento dorapaz começou a levantar suspeitas de que ele não fosse cristão, já que não frequentava a Igreja. O rapaz confessou o que tinha ocorrido e, por tal motivo, a jovem recorreu ao auxílio do bem-aventurado Basílio. Basílio, vendo o arrependimento do rapaz, encarregou-se de protegê-lo das forças demoníacas e reconduzi-lo ao seio da Igreja. Enquanto se dirigiam para a Igreja, o rapaz foi puxado das mãos de Basílio por demônios e pelo diabo. O diabo e Basílio estabeleceram o seguinte diálogo:

[...] E Basílio: “Que o Senhor te confunda, diabo!” Este prosseguiu: “Está me prejudicando, ó Basílio; não fui eu quem foi buscá-lo, ele é que veio a mim; ele renegou Cristo e entregou-se a mim: eis seu escrito, conservo-o à mão” Basílio respondeu: “Não cessaremos de orar até você devolva esse escrito” E à prece de Basílio, que tinha as mãos erguidas para o Céu, os presentes viram o documento ser carregado pelo ar e pousar nas mãos do santo bispo, que o recebeu e perguntou ao rapaz: “Reconhece esta letra, irmão?” Este respondeu: “Sim, é de meu punho” E Basílio, rasgando o escrito, conduziu o rapaz à igreja, tornou-o novamente digno de participar dos mistérios sagrados e depois de lhe dar bons conselhos devolveu-o à mulher.²¹⁸

²¹⁸ VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**. trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 193-196.

Ainda de acordo com Boureau, o pacto da história de Teófilo, “[...] é assimilado à traição feudal, que consiste em requerer por um acordo explícito a ajuda do inimigo de seu senhor. Essa concepção banal e externa do pacto, como modo de negociação entre poderes rivais a um nível vassálico, era muito difundida no século XIII.”²¹⁹ Além disso, o autor informou que “O mundo feudal confirmava essa visão de pactos certamente perigosos, mas modificáveis[...].”²²⁰ Vemos que essa lógica se aplica tanto ao pacto da narrativa do Milagre de Teófilo, quanto ao pacto da narrativa da vida de São Basílio. Nas duas histórias, apesar de o pacto ter sido materializado na forma de documento escrito, ele foi invalidado por personagens - a Virgem e São Basílio - que agiam como intermediários de Deus para proteger os justos.

O pacto diabólico do *Malleus* pautou-se no modelo de vassalagem, assim como os pactos tratados mais acima. Isso mostra que, em certa medida, houve continuidade nas ideias referentes ao pacto com o diabo. Por outro lado, o *Malleus* desconsiderou a possibilidade de um pacto diabólico modificável. É possível que esta ruptura esteja relacionada ao aprimoramento da figura do diabo. O diabo do século IX ainda era fraco. O diabo do século XIII estava ganhando forças. Mas no final do século XV, ele já era imponente, poderoso e aterrorizante. Havia se tornado mais difícil desvincular-se do diabo, assim como era cada vez mais desafiador não sucumbir à tentação de se filiar a ele, principalmente para as mulheres.

3.1 – O pacto diabólico no *Malleus*

É preciso começar esclarecendo o uso das terminologias empregadas para, em seguida, compreender o que era o pacto diabólico tratado no *Malleus*. Encontramos no texto a utilização do termo “pacto” e a utilização do termo “contrato” para designar o elo firmado entre seres humanos e o diabo. É preciso destacar que apesar de serem termos diferentes, ambos se referiam à mesma ideia e são utilizados como sinônimos na maioria das vezes. Seria um equívoco interpretar o termo “contrato” como um contrato moderno como conhecemos hoje em dia, pois implicaria em acreditar que ambas as partes gozavam dos mesmos direitos e deveres e, no caso do pacto diabólico, isso não se aplicava, pois, ainda que o indivíduo fosse beneficiado, ele jamais alcançaria a mesma posição que o diabo.

O diabo recebia a permissão divina de testar a fé de todos os indivíduos. Aqueles que seguiam a doutrina da Igreja estavam mais próximos de Deus e mais protegidos contra as tentações diabólicas. Por outro lado, os que estavam afastados da graça divina, tendiam a firmar

²¹⁹ BOUREAU, Alain, 2016, p. 93.

²²⁰ *Ibidem*, p. 92.

um pacto com ele.

O pacto diabólico era o elo que se estabelecia entre os seres humanos e o diabo. Tratava-se de uma relação inspirada na vassalagem da Idade Média, pois o diabo assumia o papel de senhor, exigindo ser obedecido pelo ser humano que passava a ser seu servo. Existiam dois tipos de pacto: o tácito e o explícito. “[...] chamamos pacto tácito aquele em que a pessoa concorda, implicitamente, em qualquer medida, em contar com a ajuda do Diabo.”²²¹ Logo, pacto explícito era o acordo direto entre a pessoa e o diabo, e por isso era considerado mais grave.

A bruxaria foi considerada a pior prática supersticiosa e, por isso, foi a mais acusada de firmar pacto explícito com o diabo. Dentre os agentes da bruxaria, tanto os homens quanto as mulheres foram acusados de terem relação com o diabólico. Através do pacto, o feiticeiro conseguia, por exemplo, manteiga para si e para seus amigos.

Fiquei sabendo da história de uns homens de certa cidade que, chegada a primavera, ficaram desejosos de comer da manteiga especial produzida àquela época. Passeavam pelo prado quando se aproximaram de um córrego. Um deles, então, que fizera formalmente um pacto com o Demônio, disse: – Vou conseguir para nós a melhor manteiga de maio. Tirando as roupas, foi até o córrego, sentando-se de costas para a água. Enquanto os outros o observavam, murmurou algumas palavras e, com as mãos às costas, pôs-se a revolver a água do riacho. Em pouco tempo trouxe uma grande quantidade de manteiga, dessa que as mulheres do campo vendem no mercado no mês de maio. Os outros a provaram e disseram ser a melhor manteiga que já haviam comido[...] Concluímos, portanto, dizendo que não importa como aquele feiticeiro fez para conseguir a manteiga, o que fez ou foi através de pacto explícito com o Diabo, ou foi através de algum pacto tácito. Não há de ter sido explícito por que sua conduta foi diversa da conduta das bruxas quando assim procedem. Logo, o pacto era tácito, secreto, feito em sigilo por ele próprio, ou por sua mãe, ou por sua parteira. Ouso afirmar que o fez por si próprio, já que agiu só através de movimentos, e esperou que o Diabo produzisse o efeito.²²²

E as bruxas desviavam leite de vaca.

Nas noites mais sagradas, seguindo as instruções do Diabo, e para maior ofensa da Divina Majestade de Deus, a bruxa, sentada a um canto de sua casa, com um balde entre as pernas, finca uma faca, na parede ou numa estaca, e a ordenha com as mãos. Reúne então os familiares, que com ela em tudo colaboram, e diz que deseja o leite em abundância. Repentinamente, o Diabo retira o leite do úbere daquela vaca e o faz sair pela faca que a bruxa está ordenhando.²²³

Segundo o *Malleus* “[...] ninguém é capaz de recorrer à ajuda do Demônio sem o invocar.”²²⁴ Essa afirmação indica que, a princípio, o feiticeiro e a bruxa eram agentes que tinham a mesma relação com o diabo. Apesar disso, os casos mostram que homens e mulheres foram julgados de modos diferentes.

²²¹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 330.

²²² KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 302-303.

²²³ *Ibidem*, p. 301.

Constata-se que, no caso do feiticeiro, Kramer e Sprenger apostaram na existência de um pacto tácito, porque atribuíram às bruxas a realização do pacto explícito. Tal atitude mostra que apesar de feiticeiro e bruxa pertencerem à mesma prática, as agentes femininas eram vistas como mais diabólicas. Outro ponto que merece atenção é o fato de terem considerado a mãe e a parteira como responsáveis pelo pacto, antes de terem definido que se tratava de um caso de culpa individual masculina. Lembrando que mãe e parteira eram funções que podiam ser consideradas suspeitas e culpadas dentro do *Malleus*. Aparentemente, foram cautelosos em acusarem um homem, mesmo que ele tivesse sido identificado como um feiticeiro.

É interessante notar ainda que os casos indicam que o indivíduo podia utilizar o pacto para acessar uma condição social e econômica diferente da sua. O fato de os agentes terem sido acusados mostra que a manteiga e o leite não eram produtos acessíveis a todos. Caso fossem, não existiria a necessidade de obtê-los através da bruxaria. Temos que nos atentar que o diabo providenciou a manteiga para o feiticeiro sem que ninguém fosse afetado, enquanto o leite foi providenciado para as bruxas, mas à custa do prejuízo de outras pessoas. Era preciso privar alguém do acesso ao leite, para que pudessem usá-lo em benefício próprio. Nesse sentido, é possível que Kramer e Sprenger acreditassem que o pacto diabólico era capaz de dar certo protagonismo às classes subalternas e dessa forma inverter a ordem terrena. Além disso, o pacto diabólico das bruxas ainda estaria ligado à noção de prejuízo material a outro.

As diferenças entre homens e mulheres permaneceram presentes nas discussões sobre a apostasia. O pacto diabólico implicava no cometimento da apostasia, que “[...] significa o afastamento de Deus e da religião.”²²⁵ consoante à citação extraída por Kramer e Sprenger da 12ª questão da obra *Secunda Secundae* de Tomás de Aquino. A apostasia podia ser verbal ou por ato.

[...]se se empregavam invocações, conjurações, fumigações ou adorações, então está formalizado o pacto com o Diabo, mesmo que a pessoa não se tenha a ele entregue de corpo e alma, junto com a abjuração explícita da fé, seja no todo, seja em parte. Pois pela simples invocação do Diabo o homem comete o crime da apostasia verbal. Se, porém, não houver invocação proferida verbalmente, mas tão somente o ato do qual decorre alguma coisa que não poderia ser conseguida sem o auxílio do Diabo, se o homem o faz começando por dizer as palavras “em nome do Diabo”, ou dizendo palavras desconhecidas, ou mesmo sem nada dizer mas só com aquela intenção, nesse caso, diz Santo Alberto, temos a apostasia pelo ato, pois que o ato é realizado sob os auspícios do Demônio. Trata-se, contudo, de apostasia de fato, pois tudo o que se recebe por obra do Demônio acarreta na detração da fé.²²⁶

²²⁴ *Ibidem*, p. 303.

²²⁵ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 180.

²²⁶ *Ibidem*, p. 303.

E estava dividida em dois graus.

Um consiste nos atos externos de infidelidade, sem que se firme qualquer pacto com o Demônio, quando, por exemplo, se vive em terra pagã e quando se conforma a vida à dos povos muçulmanos. O outro consiste no pacto firmado com o Demônio, quando se vive em terras cristãs. No primeiro caso, os homens que preservam a fé em seus corações, mas a negam em seus atos, apesar de não serem apóstatas ou hereges, são culpados de pecado mortal. Foi desse modo que Salomão fez reverência aos deuses de suas esposas. E não há como desculpar os que assim procedem por medo, pois nos diz Santo Agostinho: “É melhor morrer de fome do que ser alimentado por idólatras.” No entanto, é possível que muitas bruxas ainda conservem a fé em seus corações, embora a neguem com os lábios. Apesar disso, ainda serão consideradas apóstatas por terem feito um tratado com a morte e um pacto com o Inferno. Pelo que Santo Tomás (II, 4), falando das obras de bruxaria, e dos que recorrem de um modo ou de outro ao auxílio do Demônio, declara: “São todos apóstatas da fé, pelo pacto que firmaram com o Diabo, seja por palavras – quando empregam alguma invocação –, seja por atos – mesmo quando não lhe oferecem qualquer sacrifício.” Pois que não há homem que possa servir a dois mestres.²²⁷

Sobre os graus de apostasia, somos levados a entender que a pior apostasia era aquela que ocorria em terras cristãs. Só que, além disso, a apostasia era considerada pior quando era realizada por uma mulher. Chegamos a isso, se seguirmos o seguinte raciocínio: uma mulher apóstata em terra cristã tendia a ser considerada bruxa, uma vez que se acreditava que nesse grau havia pacto com o diabo. Podemos supor que isso se aplicasse da mesma forma aos homens.

Mas quando observamos o pensamento sobre as terras pagãs e muçulmanas, vemos o seguinte: a princípio, nesse grau havia maior tolerância, já que o comportamento daquele que renegava a fé cristã podia ser enxergado como regido pelo temor e, por isso, excluía-se a existência de pacto diabólico. Na realidade, vemos que nesses casos não existia a acusação de apostasia, mas sim de pecado mortal.

Quanto às bruxas, ainda que tenham considerado a possibilidade de que elas conservassem internamente a fé cristã, foi negado a essas mulheres a hipótese de não estarem vinculadas ao pacto diabólico no caso de estarem nas terras muçulmanas.

Parece que Kramer e Sprenger estavam sinalizando que os homens cristãos que estavam fora do território regido pelo cristianismo, caso temessem por suas vidas e acabassem agindo de maneira contrária à fé, não deveriam ser considerados apóstatas. Já em relação às mulheres, mesmo que compartilhassem do mesmo receio, isso não seria motivo para justificar o

²²⁷ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 181.

afastamento da fé cristã e por isso deviam ser encaradas como apóstatas e bruxas.

Dependendo do contexto, os homens estavam mais protegidos de serem acusados de apostasia. Já as mulheres, tinham mais chances de serem consideradas apóstatas e ainda eram acusadas de cometer o pior tipo de apostasia, pois “Quando, porém, falamos da apostasia das bruxas, referimo-nos à apostasia da perfídia; o que é muito mais hediondo porque emerge de pacto firmado com o inimigo da fé e do caminho da salvação.”²²⁸

Derivada da apostasia, a afirmação sacrílega da fé podia ser realizada pelo indivíduo de forma parcial ou total.

[...] afirmação sacrílega consiste na negação, total ou parcial, da fé: é total quando a fé é completamente repudiada; é parcial quando o pacto original só obriga a bruxa a contrariar, em certas cerimônias, o que determina a Igreja: jejuar aos domingos, comer carne às sextas-feiras, ocultar certos crimes durante a confissão e outras coisas profanas. Entretanto, no culto de homenagem ao Diabo há necessidade de entregar-lhe o corpo e a alma.²²⁹

Noutro trecho do *Malleus*, temos o seguinte comentário “Nós, Inquisidores, temos encontrado bruxas que negam todos os artigos da fé e outras que só negam certo número deles; mas são todas obrigadas a negar a confissão verdadeira e sacramental.”²³⁰

A confissão apareceu nas duas citações. Aparentemente há uma contradição sobre aquilo que pensavam sobre o papel da confissão no estabelecimento do pacto diabólico. Na primeira, consideraram que as bruxas se confessavam, mas na segunda ficou entendido que não. Talvez a problemática não estivesse em realizar a confissão ou não, mas sim em corrompê-la.

A confissão se tornou obrigatória no IV Concílio de Latrão, ocorrido em 1215. É possível que o *Malleus* tenha se inspirado nos Manuais de Confissão que foram produzidos entre os séculos XII-XVI, pois não só apresentava os casos envolvendo pecados, como também instruía os indivíduos sobre as penas que deviam pagar em decorrência de suas faltas. Isso significa que a confissão permitia que a Igreja exercesse controle sobre os comportamentos da sociedade cristã. Para Kramer e Sprenger, a confissão protegia do assédio de íncubos e súcubos, e permitia a reconciliação com Deus. Dessa forma, não era necessário não se confessar para se tornar suspeita. A mera suposição de que as mulheres estavam escondendo informações dos clérigos podia resultar em acusações de bruxaria.

As desconfianças sobre as mulheres estendiam-se às curas que realizavam. A interpretação que foi dada ao assunto, é mais uma amostra de como as acusações variavam de

²²⁸ *Ibidem*, p. 180.

²²⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 227-228.

²³⁰ *Ibidem*, p. 180.

acordo com o gênero. O *Malleus* dividiu as bruxas que firmavam pacto explícito em três tipos: “[...] as que injuriam, mas não curam; as que curam, mas, por meio de algum estranho pacto com o Diabo, não injuriam; e as que injuriam e curam.”²³¹ As bruxas do primeiro tipo:

[...] desencadeiam tempestades danosas com raios e trovões; causam a esterilidade de homens e de animais; fazem oferenda de crianças aos Demônios, as quais acabam matando e devorando. Mas só as que não renasceram pelo batismo na pia batismal: as batizadas são incapazes de devorar crianças sem a permissão de Deus. São capazes, também, fora da vista de outras pessoas, de jogar as crianças que brincam, pelas ribanceiras, dentro d’água (mesmo à vista dos pais); de fazer cavalos enlouquecerem sob as rédeas dos próprios cavaleiros; de se transportar de um lugar a outro, em corpo físico ou na imaginação; de interferir na ação de juízes e de magistrados, impedindo-os de puni-las; de manter-se, a si próprias e a outros, em silêncio, sob tortura; de causar grande pavor nos que as capturam, os quais se veem acometidos de violentos tremores nas mãos; de revelar a outros, coisas ocultas, e de predizer eventos futuros, através do que lhes é comunicado pelos Demônios, embora tal fenômeno possa, de vez em quando, ter causa natural (ver a questão: “Se os Demônios são Capazes de Predizer o Futuro”, no Segundo livro das sentenças); são capazes também de ver o que está ausente; de virar a cabeça dos homens para o amor ou para o ódio desmedidos; de, por vezes, atingir a quem lhes aprouver com raios; e de, até mesmo, fulminar com raios homens e animais; de deixar sem efeito os desejos procriadores, e até mesmo a força carnal da cópula, e de causar o aborto e a morte do feto no útero materno a um simples toque no ventre; de, por vezes, enfeitiçar homens e mulheres por mero olhar, sem os tocar, e de causar-lhes, dessa forma, a morte; de dedicar os próprios filhos aos Demônios e, em suma, como já foi dito, de causar todos os flagelos que as demais bruxas só conseguem provocar em certa medida, desde que a justiça divina assim o permita. Todas essas coisas, tal classe de feiticeiras, de todas as classes, a mais poderosa – é capaz de fazer, mas não de desfazer.²³²

O pacto diabólico concedia uma série de poderes e parece que quanto mais poderosa uma bruxa fosse considerada, mais diabólica e mais distante ela estaria da possibilidade de curar. Podemos usar como exemplo as parteiras que eram vistas como as piores bruxas. Os poderes descritos acima coincidem com as capacidades que foram atribuídas a elas, como: causar a infertilidade nos homens, matar e devorar crianças.

Sobre as bruxas que curavam, afirmaram que:

E é consabido que essas mulheres firmaram pacto explícito com o Diabo por serem capazes de revelar segredos aos que as procuram. Pois que subitamente põem a descoberto a causa de seu sofrimento, dizendo-lhes que foram atingidos pela magia em seu corpo ou em suas posses por causa de alguma discussão travada com um vizinho ou com outro homem ou mulher. E, às vezes, a fim de manter a prática criminosa em sigilo, impõem a seus clientes uma romaria ou outra ação devota. Mas recorrer a essas mulheres para ser curado parece causar maior detração à fé do que recorrer a outras que fazem curas mediante apenas um pacto tácito com o Diabo. Poisos que a elas recorrem estão pensando mais em seus corpos do que em Deus e, além disso, Deus há de encurtar as suas vidas para puni-los por tomarem nas próprias mãos a vingança de seus males.²³³

Tomemos agora um caso em que a cura foi realizada por um homem.

²³¹ *Ibidem*, p. 222.

²³² KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 222-223.

²³³ *Ibidem*, p. 327.

Na cidade de Spire um mercador deu o seguinte depoimento: “Encontrava-me na Suábia, no castelo de um conhecido nobre. Certo dia, depois do jantar, saí perambulando despreocupadamente com dois dos servos pelos campos, quando avistamos uma mulher. Embora ainda estivéssemos a uma boa distância dela, meus companheiros a reconheceram, e um deles me disse: “– Benze-te, depressa – e outro me exortou a fazer o mesmo. “– Mas por quê? O que receiam? – perguntei-lhes. “– Vamos encontrar a mais perigosa bruxa da província. Ela é capaz de enfeitiçar um homem só pelo olhar. “Disse-lhes, então, vangloriando-me, que nunca tivera medo dessas coisas. Pois que mal acabara de pronunciar essas palavras senti que machucara seriamente o pé esquerdo, não conseguia levantá-lo do chão ou dar um passo sem sentir imensa dor. Foram os dois então rapidamente até o castelo e trouxeram-me um cavalo para que eu pudesse retornar. As dores, porém, continuaram a se agravar nos três dias seguintes. “As pessoas do castelo, percebendo que eu fora enfeitiçado, contaram o acontecido a um camponês que vivia a 1,6 quilômetro dali e, segundo se contava, tinha o poder de curar malefícios. O homem veio me ver logo e, depois de examinar o meu pé, disse: “– Vamos ver se as dores são por causa natural. Se forem por causa de bruxaria, hei de curá-lo com a ajuda de Deus; se não forem, deverás recorrer a remédios naturais. “– Se eu puder ser curado sem qualquer magia, mas com a ajuda de Deus, estou de pleno acordo; mas com o Diabo nada quero, nem mesmo a sua ajuda – retruquei. E o camponês prometeu-me que só usaria de meios lícitos e que me curaria com a ajuda de Deus, desde que tivesse certeza serem as minhas dores causadas por bruxaria. Assim, consenti. O homem então encheu uma concha com chumbo derretido (da mesma forma que outra bruxa que já mencionamos) e segurando-a sobre o meu pé derramou-o numa tigela com água. De imediato apareceram imagens de formas variadas, como se espinhos, cabelos e ossos tivessem sido colocados na tigela. “– Vejo – falou ele – que essa enfermidade não é natural, e sim causada por bruxaria. “– Como podes saber? – indaguei-lhe. “– Há sete metais. Cada um deles pertence a um dos sete planetas; e como Saturno é o senhor do chumbo, quando se derrama chumbo sobre qualquer pessoa que tenha sido enfeitiçada, é por esta propriedade que, com o seu poder, se descobre a bruxaria. Que é bruxaria fica assim plenamente provado. Logo estarás curado. Mas preciso vir visitá-lo por tantos dias quantos tens estado doente. “Disse-lhe então que estava doente já há três dias. Assim, ele veio me visitar durante os três dias seguintes. A cada visita examinava meu pé, tocava-o e murmurava certas palavras. Pois foi assim que dissolveu o malefício e restituiu-me a saúde plena.” Está claro, nesse caso, que o curandeiro não era um mago, embora o seu método fosse um tanto supersticioso. Pois prometeu curá-lo com a ajuda de Deus e não por obra do Diabo. Ademais, alegou a influência de Saturno sobre o chumbo e por isso teve conduta irrepreensível e até bastante recomendável. Mas permanece alguma dúvida quanto ao poder usado para a remoção do malefício e quanto às figuras que apareceram no chumbo. Pois nenhuma bruxaria pode ser removida por forças naturais, embora possa ser mitigada, como ficará provado mais adiante ao falarmos dos remédios para os possuídos; portanto, parece que o homem efetuou a cura mediante um pacto tácito com o Diabo.²³⁴

Quando analisamos a segunda história, vemos que o curandeiro assumiu, de certo modo, o papel de quem era o oposto da bruxa. Enquanto ela era afamada por causar males, ele era conhecido no entorno de onde morava por realizar curas. Por afirmar que curava em nome de Deus, ele foi inocentado de ser um mago e recebeu apenas a acusação de firmar pacto explícito. Já sobre a bruxa, era sabido que ela trabalhava com a ajuda direta do diabo.

²³⁴ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 328-330.

A bruxa da primeira história, assim como o curandeiro, era identificada por realizar curas. O mais interessante é que as acusações voltaram-se para uma mulher que curava pessoas acometidas por bruxaria e que incentivava romarias e devoções. Por que razão, Kramer e Sprenger consideravam essas mulheres tão perigosas, a ponto de manifestarem que era melhor se curar com aquelas que tinha firmado pacto tácito?

É importante frisar que o curandeiro, mesmo não sendo acusado de pacto explícito, foi acusado de ser herege porque curou um malefício por forças naturais. Novamente, apresentava-se uma questão de autoridade, porque a Igreja devia ser a única capaz de curar malefícios. Sendo assim, não tinha como não acusar o curandeiro.

A bruxa estava sendo acusada pelo mesmo motivo, mas a narrativa nos mostra que ela foi percebida como um perigo maior. É possível que isso tenha ocorrido porque além de requerer para si a capacidade de cura, ela ainda operava através de instrumentos que pertenciam à Igreja. A partir do momento em que uma mulher indicava as romarias, ou as devoções, como meios para que ela realizasse a cura do malefício, ela se tornava uma ameaça maior que a representada pelo curandeiro, porque acabava sequestrando a autonomia da Igreja. Somente os revestidos pela autoridade eclesiástica tinham o direito de indicarem os remédios lícitos e católicos.

Daquilo que foi dito até aqui, entendemos que o *Malleus* não só acreditava que mais mulheres firmavam pacto com o diabo, mas compreendiam que o pacto diabólico feminino era pior. Dos casos apresentados, as mulheres foram acusadas de terem pacto explícito, ao passo que os homens foram julgados por pacto tácito e, por vezes, nem sequer foram associados à prática da bruxaria.

Ao afirmarem que as mulheres “[...] embora tenham firmado um pacto e um contrato com o Diabo, continuam a gozar de liberdade absoluta[...]”²³⁵, os autores da obra estavam enfatizando que as bruxas optavam pelo diabólico. Ainda que a crença no livre-arbítrio apareça em todo o *Malleus*, ele se apresentava muito mais para o gênero feminino que para o masculino, mostrando que Kramer e Sprenger tinham a intenção de reforçar apenas a autonomia feminina na adesão da prática da bruxaria. Era preciso esclarecer que, na dinâmica do pacto diabólico, o papel ocupado pelas bruxas era ambíguo, pois ao mesmo tempo que ocupavam o lugar passivo de servas do diabo, também estavam numa posição ativa de escolherem seu próprio caminho.

²³⁵ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 77.

O pacto, além de representar um elo com o diabo, também podia ser visto como um artifício para atingir um fim. Ele não simbolizava apenas a ruptura com a Igreja, mas com a ordem estabelecida e com o equilíbrio de todas as coisas.

Vimos ainda que o pacto diabólico era formado por certos elementos, como: a apostasia, a afirmação sacrílega, e a negação da confissão. Esse conjunto de elementos estavam interconectados e podiam fazer parte ou não de algo maior, como o Sabá.

3.2 – O Sabá

Na obra *História Noturna: Decifrando o Sabá*, Carlo Ginzburg alegou que “a imagem da nova feitiçaria, praticada por grupos de homens e mulheres em vez de por indivíduos isolados, emergiu nas duas vertentes dos Alpes ocidentais mais ou menos no mesmo período: pouco depois de meados do século XIV.”²³⁶ O autor estava se referindo ao popular sabá das bruxas.

Ginzburg procurou demonstrar que obras como *Formicarius* de Johannes Nider foram fundamentais para compreender a evolução da construção da ideia de sabá. Escrito entre os anos de 1435-1437, na Basileia, o *Formicarius* evidenciou a existência da crença na feitiçaria como seita e não apenas como uma prática isolada.

Por intermédio do inquisidor de Evian e do juiz Peter von Greyerz, ele soube que na região de Berna existem “maléficos” de ambos os sexos que, mais semelhantes a lobos que a homens, devoraram crianças. Aliás, soube pelo inquisidor que na região de Lausanne alguns desses feiticeiros haviam cozinhado e devorado os próprios filhos; além disso, reuniram-se e evocaram um demônio, o qual surgiu em forma de homem. Quem quisesse acompanhá-lo devia jurar renunciar à fé cristã, não mais venerar a hóstia consagrada e, em todas as ocasiões possíveis, pisar às escondidas a cruz. Pouco tempo antes, Peter von Greyerz processara e mandara para a fogueira alguns feiticeiros que haviam devorado treze crianças; por meio de um desses “parricidas”, soubera que era seu costume atacar os menores (desde que ainda não fossem batizados ou protegidos por orações ou crucifixos) nos berços ou nas camas ao lado dos pais. Os cadáveres das crianças mortas com cerimônias mágicas eram subtraídos dos túmulos em que estavam sepultados; os feiticeiros colocavam-nos para cozinhar numapanela, até que a carne se dissolvia, destacando-se dos ossos. A parte mais sólida era usada como unguento destinado às práticas mágicas e às metamorfoses (*nostris voluntatibus et artibus et transmutationibus*); a parte mais líquida era despejada numfrasco ou odre e dada para beber, como o acréscimo de algumas cerimônias, a quem quisesse tornar-se mestre da seita. Esse último detalhe fora revelado ao juiz Peter von Greyerz por um jovem feiticeiro arrependido, pouco antes de morrer na fogueira. A cerimônia de admissão de novos adeptos acontecia na igreja, domingo, antes da consagração da água benta. Perante os mestres, o futuro discípulo renegava a Cristo ea fé, o batismo, e a Igreja católica; depois, rendia homenagem ao *magisterulo*, ou seja,pequeno mestre, termo com que os membros da seita designavam o demônio; por fim bebia o líquido já referido.²³⁷

²³⁶ GINZBURG, Carlo. **História noturna: decifrando o sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 29.

²³⁷ *Ibidem*, pp. 88-89.

A obra de Nider revelava alguns elementos que formariam o sabá, mas não tratava de todos. Enquanto isso, “[...] no mesmo período, no Delfinado e no cantão do Valais, os mesmos ingredientes já haviam confluído na imagem da seita diabólica.”²³⁸

Para o autor italiano, as perseguições direcionadas às bruxas já haviam sido experimentadas por outros grupos marginalizados como os leprosos e os judeus. Fatores políticos, sociais e religiosos podiam explicar a incriminação desses grupos, como a crise que assolou a Europa no século XIV e a coincidência dos primeiros processos envolvendo o sabá terem ocorrido nas regiões que anteriormente foram responsáveis por acusarem leprosos e judeus respectivamente de complô contra a sociedade.

O *Malleus* não faz referências diretas ao Sabá, mas fornece todos os indícios de que os autores da obra acreditavam na sua existência. Ao contrário de Ginzburg, que procurou explicar as origens do sabá, Kramer e Sprenger estavam mais preocupados em informar ao leitor sobre a ocorrência de encontros de bruxas e expor o que acontecia nos mesmos.

O sabá era uma cerimônia formada pela prática do infanticídio e do canibalismo, pela negação de tudo que fosse sagrado e pela concordância em captar novos discípulos e entregar o corpo e a alma ao diabo. É possível identificar alguns relatos sobre o sabá.

Nela, o Diabo aparece às bruxas em forma de homem, reclamando-lhes a fidelidade que será firmada em voto solene. Em troca, promete-lhes a prosperidade mundana e longevidade. Depois, as feiticeiras recomendam-lhe uma iniciante – uma noviça –, para seu acolhimento e aprovação, a quem o Diabo então pergunta: – Juras repudiar a fé e renunciar à santa religião cristã e à adoração da mulher anômala? – porque assim chamam a Santíssima Virgem Maria. – Juras nunca mais venerar os Sacramentos? Se então parece-lhe que a nova discípula está disposta a assentir com o que lhe é pedido, estende-lhe a mão, ao que ela responde fazendo o mesmo e, de braço estendido, firma o juramento e sela o próprio destino. Feito isso, o Diabo prossegue: – Ainda não basta. – E o que mais há para ser feito? – indaga a discípula. – É preciso que te entregues a mim de corpo e alma, para todo o sempre, e que te esforces ao extremo para trazer-me outros discípulos, homens e mulheres. – E assim prossegue na preleção, explicando-lhe como fazer a pomada especial dos ossos e dos membros de crianças, sobretudo de crianças batizadas; e por tudo isso, e com a sua ajuda, ela se verá atendida em todos os seus desejos.²³⁹

Existiam sabás no condado de Barby.

[...] do hábito de certas bruxas, que vai contra o instinto da natureza humana, e até mesmo contra o instinto da natureza de todas as feras, com a possível exceção dos lobos, de devorarem, como canibais, os recém-nascidos. O Inquisidor de Como, a propósito, já mencionado, nos conta: foi intimado pelos habitantes do condado de Barby a conduzir um processo inquisitório por causa de um homem que, vendo ter desaparecido seu filho do berço, saiu a procurá-lo. Acabou por encontrá-lo num

²³⁸ *Ibidem*, p. 92.

²³⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, pp. 223-224.

congresso de mulheres durante a noite, no qual, segundo declarou em juramento, as viu matarem-no, para depois beberem-lhe o sangue e devorarem-no.²⁴⁰

E no ducado de Lausanne.

Contou-lhe aquele Inquisidor que no ducado de Lausanne algumas feiticeiras cozinhavam e comiam os próprios filhos pequenos, seguindo um rito, descrito a seguir, para a iniciação de novas discípulas. Depois de reunidas, convocavam, mediante palavras mágicas, o Demônio em forma de homem, a quem a noviça era obrigada, sob juramento, a negar a religião cristã, a renegar a Eucaristia e a prometer pisotear na cruz sempre que pudesse fazê-lo sem ser vista.²⁴¹

Por vezes, Kramer e Sprenger tomaram conhecimento da ocorrência de sabás através de supostos depoimentos. Uma bruxa contou o que faziam com os corpos das crianças.

Depois as desenterramos sigilosamente e as cozinhamos num caldeirão, até que toda a carne se desprenda dos ossos e se transforme num caldo, fácil de ser bebido. Da matéria mais sólida fazemos uma pomada, que nos é de grande valia em nossos ritos, em nossos prazeres e em nossos deslocamentos; com o líquido, enchemos um cantil ou odre. Quem dele bebe, durante certos ritos, adquire imediatamente profundo conhecimento de nossa seita e se transforma em uma de nossas líderes.²⁴²

E um feiticeiro falou sobre o que acontecia durante a cerimônia.

Fui assim seduzido. Primeiro, era necessário que num domingo antes da consagração da água benta o noviço entrasse na igreja com seus mestres. Lá então, na presença destes, tinha de negar Cristo, a fé, o batismo e toda a Igreja. Depois era obrigado a prestar homenagem ao Pequeno Mestre, pois era assim que se referiam ao Diabo. Ora, o método condiz com os que já foram descritos por outras pessoas. Ademais, é irrelevante se o Diabo está ou não presente quando se lhe presta homenagem. Pois, astuto que é, não vai se mostrar ao noviço percebendo-lhe o temperamento: sua presença poderia assustá-lo e fazê-lo desdizer-se em seus votos; é sempre mais facilmente persuadido pelos que lhe são conhecidos. Portanto, na ausência do Diabo, chamam-no de Pequeno Mestre, para que, através de uma aparente depreciação de sua força, o noviço tenha menos receio. E o bruxo prosseguiu: – Bebem então do odre, já mencionado, e quem o faz imediatamente adquire o conhecimento de todas as nossas artes e um entendimento de todos os nossos ritos e de nossas cerimônias. E assim é que fui seduzido. Creio, porém, que minha esposa é tão obstinada que há de preferir ir direto para a fogueira do que confessar a menor parcela da verdade; mas, ai de mim! nós dois somos culpados. E, conforme disse o moço, assim aconteceu de fato. O jovem se confessou e foi visto morrer no mais pungente estado de contrição; a mulher, porém, embora declarada culpada por testemunhas, nada confessou da verdade, nem sob tortura, nem à própria morte; quando, porém, a fogueira foi preparada pelo carcereiro, insultou-o com as mais tenebrosas palavras e acabou por morrer queimada, vociferando palavrões e impropérios. Mediante tais relatos, portanto, revelamos como é feita a iniciação dos principiantes em conclave solene.²⁴³

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 163.

²⁴¹ *Ibidem*, p. 225.

²⁴² KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 226.

²⁴³ *Ibidem*, pp. 226-227.

De cinco referências que o *Malleus* fez ao sabá, quatro foram retiradas da obra de Nider. Tratam-se das mesmas histórias citadas por Guizburg quando estava se referindo ao *Formicarius*. Kramer e Sprenger foram fortemente influenciados por Nider, constando um total de dezesseis menções ao autor e doze menções à sua obra *Formicarius*. Isso mostra que os três autores concebiam a bruxaria como uma prática coletiva, apesar de não excluírem sua manifestação individual.

Sobre as características do sabá, já vimos que o infanticídio reforçava a ideia de que a maternidade estava reservada às mulheres honestas, e não às bruxas. No entanto, como nem sempre as bruxas matavam seus próprios filhos, a morte de bebês também estava relacionada ao adiamento do Juízo Final. Os recém-nascidos, além de serem sacrificados, eram devorados. O canibalismo pode ter relação em certa medida com a Eucaristia, que será tratada adiante.

Cabe relembrar que a negação de tudo aquilo que era sagrado era condição para firmar o pacto diabólico e que o pacto era condição para ser iniciado na bruxaria. A negação da Virgem podia ser vista como a renúncia ao ideal feminino cristão, pautado na virgindade e na maternidade. É provável que a negação dos Sacramentos fosse vista como uma afronta à autoridade da Igreja, pois representava negar o monopólio eclesiástico de fé. A Eucaristia, em específico, devia ser negada durante o sabá.

A Eucaristia é um sacramento no qual o cristão recebe a hóstia consagrada e o vinho, considerados transubstanciados no corpo e sangue de Cristo, pela primeira vez no IV Concílio de Latrão, em 1215. A meu ver, a lógica da Eucaristia aproxima-se dos relatos sobre os rituais envolvendo o sabá e a morte de bebês. O primeiro elemento de contato diz respeito à própria ideia de sacrifício, presente em ambos os temas. O *Malleus* fala sobre a constante tentativa do diabo em ofender a Majestade Divina, por tal razão é possível que, na percepção de Kramer e Sprenger, não houvesse nada mais ofensivo a Cristo do que as bruxas substituíssem o seu sacrifício pelo sacrifício da sua própria criação, os recém-nascidos.

Assim como a Eucaristia consistia na ingestão da hóstia e do vinho, transubstanciados no corpo e sangue de Cristo, os relatos informaram que as bruxas devoravam a carne dos bebês, e ainda que não bebessem o sangue, extraíam uma parte líquida que também era consumida.

Apenas o cristão que está inserido na Igreja Católica tem direito a receber a Eucaristia. De modo semelhante, notamos que as mulheres acusadas de infanticídio, eram aquelas que já estavam incorporadas à bruxaria porque já eram identificadas como bruxas. De acordo com o Catecismo da Igreja Católica:

A presença eucarística de Cristo começa no momento da consagração e dura também enquanto subsistirem as espécies eucarísticas. Cristo está presente inteiro em cada uma das espécies e inteiro em cada uma das partes delas, de maneira que a fração do pão não divide o Cristo.²⁴⁴

Assim como Cristo dividia-se nas espécies eucarísticas, ainda que estivesse inteiro em cada uma delas, o mesmo pode ser entendido sobre os infanticídios. O sacrifício de um recém-nascido dividia-se em partes. Isto é, após matarem um bebê, as bruxas eram acusadas não só de comerem ou beberem o que extraíam de seus corpos, mas também de fabricarem uma pomada que era utilizada para outras finalidades, como as práticas mágicas, as práticas sexuais e os transportes de um lugar para o outro. Se a Eucaristia era um vínculo entre os cristãos, podemos considerar que o infanticídio e canibalismo de recém-nascidos funcionava do mesmo modo para as bruxas.

Dos casos mencionados por Kramer e Sprenger, alguns fazem menção apenas à fabricação da pomada e ao líquido resultante dos corpos dos recém-nascidos. Mesmo assim, podemos entender como relatos que se referiam ao sabá, já que se tratavam de práticas que compunham a cerimônia.

Constatamos que, na realidade, o sabá não era entendido apenas como uma substituição dos Sacramentos. Creio que seja necessário compreender o sabá como a inversão e subversão de tudo aquilo que era sagrado. Dessa maneira, esses elementos não eram simplesmente negados, mas sim reapropriados.

Até aqui vimos basicamente no *Malleus*, “[...] a reverencia ao demônio, a abjuração de Cristo e da fé, a profanação da cruz, o unguento mágico, as crianças devoradas.”²⁴⁵ Todos elementos presentes no *Formicarius* de Nider e que Ginzburg identificou como precursores do estereótipo do Sabá. Ainda de acordo com Ginzburg, no *Formicarius*:

Outros elementos não menos importantes ainda faltam ou estão presentes de forma apenas embrionária: leve referência às metamorfoses, sem especificar se se trata de metamorfoses em animais; voo mágico não é de modo algum mencionado, como não se mencionam os encontros noturnos, com seus contornos de banquetes e orgias sexuais.²⁴⁶

Kramer e Sprenger não associaram exatamente as metamorfoses com o sabá, mas trataram do assunto em outros tópicos. Os autores afirmaram “[...] que o texto canônico diz explicitamente ser possível a realização, pelas bruxas, da metamorfose, embora as criaturas

²⁴⁴ CATECISMO da Igreja Católica. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p2s2cap1_1210-1419_po.html. Acesso em: 07/03/2023.

²⁴⁵ GINZBURG, Carlo, 2012, p. 89.

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 89.

geradas devam ser muito imperfeitas e, provavelmente, de algum modo, disformes.”²⁴⁷ Sobre o processo das bruxas de se autotransformarem, alertaram que era necessário se “[...] empenhar em compreender claramente o que de fato acontece quando, hoje em dia, pelos poderes do Diabo, os magos e as bruxas são transformados em lobos e em outros animais selvagens.”²⁴⁸

Já sobre o voo das bruxas, alegaram ser “[...] cada vez mais comentado e público mesmo entre pessoas comuns[...]”²⁴⁹. Era necessário comprovar que as bruxas podiam se transportar fisicamente de uma localidade a outra, para que fosse possível invalidar as opiniões de que a bruxaria se dava apenas no campo imaginário. Sobre o voo das bruxas informaram que:

De posse da pomada voadora, que, como dissemos, tem sua fórmula definida pelas instruções do Diabo e é feita dos membros das crianças, sobretudo daquelas mortas antes do batismo, ungem com ela uma cadeira ou um cabo de vassoura; depois do que são imediatamente elevadas aos ares, de dia ou de noite, na visibilidade ou, se desejarem, na invisibilidade; pois o Diabo é capaz de ocultar um corpo pela interposição de alguma outra substância, conforme mostramos na Parte I deste tratado, onde falávamos dos encantamentos e das ilusões diabólicas. E não obstante o Diabo realize tal prodígio em grande parte através da pomada – para que as crianças se vejam privadas da graça do batismo e da salvação –, parece que também consegue o mesmo resultado sem o seu emprego. Já que, vez ou outra, transporta as bruxas em animais, que não são de fato animais, mas Demônios naquela forma; e noutras ocasiões, mesmo sem qualquer auxílio exterior, elas são visivelmente transportadas exclusivamente pela força dos Demônios.²⁵⁰

Falaram de um caso de voo na cidade de Waldshut.

Contamos aqui o caso de um voo visível, feito à luz do dia. Na cidade de Waldshut, às margens do Reno, na diocese de Constance, havia uma certa bruxa tão detestada pelos habitantes da cidade que não a convidaram para a celebração de um casamento, ao qual, no entanto, esperava-se o comparecimento de todos os moradores da região. Indignada e desejosa de vingança, chamou à sua presença um Demônio. Tendo-lhe explicado o motivo de seu aborrecimento, pediu-lhe que desencadeasse uma tempestade de granizo para dispersar todos os convidados da festa; o Demônio concordou e, elevando-a no ar, levou-a até uma colina, nas proximidades da cidade, à vista de alguns pastores. Pôs-se então a cavar um pequeno fosso que deveria encher de água para poder desencadear a tempestade (pois que é esse o método que usam para provocar chuvas de pedra). Como ali não dispusesse de água, encheu o fosso com a própria urina e começou a revolvê-la com o dedo – conforme manda o ritual –, como Demônio a postos, a observá-la. Então, repentinamente, o Demônio fez todo o líquido subir pelos ares, desabando uma violenta chuva de pedras apenas sobre os convidados e os dançarinos da festa. Depois de terem se dispersado e ficarem a se perguntar qual teria sido a causa do temporal, viram que chegava a bruxa na cidade, o que levantou forte suspeita sobre ela. No entanto, depois que os pastores contaram o que viram, a sua suspeita transformou-se em certeza, pelo que a mulher foi presa. E confessou que assim procedera porque não fora convidada para o casamento. E por

²⁴⁷ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 64.

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 65.

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 238.

²⁵⁰ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 237.

esse motivo, e pelas muitas outras bruxarias que já perpetrara, acabou queimada na fogueira.²⁵¹

E de outro na cidade de Breisach.

Entre elas estava a mulher da cidade de Breisach, a quem perguntamos se só eram transportadas na imaginação ou só em corpo físico, e ela ajudou a esclarecer a questão. Disse-nos que são das duas maneiras. Contou-nos, ademais, que, quando não querem ser transportadas corporeamente mas desejam saber o que está se passando num encontro de bruxas, observam o seguinte procedimento. Em nome de todos os Demônios, deitam-se sobre o lado esquerdo e põem-se a dormir. Começa a sair por sua boca, então, uma espécie de vapor azulado através do qual conseguem ver exatamente o que está acontecendo. Quando, porém, querem ser até lá transportadas, precisam observar o método a que já nos referimos.²⁵²

Os relatos demonstram que, para Kramer e Sprenger, o voo das bruxas podia acontecer de forma física e de forma imaginária. Fisicamente podiam se deslocar de quatro modos: em demônios com forma de animais, em cadeiras, em vassouras, ou apenas pela força dos demônios. O deslocamento na imaginação faz referência à prática da oniromancia já que consistia em adentrar nos sonhos.

O transporte em demônios com formas de animais aponta a associação que se firmou entre o voo das bruxas e as cavalgadas noturnas lideradas pela deusa pagã Diana. As cavalgadas noturnas estavam inseridas no *Canon Episcopi*. Sobre ele, Boureau informou que:

Esse texto, que encontramos pela primeira vez em uma coleção canônica ou penitencial redigida por Regino de Prum (aproximadamente em 904), retomado regularmente em outras séries antes de figurar no *Decreto* de Graciano, sempre fascinou os historiadores, principalmente porque ele anunciava, cinco séculos antes, algumas formas do *sabbat* das bruxas: o autor do cânone apresentou essas crenças como simples sonhos induzidos pelo diabo que fazia crer aos espíritos fracos que podiam tirar alguma força sobrenatural de suas más relações. Nenhum dos feitos alegados tem realidade corpórea e as imagens de cavalgada noturna são comparadas a sonhos e imagens do sono ordinárias.²⁵³

Jeffrey Russel descreveu como se dava a cavalgada entre Diana e as mulheres.

Algumas mulheres pecaminosas são pervertidas pelo Diabo e desencaminhadas por ilusões e fantasias induzidas por demônios, pelo que acreditam que cavalgam à noite em animais na companhia de Diana, a deusa pagã, e de uma horda de mulheres. Acreditam que no silêncio da noite percorrem distâncias enormes. Dizem obedecer às ordens de Diana e, em certas noites, são convocadas para servi-la [...] Muitas outras pessoas também acreditam ser isso verdade, embora seja um erro pagão crer na

²⁵¹ *Ibidem*, pp. 237-238.

²⁵² KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 239.

²⁵³ BOUREAU, Alain, 2016, p. 26.

existência de qualquer outra divindade além do Deus uno [...] Tais fantasias são introduzidas nas mentes de pessoas sem fé, não por Deus, mas pelo Diabo. Pois Satã tem o poder de transformar-se na figura de um anjo de luz. Nessa forma, ele captura e escraviza o espírito de uma infeliz mulher e transforma-se em várias pessoas diferentes. Mostra ao espírito perturbado dessa mulher coisas estranhas e pessoas desconhecidas, e o conduz em fantásticas jornadas. Tudo isso acontece somente no espírito, mas pessoas sem fé acreditam que tais coisas aconteçam também no corpo.²⁵⁴

De acordo com o *Malleus*, as mulheres que acreditavam estar cavalgando com Diana ou Heródias, “[...] estão elas, na realidade, a cavalgar com o Diabo, que, tendo adotado um nome pagão, lhes faz recair todo o seu encanto.”²⁵⁵ Sobre o *Canon Episcopi* afirmaram que:

O Cânon, apesar de fazer menção explícita a certas mulheres, não se pronuncia de forma tão extensa a respeito de bruxas; estão, portanto, completamente enganados os que, por isso, veem no texto canônico referência apenas a viagens imaginárias e ao ir e vir no próprio corpo, e também os que reduzem toda sorte de superstições a fenômenos ilusórios: assim como aquelas mulheres são transportadas em sua imaginação, as bruxas o são de fato – corporeamente.²⁵⁶

Kramer e Sprenger chamaram de pitonisas as mulheres que acreditavam cavalgar com Diana. Como mencionado anteriormente, os autores acreditavam que existiam diferenças entre as bruxas e as pitonisas e que o fato das pitonisas se deslocarem através da imaginação não invalidava o argumento de que as bruxas podiam agir de forma real.

[...] parecem fundar-se em duas passagens dos Cânones onde se faz referência à condenação de certas mulheres por imaginarem que, durante a noite, saem a cavalgar em bestas com a deusa pagã Diana ou Heródias. Isso pode ser lido no Cânon. Contudo, porque semelhantes fenômenos acontecem muitas vezes por ilusão, e simplesmente se passam na imaginação, não há de ser mera ilusão todo o efeito das bruxarias, não há de se dar tão somente na imaginação, e os que assim pensam estão muitíssimos enganados.²⁵⁷

Sobre o transporte em vassouras, Isabelle Anchieta demonstrou que o objeto foi parte constituinte das representações visuais sobre as bruxas. Segundo apontou:

A domesticidade da vassoura junto às mulheres é subvertida pela bruxa. Ela transformou em um veículo de transporte, ou melhor, de fuga do espaço privado em direção às orgias sabáticas. Imaginário que incentiva a tópica de mulheres saindo pela chaminé da casa em vassouras – representando a traição feminina e seu desprezo pelas atividades domésticas e pela autoridade masculina.²⁵⁸

²⁵⁴ RUSSELL, Jeffrey B. **Witchcraft in the Middle Ages**. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1972, pp. 76-77, 291-293.

²⁵⁵ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 64.

²⁵⁶ *Ibidem*, p. 63.

²⁵⁷ *Ibidem*, p. 58.

²⁵⁸ ANCHIETA, Isabelle de Melo. **Imagens da mulher no ocidente moderno**. São Paulo: USP, 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 49.

A autora conseguiu explicar o motivo pelo qual a vassoura foi associada ao voo das bruxas. Partindo do princípio que a cadeira também é um objeto doméstico, então talvez possamos aplicar a mesma lógica aos dois itens.

Kramer e Sprenger falaram da possibilidade das bruxas se transportarem às escondidas. Por esse motivo, as acusações de que elas se deslocavam durante o dia, de forma visível, e sem o auxílio de um animal ou objeto, parecia indicar que as bruxas ostentavam formas de poder.

Exemplo disso, foi o caso mencionado acima, em que uma mulher não foi convidada para um casamento, e após isso foi acusada de bruxaria. É preciso considerar a importância da cerimônia de casamento na sociedade medieval e, conseqüentemente, o que significava estar de fora de um evento como esse. Podemos pressupor que a presença indesejada de uma marginalizada tenha sido lida como afronta aos convidados que se sentiam integrados a um corpo social. Portanto, a acusação de voo em plena luz do dia, pode ter sido utilizada para punir a ousadia de quem se fez presente onde não era desejada. Entendemos que para o *Malleus*, o voo das bruxas além de ser um componente do sabá, também significava uma provocação à sociedade cristã de modo geral.

As orgias sexuais não foram abordadas diretamente, mas o teor sexual do sabá estava condicionado à exigência da entrega dos corpos de homens e mulheres ao diabo. Após firmar o pacto diabólico, a pessoa podia ser iniciada na bruxaria durante o sabá, contanto que estivesse disposta a praticar todos os elementos que o compunham. No sabá, a pessoa era iniciada de forma pública. Aquele que firmasse apenas o pacto diabólico, era iniciado de forma privada.

3.3 – A iniciação na bruxaria

Kramer e Sprenger, chamaram a iniciação pública de cerimônia solene e expuseram que ela era “[...] realizada em conclave, com data marcada.”²⁵⁹ Já na iniciação privada, o pacto era “[...] feito ao Diabo em qualquer hora e em sigilo.”²⁶⁰. De acordo com Kramer e Sprenger, a iniciação privada:

[...] é realizada de várias maneiras. Às vezes, quando homens e mulheres são atingidos por alguma aflição corpórea ou temporal, o Diabo lhes aparece, por vezes, em pessoa, noutras lhes fala pela boca de outro indivíduo; e promete-lhes, se assentirem com seus conselhos, que por eles fará tudo o que estiver ao seu alcance. Mas nesse caso começa pedindo-lhes pequenos favores e prossegue, gradualmente, para exigências cada vez maiores.²⁶¹

²⁵⁹ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 223.

²⁶⁰ *Ibidem*, p. 223.

²⁶¹ *Ibidem*, p. 227.

Primeiramente, devemos considerar que homens e mulheres eram iniciados das duas formas e que a iniciação pública permitia que a bruxaria fosse vista como prática coletiva e organizada, porque tinha regras e uma data marcada para que a cerimônia acontecesse, e que a iniciação privada colocava a bruxaria numa dimensão de prática individual e desorganizada, já que podia ser realizada a qualquer momento.

Homens e mulheres eram iniciados de forma pública pelo mesmo motivo. A desculpa da sedução parecia ser um argumento mais plausível de ser usado por homens, e mais aceito para justificar suas faltas. Na realidade, o *Malleus* apontou que as mulheres também eram seduzidas, mas os autores da obra estavam comprometidos em desconstruir a ideia da passividade feminina, já que as mulheres tinham livre-arbítrio, mas tendiam a utilizá-lo em prol do mal.

O sabá conferia à bruxa a responsabilidade de captar novos adeptos e intermediar o pacto entre eles e o diabo. O dever transmitido à bruxa, é a prova de que a bruxaria realmente era percebida como uma prática que se renovava constantemente. Presume-se que a maioria dos novos adeptos era formada por mulheres e que essas noviças fossem jovens e virgens. Creio que seja possível chegar a essa conclusão com base naquilo que já foi discutido a respeito da relação entre idade e bruxaria e sobre a crença de que o diabo tinha predileção por virgens. Além disso, entendemos que as mulheres eram mais suscetíveis e preparadas para se encontrarem com o diabo, já que quando eram iniciadas ele estava presente na forma de homem. Os homens praticantes de bruxaria deviam acompanhar os noviços na sua iniciação, mas não parece que fossem responsáveis por recrutar pessoas. Ao que tudo indica, os noviços eram iniciados com menor frequência e, no caso deles, a virgindade não era superestimada. O fato do diabo não se mostrar ao noviço, mostra ainda que Kramer e Sprenger não acreditavam que a natureza masculina fosse preparada para o encontro com o diabólico.

Quando comparamos homens e mulheres iniciados de forma privada, não conseguimos identificar diferenças entre eles. Mas se compararmos os homens iniciados de forma pública aos homens iniciados de forma privada, reparamos que eles possuem, em comum, a mesma resistência ao diabólico. O diabo não podia se mostrar, e se aproximava dos homens lentamente para conquistá-los de forma gradual.

O paralelo entre as mulheres iniciadas de forma pública e de forma privada revela que o diabo usava meios diferentes para comprar suas almas. Algumas mulheres relutavam em se aproximar do diabo, mas acabavam sendo iniciadas de forma privada porque ele oferecia assistência em momentos de vulnerabilidade. As iniciadas de forma pública não apresentavam

nenhuma resistência e eram compradas com promessas de prosperidade mundana e longevidade, indicando o quanto eram fúteis e gananciosas. As iniciadas de forma pública mostravam um comprometimento maior porque aceitavam todas as exigências do diabo de uma só vez e se propunham a seguir todas as regras, perante toda sua nova comunidade.

Dito isto, entendemos que o sabá era uma cerimônia frequentada por homens e mulheres. Os homens apareceram menos nos casos e foram retratados como indivíduos que se opunham ao diabólico, tanto que eram capazes de se arrepender por seus pecados e de se mostrar pesarosos pelo pecado do outro. Foram vistos como vítimas que acabavam estreitando laços com o diabólico por causa da influência de alguém, possivelmente de uma mulher. Enquanto isso, algumas mulheres resistiam ao diabo, mas o público predominante dos sabás era feminino.

Essa constatação nos possibilita afirmar que as mulheres eram as que mais entregavam seus corpos ao diabo e que o ato sexual não devia ocorrer apenas com ele, já que elas praticavam sexo sem qualquer regramento. É provável que acontecesse com o diabo, bem como com os homens presentes. Portanto, o sabá era regido pelas bruxas, e sua relação com o diabo ia além da entrega da alma. O sexo diabólico era o último componente do sabá e era o responsável por desencadear todos os tormentos experimentados no final da Idade Média.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Malleus* tinha como objetivo provar que as bruxas eram reais e indicar ao leitor as melhores estratégias para lidar ou se livrar dos malefícios. As acusações foram direcionadas a partir das categorias de idade, gênero e sexualidade.

Vimos que a idade demarcava a relação que as mulheres tinham com o sexo e a relação com o sexo definia as acusações de bruxaria. As mulheres que foram suspeitas de praticarem sexo sem obedecer às normas impostas, foram consideradas bruxas. Essas bruxas foram consideradas as agentes mágicas mais supersticiosas e perigosas, até mesmo quando foram comparadas aos magos, feiticeiros e bruxos.

A relação com o sexo também era responsável por diferenciar as bruxas entre si. Ficou claro que os autores da obra estavam se referindo especificamente às bruxas modernas. Quando falaram de bruxas modernas, estavam se referindo às mulheres que eram acusadas de bruxaria na época deles.

Os males perpetrados pelas bruxas modernas excedem todos os pecados já permitidos por Deus, conforme está implícito no título desta questão. Pode-se demonstrar essa assertiva de três modos, na medida em que são pecados que envolvem perversidade de caráter, não obstante seja diferente com os pecados que se contrapõem às outras virtudes teológicas. Primeiro, de um modo geral, comparando as suas obras indiferentemente com outros crimes mundanos. Segundo, de modo particular, considerando as espécies de superstição a que são dadas e o pacto que firmam com o Demônio. E, terceiro, comparando os seus pecados com os dos anjos do mal e mesmo com os dos nossos primeiros ancestrais.²⁶²

Sobre os contrastes entre as bruxas, apontaram que:

Havemos de contar, para esclarecer essas duas dúvidas, alguma coisa a respeito da atividade das bruxas que viveram em tempos mais remotos, por volta de 1.400 anos antes da encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não se sabe, por exemplo, se eram dadas a essas práticas obscenas como o são as bruxas modernas desde então; a história, ao que sabemos, nada revela a respeito desse assunto. Mas ninguém há de duvidar que sempre tenham existido as bruxas e que, pelas suas obras maléficas, muitos males já tenham causado aos homens, aos animais e aos frutos da terra. E mais: que tenham sempre existido os incubos e os súcubos. Pois que a tradição canônica e a tradição dos doutores da Igreja têm-nos legado muitas informações a seu respeito, durante centenas de anos. No entanto, há uma diferença importante: nos tempos mais remotos, os incubos costumavam molestar as mulheres contra a sua vontade, conforme nos faz saber Nider em seu *Formicarius*, e Tomás de Brabante, no seu livro sobre o Deus universal e no outro livro, Sobre as abelhas.²⁶³

²⁶² KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015, p. 178.

²⁶³ *Ibidem*, p. 244.

Baseado na interpretação de Kramer e Sprenger, é provável que as bruxas antigas e as bruxas modernas fossem vistas como agentes mágicas que tinham poderes e objetivos diferentes. Percebemos que as primeiras estavam atuando desde os tempos remotos para prejudicar a humanidade, mas não eram tão corrompidas. Já as segundas, à medida que estreitavam laços com o diabólico, recebiam a incumbência de lançarem malefícios contra os cristãos através de meios que retardassem o Fim dos Tempos. O Fim dos Tempos estava acompanhado da crença no Anticristo e no Juízo Final, elementos importantes para compreender o discurso dos autores em relação à bruxaria.

O pacto entre bruxa e o diabo, fundamental para a ideia de bruxaria, era exclusividade das bruxas modernas. Ele não era uma novidade, pois vimos que pactos com o diabo eram conhecidos desde o século IX. No entanto, o pacto diabólico das bruxas foi interpretado de outra maneira. As bruxas modernas concederam ao pacto com o diabo outra dimensão, já que acreditavam que ele era realizado em larga escala e que as consequências eram outras, pois não gerava danos apenas para as mulheres que eram as agentes do malefício, mas sim, para toda a sociedade cristã. O pacto legitimava as bruxas como cúmplices do diabo na missão de corromperem as almas cristãs.

As ações das bruxas no final do século XV eram vistas de maneira completamente diferente das ações das bruxas na antiguidade, isso porque acreditava-se que as bruxas modernas operavam com mais urgência já que o fim estava próximo.

É possível que Kramer e Sprenger acreditassem que a melhor forma do diabo obter sucesso era ordenando que as bruxas agissem através do sexo e contra o sexo, de forma simultânea. A relação sexual entre as bruxas e os demônios sexuais resultava numa prole contaminada pelo diabólico e que era responsável por dar seguimento à bruxaria. Dentre os nascidos podia estar o Anticristo.

O Anticristo, assim como o sabá das bruxas, eram representações da inversão da lógica divina e sagrada. Segundo os autores, “[...] todas as obras maravilhosas do Anticristo e das bruxas podem ser consideradas prodígios enganadores ou falsos, na medida em que sua única finalidade é nos enganar”²⁶⁴. Anticristo e bruxa foram aproximados por terem o mesmo objetivo. Estavam inseridos um no mundo do outro.

A Idade Média cultivou a crença de que o Anticristo teria pais humanos, mas nasceria sob inspiração diabólica. No século X, Adso de Montier-em-Der, salientou que:

²⁶⁴ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 270.

Assim como o Espírito Santo entrou na Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, cobriu-a com seu poder e encheu-a de santidade para que ela concebesse do Espírito Santo e o que nascesse dela fosse divino e sagrado, assim também o diabo descera sobre a mãe do Anticristo e a encherá completamente, e a rodeará completamente, a possuirá completamente tanto por dentro como por fora, para que ele conceba através de um homem com a cooperação do diabo, e aquele que nascerá será totalmente hostil, perverso e perdido.²⁶⁵

Contra o sexo, as bruxas atuavam quando prejudicavam o ato sexual entre os casais, impediam a procriação ou assassinavam bebês. A bruxa moderna atacava todos os sacramentos, inclusive o batismo, de modo que os bebês precisavam ser mortos antes de serem batizados para que, assim, pudessem adiar o Juízo Final, momento que Deus escolheria seus eleitos.

Ora, qual o motivo desses crimes infames? Presume-se que as bruxas sejam compelidas a cometê-los a comando de espíritos do mal, às vezes contra a sua vontade. Pois o Demônio sabe que, por causa do sofrimento da perda – *poena damni* –, ou do pecado original, essas crianças são privadas de entrar no Reino dos Céus. E dessa forma é adiado o Juízo Final, quando os Demônios serão condenados à tortura eterna, porquanto o número dos eleitos é mais lentamente completado (quando este número for atingido, o mundo há de ser consumido).²⁶⁶

Kramer e Sprenger estavam convictos de que o Juízo estava próximo devido ao aumento da perversidade, pois “[...] Deus, na Sua justiça, permite a prevalência do mal, a do pecado e a do sofrimento, mormente agora que o mundo se vai esfriando e aproximando-se do seu fim[...].”²⁶⁷

Como homens do seu tempo, os autores percebiam o final da Idade Média como um período marcado pelo declínio do bem e furor do mal. Noutra passagem, destacaram que “E assim, neste crepúsculo sombrio da civilização, quando se vê o pecado florescendo por todos os lados e por todos os cantos, e a caridade desaparecendo, é que se percebe o prosperar da perversidade das bruxas e de suas iniquidades.”²⁶⁸ Os males experimentados pelos cristãos eram consequências dos pecados que as bruxas cometiam e influenciavam os outros a cometerem. Repudiar a Igreja e a atacar a verdadeira fé era a forma mais eficaz de enfraquecer o poder eclesiástico e de causar um desequilíbrio na ordem dos acontecimentos sobrenaturais.

Dessa forma, podemos concluir que a sexualidade feminina foi o tema mais debatido no *Malleus* porque, de acordo com a concepção dos autores, ela era a fonte do mal porque a maioria dos pecados eram desencadeados por ela. As acusações de bruxaria estavam diretamente ligadas

²⁶⁵ DE MONTIER-EM-DER, Adso. *De Ortu et Tempore Anti Christi*. apud CLARK, Stuart. **Pensando com demônios: a ideia de bruxaria no princípio da Europa Moderna**. Edusp, 2006, p. 453-454.

²⁶⁶ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James, 2015, p. 295.

²⁶⁷ *Ibidem*, p. 169.

²⁶⁸ *Ibidem*, p. 76.

à forma que as mulheres exerciam sua sexualidade. Nem todas as mulheres foram concebidas como luxuriosas, mas Kramer e Sprenger foram categóricos em afirmar que a natureza feminina era naturalmente inclinada ao pecado. As mulheres que eram casadas e socialmente passavam a ideia de serem regradas e contidas sexualmente foram menos incriminadas, do que as que eram suspeitas de praticarem sexo fora das normas estabelecidas pela Igreja.

Os homens, além de se aproveitarem da culpabilização das mulheres, para justificar suas próprias condutas e desempenhos sexuais, pareciam ter pavor das bruxas. Parece que a autonomia feminina era proporcional à intimidação masculina. Quanto mais uma mulher fosse vista como livre, maior era o efeito de castração sexual que ela causava nos homens. Os homens precisavam dominar para se sentirem seguros e à vontade com sua sexualidade.

Através do sexo, a bruxa se contaminava e contaminava o mundo. A exacerbação da sexualidade da bruxa era uma afronta à Igreja, aos homens, causava danos terrenos e espirituais e invertia a ordem social e econômica vigentes. Podemos considerar que, na realidade, todos esses elementos faziam com que as bruxas fossem vistas como prodígios que anunciavam o Fim dos Tempos

No embate entre o Bem e o Mal não era permitido neutralidade, por isso era preciso purgar os pecados das bruxas que maculavam a humanidade. O Juízo Final não devia ser interrompido, porque com ele viria a glória dos eleitos e a condenação eterna do diabo e suas agentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.

PASTORAL, NOVA BÍBLIA. São Paulo: Paulus, 2014

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**. trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CATECISMO da Igreja Católica.

Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap1_1210-1419_po.html. Acesso em: 07/03/2023

Bibliografia Geral

ANCHIETA, Isabelle de Melo. **Imagens da mulher no ocidente moderno**. São Paulo: USP, 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BARSTOW, Anne Lewellyn. **La caza de las brujas em Europa**. Girona: Tikal, 1996.

BETTENCOURT, Francisco. **História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

BOUREAU, Alain. **Satã Herético: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Tradução de Cláudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

BROEDEL, Hans Feter. **The Malleus Maleficarum and the construction of witchcraft**. Manchester, 2003.

CARDINI, F. **Magia, brujería, y superstición em el occidente medieval**. Barcelona:

Península, 1982.

CARO BAROJA, Júlio. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Editora Vega, 1978.

CASAGRANDE, Carla. **A mulher sob custódia**. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente*. v. 2 A Idade Média. Porto: Afrontamento, 1990.

CLARK, Stuart. **Pensando com demônios: a ideia de bruxaria no princípio da Europa Moderna**. Edusp, 2006.

COHN, Norman. **Los demônios familiares de Europa**. Barcelona, 1997.

COHN JR, S. K. **The Black Death transformed. Disease and culture in early Renaissance Europe**. Nova York: Oxford University, 2002.

DA COSTA, Ricardo. **Olhando para estrelas, a fronteira imaginária final—Astronomia e Astrologia na Idade Média e a visão medieval do cosmo**. *Dimensões*, n. 14, 2002.

DA SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão; DA SILVA, Thalles Braga Rezende Lins. **Uma Leitura Histórica da Versão Narrativa do Milagre de Teófilo por Juan Gil de Zamora**. *Revista Crítica Histórica*, v. 4, n. 7, 2013.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300–1809. Uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

DE PLANCY, Collin. **Dicionário Infernal**. Lisboa: Cavalo de Ferro, 1969.

DE SOUZA ZIERER, Adriana Maria. **O Diabo e suas múltiplas imagens nas iluminuras do Monstro Devorador e do Anjo Caído (século XV): alguns exemplos**. *Antíteses*, v. 9, n. 17, p. 12-35, 2016.

DUBY, Georges. **Eva e os padres: damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ELIADE, Mircea. **Some Observations on European Witchcraft**. *History of Religions*, v.14, n. 3, 1975.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FRANCO JR, Hilário. **Idade média: nascimento do ocidente**. 1992.

GINZBURG, Carlo. **História noturna: decifrando o sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

JARDIM, Rejane Barreto. **Ave Maria, Ave Senhora de todas as Graças! Um estudo do Feminino na perspectiva das relações de gênero na Castela do Século XIII**. Porto Alegre: PUC, 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

JONES, Prudence; PENNICK, Nigel. **História da Europa Pagã**. Portugal: Europa-América, 1999.

KORS, Alan C; PETERS, E. **Witchcraft in Europe: 1100-1700**. Philadelphia, 1972.

KUNZE, Michael. **A caminho da fogueira**. São Paulo: Campus, 1989.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. Diabo. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2006.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2005.

_____. **O Imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

LIEBEL, Silvia Regina. **O cerne das perseguições às bruxas**. Youtube, 10/05/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F0PeUodfYMQ&t=2527s>.

MAURY, Alfred. **Magia e Astrologia**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

MICHELET, Jules. **A Feiticeira**. São Paulo: Aquariana, 2003.

_____. **Historia del Satanismo e la Brujería**. Buenos Aires: Dédalo, 1989.

MUCHEMBLEAD, Robert. **Uma história do diabo: séculos XIII-XX**. Rio de Janeiro: Bom texto, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Nascimento da bruxaria: da identificação do inimigo à diabolização de seus agentes**. São Paulo: Imaginário, 1995.

_____. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru: EDUSC, 2000. NOVINSKY, Anita. **A Inquisição**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

PILOSU, Mario. **A Mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1995.

QUÍRICO, Tamara. **Peste Negra e escatologia: os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV**. Mirabilia, v.14, Vitória, 2012.

ROSE, Elliot. **A razor for a goat: problems in the history of witchcraft and diabolism**. Canada: University of Toronto, 1989.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação**. Trad. Marco Antônio Esteves da Rocha & Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

RIDER, Catherine Rosemary. **Magic and impotence in the Middle Ages**. University of London, University College London (United Kingdom), 2004.

RUNEBERG, Arne. **Witches, Demons and Fertility Magic: analysis of their significance and mutual relations in West-European folk religion**. Norwood, 1974.

RUSSELL, Jeffrey B; ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria**. Aleph, 2008.

RUSSELL, Jeffrey B. **Witchcraft in the Middle Ages**. Ithaca e Londres, 1972

_____. **História da Feitiçaria: feiticeiros, hereges e pagãos**. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

_____. **Lúcifer: o diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003.

SALLMANN, Jean-Michel. **As bruxas: Noivas de Satã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SCHMITT, J.C. **História das superstições**. Lisboa: Europa-América, 1997

SILVA, G. Carolina. **O casamento cristão na Idade Média**. São Leopoldo: Editora Oikos, 2019.

TESTAS, Gui; TESTAS, Jean. **A Inquisição**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra dos séculos XVI e XVII.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.